



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Faculdade de Educação

PAULO CESAR FRANCO

EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS E LITERÁRIAS ENTRE PESCADORES DE MANJUBA  
DE IGUAPE, LITORAL SUL DE SÃO PAULO

CAMPINAS

2024

PAULO CESAR FRANCO

EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS E LITERÁRIAS ENTRE PESCADORES DE MANJUBA  
DE IGUAPE, LITORAL SUL DE SÃO PAULO

Tese apresentada à Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Educação, na área de educação.

Orientadora: Profa. Dra. Alik Wunder

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA  
TESE DEFENDIDA PELO ALUNO PAULO CESAR FRANCO  
E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ALIK WUNDER

CAMPINAS  
2024

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

F848e Franco, Paulo Cesar, 1973-  
Experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape,  
Litoral Sul de São Paulo / Paulo Cesar Franco. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Alik Wunder.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),  
Faculdade de Educação.

1. Aprendizagem experimental. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3.  
Pescadores. I. Wunder, Alik. II. Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Philosophical and literary experiences among fishermen from  
manjuba de Iguape, south coast of São Paulo

**Palavras-chave em inglês:**

Experiential learning  
Creation (Literary, artistic, etc.)  
Fishers

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Doutor em Educação

**Banca examinadora:**

Alik Wunder [Orientador]  
Ana Maria de Campos  
Davina Marques  
Lisângela Kati do Nascimento  
Pedro Castelo Branco Silveira

**Data de defesa:** 10-07-2024

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4472-9659>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8796425227074423>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Faculdade de Educação

EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS E LITERÁRIAS ENTRE PESCADORES DE MANJUBA  
DE IGUAPE, LITORAL SUL DE SÃO PAULO

PAULO CESAR FRANCO

COMISSÃO JULGADORA:

Alik Wunder  
Ana Maria de Campos  
Davina Marques  
Lisângela Kati do Nascimento  
Pedro Castelo Branco Silveira

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Dedico esta tese de Doutorado à minha família, aos meus amigos e minhas amigas, professores e não professores, aos pescadores da Vila Nova com os quais aprendi a pescar manjuba, pessoas que valorizam o ofício da minha pesquisa e dos escritos caiçaras.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da vida pela oportunidade desta pesquisa. Aos meus saudosos pais (Pedro e Domingas: *in memória*) por terem me ensinado a pescar no mar e nos rios da vida. Aos meus irmãos pelo carinho que sempre tiveram comigo em relação aos meus estudos. À minha família, esposa Tata e filha Sophia, por me apoiarem nesta empreitada com paciência e incentivo, lendo meus textos bem como sugerindo melhorias. Aos anciãos pescadores de manjuba de Iguape e, em especial, aos da comunidade da Vila Nova onde aprendi a catar malhado e depois a pescar manjuba com meus amigos. Agradeço de coração, à minha amiga e professora doutora da Unicamp, Alik Wunder, que é minha orientadora nesta pesquisa e que me acompanha desde meu ingresso na Escola Caiçara da Juréia-ECJ, em 2003. Agradeço aos meus amigos(as) da Associação dos Jovens da Juréia-AJJ, meus amigos(as) do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP e muitos outros parceiros e parceiras da Educação do Campo do Vale do Ribeira. Dentre eles, destaco com consideração: Helder, André, Conceição, Washington, João Marcelo, Irineu, Adriano, Deco... Agradeço a meus amigos da E.E. Sebastiana Muniz Paiva com os quais atuei no projeto Espaço Caiçara. Agradeço aos ilustradores e ilustradoras desta tese: Tiphany, Karina, Victor Hugo, Mara Zine e Deco. Agradeço ao meu amigo Rodrigo, antropólogo que me deu dicas sobre a formatação deste texto. Agradeço à Karina, que me ajudou muito na leitura do texto e nas ilustrações do início dos capítulos. À minha banca formada pela amiga Aninha, pessoa que conheci junto à minha orientadora do Mestrado, professora Dulce. Amiga Kati, professora ligada à USP/Nupaub, que é uma grande educadora do Vale do Ribeira. Agradeço à amiga Davina e ao professor Pedro que me ajudaram nesta empreitada. Davina conheci presencialmente e Pedro à distância. Também agradeço ao amigo Zé Luiz, Heloísa e Calu pela suplência da banca. Sou agradecido à jornalista iguapense Lilian Rochael que revisou este texto e que mantém parceria desde o projeto do jornal Voz Caiçara publicado, outrora, pela AJJ.

## RESUMO

Essa tese é sobre experiências filosóficas que se fazem nos modos de ser e viver de pescadores caiçaras. A pesquisa tem contribuição da metodologia cartográfica, que se propõe a acompanhar processos, e da pesquisa participante colocando em relação de pensamento e criação um pesquisador caiçara, educador e escritor com uma comunidade pesqueira de Iguape. A cartografia dessas experiências filosóficas acontece por meio de três personagens fictícios denominados Tapari, João Zito e Nhá Domingas. Tapari constitui o personagem principal da pesquisa misturado à biografia do pesquisador, enquanto os dois últimos partem das histórias de vida dos anciãos da comunidade pesqueira, com quem Tapari dialoga. Defende-se um conceito de experiências filosóficas para expressar as potências literárias que estão presentes no modo de vida dos pescadores caiçaras de Iguape. Tapari dialoga com a ideia de vida no modo simples como um pescador conversa com seu amigo rio, com a praia e com a mata. Tapari também aponta a relação da humanidade com a natureza e sua integração com o cosmos. A tese é organizada em lanços como uma rede que é lançada ao mar em busca das manjubas. Nos lanços, Tapari relata experiências de sua vida com a pesca e o mutirão caiçara. São lanços que perpassam sua existência e marcam sua infância na Juréia, depois sua adolescência na Vila Nova, onde aprendeu a pescar manjuba, um lugar que continua transformando sua vida como professor e pesquisador caiçara. Nhá Domingas é uma personagem que expressa vitalidade, força e a presença marcante feminina na cultura caiçara. Ela traz a força de mulher persistente que viveu a experiência dos partos caseiros junto à sua mãe e conseguiu espaço junto aos fandangueiros para fazer com que sua voz, poesia e jeito de mulher registrassem sua marca no Fandango Caiçara da Juréia. O texto final, intitulado “Fechando o lanço” trata-se de um manifesto, no qual retoma-se a ideia das experiências filosóficas de pescadores e convida os autores e as autoras para uma conversa no porto de pesca, finalizando com um jantar com aperitivo de manjubinhas e cataia.

**Palavras-chave:** Experiências Filosóficas; Literárias; Pescadores Caiçaras.

## ABSTRACT

This thesis is about philosophical experiences that take place in the ways of being and living of caiçara fishermen. The research is contributed by cartographic methodology, which aims to monitor processes and participatory research, placing a caiçara researcher, educator and writer in a relationship of thought and creation with a fishing community in Iguape. The cartography of these philosophical experiences takes place through three fictional characters called Tapari, João Zito and Nhá Domingas. Tapari constitutes the main character of the research mixed with the researcher's biography, while the last two are based on the life stories of the elders of the fishing community, with whom Tapari dialogues. A concept of philosophical experiences is defended to express the literary powers that are present in the way of life of the caiçara fishermen of Iguape. Tapari talks to the idea of life in the simple way a fisherman talks to his river friend, the beach and the forest. Tapari also points out humanity's relationship with nature and its integration with the cosmos. The thesis is organized in sections like a net that is thrown into the sea in search of manjubas. In the sections, Tapari recounts his life experiences with fishing and the caiçara joint effort. These are sections that permeate his existence and mark his childhood in Juréia, then his adolescence in Vila Nova, where he learned to fish for manjuba, a place that continues to transform his life as a caiçara teacher and researcher. Nhá Domingas is a character who expresses vitality, strength and the striking female presence in Caiçara culture. She brings the strength of a persistent woman who lived the experience of home births with her mother and found space with the fandagueiros to make her voice, poetry and way of a woman register her mark on Fandango Caiçara da Juréia. The final text, entitled "Closing the haul", is a manifesto, which takes up the idea of the philosophical experiences of fishermen and invites the authors to a conversation at the fishing port, ending with a dinner with an aperitif. of manjubinhas and cataia.

Keywords: Philosophical Experiences; Literary; Caiçaras Fishermen.

## SUMÁRIO

<b>LANCEAR</b> -----	<b>10</b>
<b>COLOCANDO A CANOA NA FIADA</b> -----	<b>13</b>
<b>ABRINDO O LANÇO: da Juréia da minha infância à Vila Nova da minha adolescência e docência</b> -----	<b>20</b>
<b>PRIMEIRO LANÇO: um de vários: o rio que desce da serra para o majestoso Oceano Atlântico</b> -----	<b>39</b>
<b>SEGUNDO LANÇO: a reponta da maré enquanto tempo de germinar palavras da pesca da manjuba</b> -----	<b>49</b>
<b>TERCEIRO LANÇO: trajetórias, pesquisas, amizades e ilustrações</b> -----	<b>59</b>
<b>QUARTO LANÇO: uma conversa entre Tapari e João Zito sobre experiências filosóficas</b> -----	<b>71</b>
<b>QUINTO LANÇO: Nhá Domingas e seu balaio poético de versos filosóficos</b> -----	<b>100</b>
Juréia da minha infância -----	106
Lavando roupas no Ipiranga -----	105
Vida Caiçara-----	108
Cajueiro da Juréia -----	108
“Meninhazinha” -----	109
Picaré-----	110
Pão caiçara-----	110
Na folha da bananeira -----	111
Barranco do Ipiranga -----	111
Farofa de ovos -----	112
<b>FECHANDO O LANÇO: manifesto por uma educação de pescadores que valorize as experiências filosóficas na pesca da manjuba</b> -----	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	<b>128</b>
<b>APÊNDICE</b> -----	<b>133</b>
<b>ANEXOS</b> -----	<b>141</b>

## LANCEAR

Lanceie com a imaginação, com o seu coração. Leve sua amizade para a ponta de seus dedos e, por meio deles, teça os nós que compõem as malhas de sua rede. Faça devagar cada malha, sem pressa de, e permita que seu ser converse com sua criação. Deixe o vento leste que suaviza sua mente, os cantos dos pássaros que afaga seus ouvidos, o pôr do sol que embeleza a tarde, o cheirinho do café que te traz felicidade integrarem tudo no seu ofício de tecimento para que os nós das malhas alinhavam também suas experiências num tecido maior, mais amplo...

Tecer uma rede é criar. É fluir entre a imaginação e os dedos da mão uma *panagem* de malhar entrecortadas por nós fixos e aparentes. Lancear é soltar a *panagem* adequada em busca dos peixes na invisibilidade da água. Lancear experiências filosóficas é descobrir, perceber e valorizar o que acontece nas vivências dos pescadores caiçaras de Iguape enquanto marca que os identificam como tais.

Tapari sentia vontade de *catar malhado* na corrida, mas não tinha coragem e, tampouco, iniciativa. Quando chegava à praia do Mar Pequeno para *catar o malhado* nos lanços; durante a *repona da maré*, poucas vezes conseguia interagir com seus amigos e também não tinha a mesma agilidade que eles na hora de catar as manjubas da rede. Sua sacolinha de malhados ficava sempre pela metade em comparação as dos amigos quando iam vender no caminhão do atravessador.

Tapari era um menino magrinho, usava um calção vermelho, uma camiseta preta e um bonezinho branco para não sofrer com o sol escaldante do verão, e trazia sempre uma sacolinha de lado.

Quase sempre gostava de se sentar afastado dos pescadores e da criançada. Nas meditações que fazia isolado não faltava a vontade de catar malhado na corrida. Mas, como poderia realizar tal desejo se não conseguia bom desempenho ali na praia do Mar Pequeno onde a pescaria era tranquila? Conseguiria ser diferente na corrida onde o lanço de manjuba acontecia entre a foz do rio Ribeira e o mar? Aguentaria caminhar horas para chegar à corrida onde haveria mais crianças catando malhado? Tapari convivia com questões inquietantes!

O corpo magrinho de Tapari movimentava um ser de indagações. Apesar da dificuldade de catar malhado, Tapari queria aprender o ofício dos adolescentes e se tornar um

pescador de manjuba como os anciãos experientes. A esperança que havia em Tapari movimentava seu ser à procura de sentidos.

Certo dia, Tapari encontrou com João Zito no *porto de pesca*. O ancião tinha um lenço na cabeça, camisa cinza de mangas longas e calça arregaçada nas pernas. Seu hábito maior era tecer rede na sombra de uma árvore de onde enxergava a reponta da maré. João Zito tinha uma família acolhedora que causava bem-estar em Tapari. A conversa com João Zito transmitia-lhe confiança e otimismo que o permitia falar sobre sua vontade de catar malhado na corrida. João Zito foi aconselhando Tapari em como fazer para se tornar um adolescente capaz de catar malhado na praia do Mar Pequeno e na corrida. João Zito lhe contou sua história desde criança até aquele momento de sua vida, e o relato de experiência foi empoderando Tapari.

Além dos conselhos que deu a Tapari, João Zito também indicou Nhá Domingas para fortalecer ainda mais as orientações para que o adolescente realizasse seu desejo. Nhá Domingas era uma parteira caiçara, fandagueira, poetisa, artesã e construtora de cerco de taquara. A anciã era viúva e morava com sua filha na comunidade da Vila Nova, que fazia vizinhança com a família de João Zito. Nhá Domingas conheceu Tapari e o recebeu em sua casa por um longo período. Fizeram amizade duradoura e, com seus versos, encorajava Tapari. Escrevia com Tapari palavras que o ensinava a acreditar em si mesmo:

Desce “Tapari” pela praia afora  
 Olha firme o lanço que se aproxima  
 Entra no meio da molecada e faz como eles  
 Confia em ti como aquele que faz o que você gostaria de fazer  
 Experimenta pegar a primeira manjuba que vem na rede  
 Acredita que você fará como os outros que venderão seus malhados  
 Não esqueça que você encherá sua sacolinha  
 Você também vai vender ao caminhão do atravessador

Segue “Tapari” pela praia em direção à corrida  
 Convida um amigo ou amiga para sua companhia  
 Conversem sobre seus medos, é permitido!  
 Chegue à corrida e acredite que vai dar certo  
 Tenha consciência do perigo  
 Lembre-se que você pode conseguir seu objetivo

Tente, o não você já tem contigo.

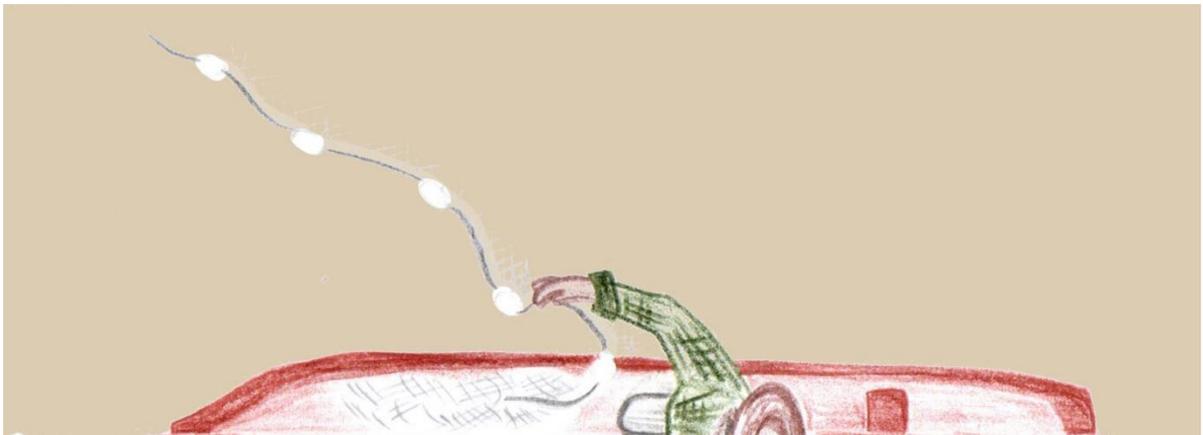
Tapari conseguiu viver a experiência de catar manjuba na corrida. Cresceu, tornou-se um pescador e depois decidiu ser professor. Sua história sempre esteve colada à sua docência. Quando teve oportunidade resolveu relatá-la em forma de pesquisa acadêmica. Dentre tantas temáticas que poderia cartografar, escolheu as experiências filosóficas entre pescadores caiçaras, aquelas que viveu com os pescadores de manjuba da Vila Nova e, “principalmente”, com o apoio incondicional de João Zito e Nhá Domingas que o ajudaram a realizar seu sonho de catar manjuba na corrida.

# COLOCANDO A CANOA NA FIADA

*Não preciso que me digam de que lado nasce o sol, porque bate lá meu coração.*

Belchior

Figura 01: Meia canoa simbolizando a posição de fiada



Fonte: Karina Ferro Otsuka

Na pesca da manjuba, colocar a canoa na *fiada* significa chegar primeiro à praia do *Mar Pequeno* e *desvarar* a canoa com a rede deixando-a na água à espera da *reponta da maré*. Normalmente, quem chega primeiro à praia é um ancião experiente que nesta pesquisa é representado por João Zito. Os próximos que chegam aumentam a *fiada* com suas canoas. Os

últimos são os *rabeiros* e podem lançar antes da *reponta da maré* com autorização do *frenteiro*. Os *rabeiros* realizam os lanços de experimentos, pois são os últimos da *fiada*.

Falando em colocar a canoa na *fiada*, lembro-me do território da Juréia onde nasci e cresci vendo os barcos pescarem em fileira no mar durante todo o dia e à noite, bem como as canoas que seguiam juntas e rebocadas pelos rios transportando os caixas para suas casas ou para as comunidades onde aconteciam os mutirões de Fandango. Olhando a imensidão do mar, os movimentos das ondas, me surge a ideia de *fiada*. Assim não é diferente as ondulações esverdeadas do morro, o soprar do vento leste, o luar serenado, o pôr do sol de saudades.

Esta apresentação, intitulada “Colocando a canoa na fiada: Apresentação dos lanços” tem a finalidade de introduzir as etapas desta pesquisa como se fossem *fiadas*. *Fiadas* de capítulos que vão se movimentando em forma de lanços de palavras.

Esta tese de doutorado é sobre experiências filosóficas que se faz nos modos de ser e viver dos pescadores caixas. Experiência é uma palavra de origem latina, *experiri*, que segundo o filósofo espanhol Jorge Larrosa (2002) significa “[...] provar, experimentar e é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (Larrosa, 2002, p.25). Já a palavra filosofia tem origem na Grécia Antiga e foi inventada por Pitágoras de Samos por volta do século V a.C.

Observando três tipos de pessoas que frequentavam os Jogos Olímpicos, Pitágoras dizia que os comerciantes pouco se importavam com as competições porque o objetivo deles era a comercialização dos produtos. Os atletas, embora estivessem cumprindo seus papéis individuais, conseguiam interagir com as atividades físicas de modo responsável. O terceiro tipo de pessoa, que era o espectador, parecia-se com o filósofo, pois Pitágoras via nela a possibilidade da contemplação das coisas uma vez que se posicionava mais distante dos jogos e tinha uma visão geral dos acontecimentos. Assim, com base nessa comparação, Pitágoras inventou a palavra filosofia unindo dois termos distintos. O primeiro deles é o termo *Philos* que significa amor, amizade e, o segundo, é *Sophia* que quer dizer sabedoria. Amigo da sabedoria foi a definição de filósofo(a) que Pitágoras conseguiu encontrar no modo como o espectador conseguia olhar as coisas de longe, com abrangência e totalidade.

Segundo Marilena Chauí (2004),

Pitágoras queria dizer que o filósofo não é movido por interesses comerciais - não coloca o saber como propriedade sua, como uma coisa para ser comprada e vendida no mercado; também não é movido pelo desejo de competir - não faz das ideias e dos conhecimentos uma habilidade para vender competidores ou “atletas intelectuais”; mas é movido pelo desejo de observar, contemplar,

julgar e avaliar as coisas, as ações, a vida; em resumo, pelo desejo de saber. A verdade não pertence a ninguém, ela é o que buscamos e que está adiante de nós para ser contemplada e vista, se tivermos olhos (do espírito) para vê-la (Chauí, 2004, p.17).

Conforme Chauí, a filosofia indica “[...] um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, a estima, o procura e o respeita” (Chauí, 2024, p.17). O filósofo brasileiro, Silvio Gallo (2013), entende que “[...] se a filosofia é um amor pela sabedoria, isso quer dizer que ela não é a sabedoria, mas sim uma relação com o saber, que implica um movimento de construção e de busca de sabedoria” (Gallo, 2013, p. 12).

Assim, filosofar é experimentar a amizade que se estabelece com a sabedoria. O filósofo não é o dono do saber, mas amigo dele. Ser amigo não é prender, mas ser incentivador das potencialidades. A filosofia surgiu na Grécia e desenvolve-se no mundo europeu onde paulatinamente foi rompendo com a visão mitológica de cosmo para se estabelecer como um pensamento racional que separa o senso comum da consciência filosófica e ajuda a embasar a ciência teórica no movimento da análise, reflexão e crítica.

O leitor desta tese perceberá que não é por essa abordagem filosófica que caminha a pesquisa, mas pela via das experiências filosóficas que desenvolvo a partir de autores e autoras da filosofia da educação, bem como a partir de pensadores não acadêmicos que pensam a partir de suas experiências em comunidades, quilombos, florestas e aldeias.

Os capítulos estão divididos em lanços. Lancear para o pescador de manjuba de Iguape/SP é soltar a rede nas águas do *Mar Pequeno* para capturar os peixes que lá estão invisíveis. Para esta pesquisa, lancear significa encontrar as palavras que estão invisíveis nas águas, nos *portos de pescas*, nas matas e nos diversos espaços do território caiçara.

No “Abrindo o lanço: da Juréia da minha infância à Vila Nova da minha adolescência e docência”, faço o relato sobre meu nascimento de parto caseiro na comunidade tradicional da Juréia e enfatizo a importância do ofício da saudosa parteira dona Zulmira que me ajudou a vir a este mundo, minha relação com a pesca no mar e no rio, minha participação nos mutirões de Fandango, minha experiência na escola de meu tio Renato, o ouvir o *zoad* do mar para acertar o lanço pesqueiro na *repona da maré*.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, fui convidado por uma ex-aluna do Ensino Médio da Escola Estadual Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira/Iguape/SP, Vanessa Muniz Honorato, para participar da banca de defesa de seu TCC, que foi intitulado “Racismo Ambiental na Juréia: impacto da Estação Ecológica (ESEC) na medicina tradicional”, apresentado no ano de 2023, no curso de Educação do Campo da Universidade Federal do

Paraná-UFPR, no Campus de Matinhos. Lendo o TCC de Vanessa, tive a ideia de pedir para a professora da Escola Caiçara de Educação Infantil do Grajaúna/Rio Verde, Karina Ferro Otsuka, amiga da Vanessa, uma ilustração sobre um parto caseiro para abrir o capítulo da minha tese. Karina, que é adepta da humanização, além de aceitar o convite para fazer a ilustração introdutória, assumiu de bom grado a responsabilidade de ilustrar todas as outras aberturas dos capítulos-lanços. Foi uma imensa alegria para mim quando ouvi de Karina que ganharia suas ilustrações e passei a refletir sobre a importância de ter participado da banca de Vanessa, pois através do convite desta minha ex-aluna me foi possível ganhar os traços introdutórios que embelezaram minha tese.

Retomando à trajetória de Vanessa e Karina, é fundamental mencionar que ambas são mães, professoras e moradoras da comunidade tradicional caiçara do Rio Verde/Grajaúna. Vanessa concluiu recentemente a graduação em Educação do Campo pela UFPR e Karina é escritora, artista, e com seu esposo, Edmilson, escreveu o livro intitulado “Pia Pio, Pia Martim”. A escola onde as duas trabalham, que é denominada Escola Caiçara de Educação Infantil, é um projeto que dá continuidade à Escola Caiçara da Juréia-ECJ, que funcionou na comunidade da Cachoeira do Guilherme, coração da Juréia, durante os anos de 2000 a 2005. Na ECJ comecei minha carreira de professor no magistério paulista e sobre este assunto irei detalhar mais à frente. Vanessa e Karina bem como Daiane, que é moradora da comunidade e também universitária, pesquisam e valorizam o uso dos remédios medicinais, parto caseiro e promovem o empoderamento feminino dentro da comunidade.

No Primeiro lanço: “Um de vários: o rio que desce da serra para o majestoso Oceano Atlântico”, que corresponde ao segundo capítulo, apresento uma conversa entre dois personagens. Tapari, que em Guarani significa “rio de peixes” ou “mata entrelaçadas de cipós”, e João Zito que é um ancião pescador caiçara, artesão e contador de histórias. A conversa entre eles acontece sobre o rio Ribeira de Iguape, que de forma poética, João Zito descreve suas experiências filosóficas com o rio, com a praia e com a mata. Tapari, que é um pensador caiçara, quer captar na conversa com João Zito a essência das experiências filosóficas. Para tanto, senta-se ao lado do ancião para ouvir atentamente a descrição do ambiente pesqueiro. Quando João Zito fala sobre a *repona maré*, Tapari percebe a profundidade da experiência filosófica que vem daquela conversa e guarda consigo o ensinamento. No decorrer da fala entre os dois, aparece Nhá Domingas para enriquecer a conversa e compartilhar potentes experiências filosóficas dando mais vitalidade aos movimentos das palavras que expressam e fortalecem a pesca da manjuba de Iguape.

O Segundo lanço, “A reponta da maré enquanto tempo de germinar palavras da pesca da manjuba” trata de um momento de parada, escuta, expectativa e aprendizado. Desde criança Tapari aprendeu com seus pais, no território da Juréia, que a *reponta da maré* era um momento de escutar o mar. Durante a *reponta da maré*, o mar se comunica com os caiçaras por meio do *zoado*. Tapari ficava na porta da sala, ao lado de sua irmã, ouvindo o *zoado* do mar para entender a “*fala*” das ondas. Mais tarde, quando Tapari foi morar na comunidade da Vila Nova, onde passou a pescar manjuba, conheceu João Zito e Nhá Domingas com quem aprendeu e viveu muitas experiências filosóficas durante a *reponta da maré*. Aprendeu que os pescadores vivem suas experiências filosóficas enquanto esperam o momento de lançar, pois neste tempo contam histórias, compartilham saberes e são felizes da vida. Durante a *reponta da maré*, o ancião João Zito ensina aos pescadores mais jovens a identificarem a *pitueira* na maré de enchente que sobe pelo *Mar Pequeno*.

O Terceiro lanço, que trata sobre “trajetórias, pesquisas, amizades e ilustrações” constitui um espaço onde apresento as ilustrações que recebi de amigos e amigas ao longo de minha trajetória de professor e pesquisador caiçara. As duas primeiras ilustrações foram produzidas e doadas por minha ex-aluna, Tiphany Martins, estudante da Escola Estadual Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira/Iguape/SP, que participou de um projeto coordenado por mim que intitulei “Juréia da minha infância”. Na sequência estão as ilustrações de Victor Hugo da Silva Iwakami que é doutorando em educação pela Unicamp e pesquisa a temática voltada aos estudos imagéticos com foco no intenso encontro com povos originários. As demais ilustrações foram produzidas e doadas por Vanderlei Ribeiro (Deco) que é professor de História da Rede Pública Estadual de São Paulo e artista visual, atuando na área desde 1992. Deco participou do Movimento artístico “Dissipação Visual”, em Miracatu -SP, nos anos 1990, que visava entender, pensar e expressar o Vale do Ribeira a partir das artes. Desde lá, vem realizando trabalhos artísticos experimentais, cujo tema é o Vale do Ribeira e ilustrando livros de autores da região ligados às Comunidades Quilombolas e Caiçaras. Outra ilustradora é Mara Cristina de Souza Santos, promotora cultural, escritora, fanzineira desde a década de 1990, artista visual, desenhista, designer gráfica e web, editora independente, idealizadora e curadora da Fanzineteca Fabiana Menassi, em Ilha Comprida – SP. Mara coordenou o projeto “Tapari Caminhos da Cultura Caiçara na Juréia” que deu origem ao livro “Tapari e suas narrativas caiçaras”, onde estão originalmente publicadas as ilustrações destes artistas.

No Quarto lanço “Uma conversa entre Tapari e João Zito sobre as experiências filosóficas” estabeleço um encontro entre esses dois personagens para elucidar o conceito de

experiências filosóficas fundamentado por meio de ideias de pensadores acadêmicos, não acadêmicos e pescadores de manjuba. Tapari relata sua relação com as palavras filosofia e experiência, desde o Ensino Médio até ingressar na Universidade. Na conversa, Tapari aproxima-se de João Zito para ouvir dele os relatos sobre as experiências filosóficas que viveu e que ainda vive no *porto da pesca* do *Mar Pequeno* e na mata onde se cultivam as roças de mandioca. João Zito conversa com Tapari sobre sua experiência de pescador de manjuba contando como começou a pescar e como chegou à condição de mestre de canoa.

O Quinto lanço, intitulado “Nhá Domingas e seu poético balaio de versos filosóficos” trata da história de uma anciã pescadora, fandagueira, artesã, poetisa e contadora de histórias que mantém um balaio de poesias guardado embaixo de sua cama. Nhá Domingas conversa com Tapari sobre as experiências filosóficas que viveu ao longo de sua vida como parteira, fandagueira, pescadora e construtora de cerco de taquara onde pesca tainhas, vivócas, paratis e outros peixes do *Mar Pequeno*. Nhá Domingas relata suas experiências filosóficas de forma poética e expressa nas suas palavras a resistência da mulher caiçara mediante o poderio cultural masculino caiçara. Nhá Domingas é uma representante da sensibilidade, força e resistência da mulher caiçara.

O Fechando o lanço, “Manifesto por uma educação de pescadores” é a parte conclusiva da tese onde procuro responder aos problemas que perpassam os lanços. Trago sugestões em forma de manifesto por uma educação caiçara que busque conhecer, valorizar e conversar com as experiências filosóficas que ocorrem nos *portos de pesca* de manjuba em Iguape. Proponho desafios, rotas de fugas para pensar uma possibilidade de educação que escute e valorize as narrativas de Tapari, João Zito e Nhá Domingas enquanto conhecedores e conscientizadores do que é a pesca de manjuba em Iguape. As experiências filosóficas vão além da pesca da manjuba, elas propõem uma nova possibilidade de se pensar o território caiçara a partir da pesca sustentável. Pescar sustentavelmente é também cuidar do meio ambiente para que os recursos naturais sejam usados pela geração vindoura. A pesca é uma forma de entrada para uma discussão sobre o território caiçara onde se encontra a riqueza dos pescadores caiçaras, que vivem entre o rio, a praia e mata e que merecem continuar vivendo outras experiências filosóficas.

As palavras que aparecem em *itálico*, ao longo do texto, apresentam seus significados no glossário desta tese, situado após as referências bibliográficas. As palavras em *itálico* são termos típicos que nascem das experiências filosóficas a partir do cotidiano da pesca, dos mutirões e de tantos outros afazeres caiçaras.



## **ABRINDO O LANÇO**

# **Da Juréia da minha infância à Vila Nova da minha adolescência e docência**

*Que a importância de uma coisa há de ser  
medida pelo encantamento que a coisa  
produza em nós.*

Manuel de Barros

Figura 02- Parto caseiro



Fonte: Karina Ferro Otsuka

### **Juréia da minha infância**

Juréia da minha infância,  
infância d'onde aprendi  
a pescar nas redondezas  
garoupa e parati.

O parati pescava na rede,  
a garoupa no varejão,  
os dois defumava no tupé,  
para preparar um delicioso pirão.

Nas tardes de lua cheia,  
na roça ia espiar,  
os cabritos na tiguera,  
para uma boa carne saborear.

O tempo passou depressa,  
tudo aquilo já se foi,  
meu desejo de infância,  
ficou na tela de um computador.

Mesmo que eu queira voltar  
à Juréia da minha infância,  
lá os peixes não estão mais,  
nem os tupés das vizinhanças.

O jeito de não esquecer  
à Juréia da minha infância,  
é revisitando meus quadros,  
que carrego nas lembranças.

Ouço desde pequeno que Juréia foi uma mulher indígena muito bonita que viveu nas cercanias da serra do Itatins, em Iguape, litoral sul do estado de São Paulo. Sua beleza era tanta que a fazia disputada entre os guerreiros da região. Certo dia, quando Juréia estava se banhando numa cachoeira em meio à Mata Atlântica, apareceu Peruíbe, guerreiro da aldeia de Pogoçá, que se encantou com a indígena. Ambos se assustaram um com o outro, tentaram se separar, mas a atração entre eles foi tão forte que juntos entraram na límpida e deliciosa água daquela nascente selvagem.

Abraçados e extasiados espiritualmente, Juréia revelou a Peruíbe o segredo de sua beleza apresentando a lama negra que a fazia rejuvenescida a cada dia. Cobertos inteiramente do milagroso mineral, ambos duvidavam se estavam vivendo um sonho ou a plenitude da vida. Quando chegou a hora de retornarem às suas aldeias, os apaixonados emocionados, tiveram muita dificuldade em admitir a separação. No entanto, tiveram que se separar e chegando cada qual em sua morada, relataram o ocorrido aos seus respectivos caciques. Estes, por sua vez, temendo algum tipo de ataque, pois Juréia e Peruíbe eram pertencentes a povos rivais, procuraram imediatamente os pajés para que pudessem consultar os deuses. Em obediência à divindade, o líder espiritual de cada aldeia ordenou que os apaixonados fossem enclausurados em toca de pedra. A partir desse dia, Juréia e Peruíbe nunca mais puderam se ver, mas a paixão entre eles foi aumentando em seus corações até que seus corpos se encantaram em bola de fogo. Transformados quimicamente pelo amor que sentiam, os indígenas escolheram à noite para viverem o romance proibido. Assim, as cachoeiras, taperas e sambaquis são clareados durante as noites de quaresma, quando os apaixonados passam por estes locais tentando se encontrar. Conta-se que a cada sete anos os apaixonados, em forma de bola de fogo, seguem para os picos do Pogoçá e Itatins, montanhas mais altas da região, e de lá voam transformados em tucanos dourados ganhando a imensidão do Oceano Atlântico. A certa altura do mar, o casal de aves se colide transformando-se numa enorme e colorida explosão de fogo que clareia toda a Juréia. Quem consegue ver esse espetáculo vive sete anos de felicidade. Essa narrativa deu origem ao nome da serra da Juréia e da cidade de Peruíbe.

Minha saudosa e querida mãe, quando contava essa narrativa da Juréia também a relacionava com narrativas de minha infância no território caiçara. Juréia atualmente é o nome de uma Unidade de Conservação de aproximadamente 80.000 hectares, que abrange os municípios de Iguape, Miracatu, Itariri e Peruíbe. No tempo de meu nascimento, Juréia era uma pequena comunidade que tinha esse nome por conta da história que foi descrita acima. Das tantas vezes que me contou essa história, minha mãe sempre lembrava que eu nasci numa noite

de lua cheia e que pelas frestas da parede de bambu entravam réstias de luzes que ajudavam a clarear o ambiente do quarto onde ela esperava minha chegada a este mundo. Ela contava que na *Passanguva* havia um lampião a querosene com luzerna à meia vida e que, dependurado no esteio central da casa avistava-se uma espingarda cartucheira que se mantinha fria e inerte no tempo.

No canto do quarto, um cesto de timbopeva guardava em silêncio as roupas que ela me vestiria após meu nascimento. Horas antes, ouvia-se o *zoad* do mar que em companhia da noite enlustrada envolvia o seu corpo deixando-a mais tranquila para o movimento do parto. Vindo por meio das folhas dos bambueiros, o sereno gotejava sobre o telhado de sapé enquanto o vento soprava as palhas da cobertura, produzindo um barulho intermitente. A dor aumentava no ventre de minha mãe quando a *maré repontava* na costa do mar. A lua se colocava a pino e o corpo dela se espichava todo para me lançar ao mundo. Dona Zulmira acompanhava e se preparava para me partejar.

Nascido no território caiçara, chorei de susto quando meu pulmão começou a respirar o oxigênio puro da Mata Atlântica litoranizada pelas caúnas, caxetas, umbaúbas, ipês, araçás... Chorei no momento que as ondas beijavam a praia trazendo o salitre para as *catas de pegoavas, dos babacarês, dos mariscos brancos* prateados pelo intenso e límpido brilho da lua que ia se pondo em plena noite serena. A brisa úmida que chegava da serra da Juréia perdia força e permitia que o bambuzal fosse aos poucos silenciando. Meu choro ainda continuava pela madrugada até que o leite de minha mãe começasse a alimentar meu corpo sedento pelo líquido materno da vida. Minha primeira roupinha, costurada com retalhos de panos diversos, saiu do cesto de timbopeva para aquecer meu tenro e pequeno corpo que se acalentava envolto ao braço de minha mãe. Após o esforço do parto, conseguimos repousar na tarimba enquanto a lua desaparecia entre as ramagens das cauneiras.

Amanhecia quando a minha placenta fora enterrada ao lado de um pé de limão rosa onde funcionava um *ciscal*. Havia conchas de *babacarês, pegoavas, saguaritás*, marisco da pedra e marisco branco... Parte de minha ex-morada do ventre de minha mãe passaria a servir de adubo para alimentar o limoeiro que ajudava no tempero dos peixes e dos moluscos retirados da areia da praia e que compunham a alimentação caiçara.

Dona Zulmira cuidou da minha mãe e de mim com muita dignidade. Havia na vida daquela senhora um senso de comprometimento e responsabilidade pelo trabalho de ajudar a trazer as pessoas ao mundo. As parteiras da Juréia eram solicitadas em vários lugares e muito dificilmente negavam o serviço voluntário. O nascimento de muitos meninos e meninas caiçaras

tiveram a ajuda delas. Dona Zulmira usava as mãos, remédios caseiros e a experiência para ajudar as pessoas a chegarem a este mundo. Eu fui um deles. Sempre que leciono sobre o filósofo Sócrates lembro-me das parteiras da Juréia. Lembro-me de dona Zulmira e da analogia que o filósofo grego fazia de seu método de ensino chamado maiêutica que tinha relação com o ofício de parteira de sua mãe. A maiêutica socrática acontecia de forma semelhante ao trabalho de parto, pois assim como sua mãe ajudava as crianças a nascerem, Sócrates ajudava as pessoas a parirem as ideias. Sócrates realizava seu trabalho educativo na Ágora (praça pública) onde se encontrava com os jovens atenienses adeptos da democracia.

Minha mãe me contava que para visitar as crianças recém-nascidas as pessoas deveriam seguir um ritual. Sapecar-se no calor do fogo antes de entrar no quarto onde o bebê estava era uma forma de proteger a criança.

### **Parto caseiro**

Numa noite de luar,  
lá na vila do Prelado,  
minha mãe sentia as dores,  
numa casinha de palha.

Dona Zulmira parteira  
já se encontrava do lado,  
com uma bacia e tesoura,  
aguardando a minha chegada.

Lá pelas tantas da noite,  
o luar bem prateado  
pela fresta da janela,  
dei sinal de alvorada.

Nasci pelas mãos da parteira,  
que eu quero agradecer,  
Dona Zulmira, senhora,  
que Deus guarde vosmecê.

Ventava sul e a maré estava muito alta. Foi assim o dia em que dona Zulmira nos autorizou para ir embora. Meu pai conseguiu um galo grande para dar como pagamento pelo trabalho de meu parto. Eu fui a raspa do tacho como se dizia para o caçula da família. Após a despedida, com inúmeros agradecimentos, seguimos pela praia mesmo com a maré alta e o vento sul soprando insistentemente. Em alguns trechos a maré representava perigo para nós porque as ondas traziam galhos de madeiras do mar e as lançavam contra o barranco

dificultando a nossa passagem. Meus pais caminharam com prudência procurando se proteger das ondas violentas.

Após vencermos os trechos mais difíceis da praia, chegamos à casa do tio Renato. Sua esposa, a saudosa tia Doca, nos chamou para o interior do tráfico de farinha de mandioca, local onde é preparada a raiz da mandioca para produzir a farinha de mandioca artesanal, e lá nos ofereceu um café caiçara com beiju de goma e farofa de ovos de galinha caiçara. Tia Doca acolhia as pessoas com muito amor em sua casa, e conosco não foi diferente naquele dia tão especial. Mais que depressa, ela arrumou um lugarzinho num cocho de madeira forrado com um saco de linhagem e ali fiquei a observar o novo mundo que se apresentava à minha frente. Um primeiro mundo que não me lembro, mas posso imaginar que meus olhos tenros e predispostos à curiosidade percorreram os caibros de madeira rústica, as teias de aranhas nele enroladas e as telhas de barro *produzidas na coxa*.

Meu sentido olfativo foi afetado pela primeira vez com o cheiro típico da farinha de mandioca torrada. O aroma inédito que recebia, embora não tivesse consciência, chegava em mim vindo da raiz (mandioca) que fora cultivada na roça de coivara onde o trabalho de plantio era realizado por meio do mutirão de Fandango. O mutirão “[...] poderia ser realizado, dentre outras coisas, para a derrubada da mata, para a limpeza de uma trilha, para o plantio e colheita de arroz, mandioca, milho, feijão e outros alimentos” [...] (Pimentel, Gramani, Corrêa, 2006, p. 28).

No “Tempo dos Antigos” - período que corresponde ao final do regime de escravidão até meados da década de 1940 - que “[...] foi identificado pelos caiçaras como um tempo em que as proibições advindas das leis e decretos ambientais não existiam” (Sanchez, 2004, p.62), o mutirão de Fandango acontecia com muita frequência nas comunidades tradicionais caiçaras da Juréia e era realizado em três etapas distintas. A primeira, começava com o plantio da roça de mandioca (trabalho braçal), seguia com o ritual da reza (momento religioso) e finalizava com o baile de Fandango, que durava a noite toda (festa caiçara). Atualmente, as comunidades da Juréia não realizam mais o momento religioso, como acontecia no Tempo dos Antigos, mas as outras duas etapas ainda são mantidas.

Enquanto o cheiro característico da farinha me envolvia, enraizando-se em meu corpo, minha mãe certamente relatava mais uma vez a experiência da chegada do caçula. Eu seria o caçula ou viria outro? Esperava-se que eu fosse a raspa do tacho! Meu pai, por sua vez, possivelmente estava sendo orientado pelo tio Renato para que não pensasse em ter mais filhos, já que os cinco filhos gerados com vida era o bastante para ajudar na roça de coivara e nos

serviços domésticos. Além de professor, tio Renato também orientava no planejamento familiar caiçara daquela época. Em comemoração à minha chegada à comunidade e espaço da escola do tio Renato, - espaço educativo que frequentaria mais tarde, - tia Doca preparou uma *gamelada de pererecas* para oferecer às crianças que estavam brincando pelo terreiro da escola. Assim que pegavam o doce de goma, cada criança saía correndo para comer lá no alto da goiabeira olhando os pássaros e cantando de alegria!

Nasci e cresci no território caiçara. Ser caiçara é conviver com o mar, a praia e a mata. Mar de superfície aquosa e dimensão infinita por onde deslizou as quilhas das naus que trouxeram os sedentos colonizadores de além-mar para explorar a terra dos povos indígenas, a terra da madeira vermelha, dos minérios-combustíveis para impulsionar a revolução industrial europeia. Praia onde aconteceram os confrontos e muitas matanças, enquanto as doenças e pólvoras puseram os nativos em desvantagem mediante os brancos. Mata, que veio se chamar “Atlântica”, palco da escravidão africana. O caiçara resultou do processo de colonização que atropelou os povos indígenas e escravizou os povos africanos primeiramente ao longo do litoral brasileiro e depois avançando em direção às Minas Gerais em busca dos veios auríferos, o que desencadeou o suposto desenvolvimento da nação brasileira. O isolamento no litoral fez com que o caiçara desenvolvesse um modo de vida próprio e harmonioso com o mar, a praia e a biodiversidade da mata. O mar, por onde chegaram os europeus, passou a servir de espaço para a pesca da tainha, do robalo, do parati, das palombetas. Nas águas do mar o caiçara passa o *pícaré*, lança os espinéis, usa os varejões para capturar suas *misturas* do cotidiano que são os peixes e também os crustáceos representados pelas *tatuíras*, os *bacacarês*, as *catas de pegoavas*, os *mariscos brancos* e os *siris tingas*.

Adentrando a mata ele faz a *roça de coivara* onde se planta a maniva da rama, a rama que enterrada na cova gera as raízes da mandioca. As mandiocas são arrancadas e levadas em sacos para o tráfico na casinha da farinha. Lá, elas são depositadas no chão e a família se senta em torno do monte de raízes para raspá-las. Crianças, jovens, adultos e idosos ajudam no preparo da farinha e proporcionam momentos de risos, contos, conversas, avisos, fofocas... “Aprende-se em família, em mutirão, com o próprio exercício vivo do fazer” (Brandão, 2007).

As mandiocas raspadas seguem lavadas para uma caixa próxima ao ralador. Quem rala tem o conhecimento do *cevar* e a *cevadeira*, que normalmente é uma mulher, que ceva colocando uma mandioca no ralador para que ela vá se consumindo até se tornar um *restolho* de aproximadamente um centímetro. Para evitar muitos *restolhos*, a *cevadeira* faz uma cunha no pedaço de mandioca pequena, que não foi possível ralar até o final, e coloca junto com a raiz

da mandioca inteira para que ambas sejam raladas ao mesmo tempo fazendo os arremates da ralagem para evitar desperdícios, ou seja, produzir muitos *restolhos*.

Para acontecer a raladura da mandioca é necessário alguém que gire a roda de ralar e alguém que ceve a mandioca. Desse processo resulta a massa da mandioca que é depositada num *tipiti* e levada para a prensa onde é prensada para se obter a *mandicuera* e a massa enxuta. A massa enxuta é levada para o forno aquecido onde se transforma em farinha torrada. A *mandicuera*, por sua vez, fica repousando num recipiente para decantar e originar o polvilho (fécula). O polvilho misturado com ovos caiçara e açúcar produz as deliciosas pererecas, doces que as crianças adoravam comer subindo nos galhos das goiabeiras. A farinha de mandioca constitui a base alimentar do caiçara e é utilizada no preparo do casadinho de manjuba, combina com a caldeirada de peixe e, sobretudo, o pirão da tainha. Acompanha, por exemplo, o *parati moqueado* no momento que ocorre o café caiçara. A farinha torrada também é adicionada no preparo da moqueca de robalo, na paçoca de carne seca e no típico e saboroso bolo de roda caiçara. O caiçara come a farinha de mandioca torrada com ovos de galinha caiçara, *babacarê*, *saguaritá* e *pegoavas*, e ainda acompanha o arroz com o feijão. A farinha de mandioca torrada não é pop, nem é agro. É caiçara!

A farinha torrada é produzida numa casa específica denominada “tráfico de farinha de mandioca”. O tráfico de farinha reúne os elementos (artefatos) marcantes da Cultura Caiçara. Traços adquiridos dos indígenas, dos europeus e dos africanos. Nele, é possível observar as marcas da engenharia europeia que está expressa na roda de ralar a mandioca onde o conhecimento de marcenaria portuguesa se apresenta nos detalhes dos encaixes das madeiras, nas precisões dos arcos, nas dimensões dos raios que compõem os braços que giram todo o sistema do ralador. As cestarias são alguns dos artefatos marcantes da cultura indígena. O *tipiti*, por exemplo, é um deles. O *tipiti* é um cesto confeccionado de *timbopeva*, um artefato que marca a presença dos povos indígenas na Cultura Caiçara e é usado para enxugar a massa que é prensada e torrada no forno para a obtenção da farinha.

A marca africana no tráfico de farinha está presente no pilão. Nele, os caiçaras pilam o arroz com casca para alimentação diária, produzem o cuscuz de arroz pilado, fazem a paçoca de banana verde ou de carne seca e outros tipos de comidas típicas. Quando o pilão é levado para o *terreiro*, este artefato convida as pessoas para o soque do pilão que pode ocorrer com a presença de até três pessoas socando ao mesmo tempo. Cada pessoa utiliza uma mão de pilão que deve ser movimentada com precisão para não causar choque entre as mãos que socam o

arroz. Para que o movimento triplo das mãos aconteça sincronizado é preciso haver bastante treino dos participantes.

A vida caiçara é uma confluência que dialoga com o modo de ser ancestral dos povos indígenas, de camponeses europeus (não colonialistas) e dos povos africanos que aqui no Brasil foram escravizados. No livro “A terra dá, a terra quer”, o saudoso quilombola do Piauí, “Nego Bispo”, dá um depoimento “contracolonizador” que muito dialoga com a visão de confluência caiçara. Ele diz:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem (Bispo, 2023, p. 21).

As experiências filosóficas entre pescadores caiçaras de Iguape habitam e são produzidas neste universo de confluências e compartilhamentos de afazeres diversos. O pescador durante o dia conversa com o rio, com a praia, com a mata e faz a farinha para se alimentar dessas substanciosas experiências de vidas. Na vida caiçara confluem os gestos dos afetos que são trocas, marcas que podem ser comparadas a um rio que ao confluir com outro não se perde, não deixa de ser rio, pois “confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p. 04).

Sobre a força que rende e que gera gestos que confluem em afetos, lembro-me dos compartilhamentos dos alimentos que realizávamos entre famílias na Juréia da minha infância. Tinha vez que minha mãe me desafiava. Ela me chamava lá da cozinha bem na hora que eu estava envolvido com minhas brincadeiras. Eu resistia ao máximo, mas o respeito que nutria por ela me fazia deixar a ocupação que amava para ir atendê-la. Quando chegava perto da cozinha, via um copo na mão dela e logo deduzia que era para emprestar alguma coisa na vizinhança. Baixava a cabeça e fazia uma cara de quem não havia gostado da ideia, mas com jeito e carinho ela me convencia de que precisava realizar o empréstimo. Pedia-me que fosse ligeiro à casa da minha tia emprestar um copo de açúcar, pois enquanto estivesse a caminho ela faria o café caiçara no bule para nos alimentar em família. Na esperança de voltar logo, para continuar brincando, punha-me a correr pela praia. A certa altura, batia-me uma vergonha em pedir emprestado e, reduzindo os passos, começava a pensar em como iria fazer o pedido. Chegando próximo à casa da titia, a vergonha aumentava fazendo com que eu me encostasse

rente à porta da cozinha dela com meus olhinhos pedintes. Minha tia, logo que me via, aproximava-se de mim e, estendendo as mãos, perguntava se eu queria açúcar. Eu timidamente balançava a cabeça em sinal de sim. Logo que titia entregava o copo de açúcar em minhas mãos, não sei como agradecia em baixa voz, mas eu lembro que virava rápido para trás não vendo a hora de chegar em casa. Era tão gostoso encontrar meus pais esperando com o café pronto na mesa, e a presença do açúcar adoçava ainda mais aquele efêmero momento que tenho tanta saudade em meu coração. Depois eu podia voltar ao *terreiro* onde brincava até o dia escurecer...

Pedir emprestado, ou emprestar um copo de açúcar a alguém, constitui um gesto de afeto, uma confluência que vem da ancestralidade caiçara e é uma experiência filosófica que nos marca no sentido da crença de que a vida que vale a pena é uma amizade que se compartilha, que se conflui, que se experimenta.

A Juréia foi transformada em Estação Ecológica, por meio do “Decreto de criação que data de 20 de janeiro de 1986 (Dec. Est. No. 24.646)”, (Nunes, 2001, p.51). Com a criação da Unidade de Conservação de Proteção Integral dezenas de famílias caiçaras foram expulsas para as periferias das cidades devido às legislações ambientais que restringiram o modo de vida dessas comunidades. Mesmo resistindo às políticas repressivas do Estado, os caiçaras são unânimes em afirmar que o Território lhes pertence. Por que essa resistência pelo Território Caiçara da Juréia? Pode-se afirmar que é por conta da força das confluências dos afetos, dos compartilhamentos das amizades, dos mutirões de Fandango vividos em comunidades, dos empréstimos de copos de açúcar, das marcas que são cravadas nos corpos pelas ações solidárias que vivem e rendem no modo de ser caiçara.

No Território Caiçara são usados alguns instrumentos de pesca. Dentre eles, o caiçara utiliza o *picaré* para pescar a tainha e o parati. Outro tipo de rede é a *caceia* que é adequada para pescar peixes graúdos como a sororoca, pescada amarela, cação e outros peixes de águas profundas. Nos costões rochosos, como o caso do Maciço da Juréia, o caiçara usa o *varejão* para pescar as garoupas, sargos e os pampos amarelos. Nos rios, nas várzeas são utilizados a linhada e o *cóvo* para pescar a traíra, cará, jundiá e tajabucú. Tanto os peixes do rio como os do mar o caiçara pesca numa quantia suficiente para a alimentação que não causa o desequilíbrio da natureza e mantém sempre a alimentação diária.

Com oito anos de idade entrei na Escola Mista Rural da Juréia onde meu tio Renato era o professor. Confesso que não gostava tanto de estudar porque a escola evidenciava minha timidez e encurtava meu tempo de brincadeira no território em que nasci. Quando saía da escola

não conseguia pensar em outra coisa senão na pescaria, na balsa que fazíamos para navegar pelo rio e nos inesquecíveis banhos de mar e de cachoeiras...

Nas noites de luar, meus pais saíam para pescar e nós (eu e minha irmã) os acompanhávamos. Eles nos diziam que iam buscar o *corte da janta*. Na nossa casa não havia geladeira e, por isso, os peixes eram “*concertados*”, ou seja, preparados para seguirem “para cima do fogo onde ficavam defumando no tupé do fogão à lenha (Franco, 2021, p. 4)” onde eram conservados por alguns dias. Meus pais nos ensinavam a identificar a chegada da *repona da maré* pelo barulho do mar. Eles diziam que na *repona da maré* as ondas alteravam os movimentos e o mar mudava o barulho, ou seja, o mar fazia um *zoadado*. Para se perceber a zoadada do mar é preciso treinar o ouvido e para tal experiência é necessário conviver com os caiçaras.

Enquanto treinávamos os ouvidos para nos comunicar com o mar, meu pai seguia pelo caminho da praia com a rede nas costas e minha mãe o acompanhava com uma esteira enrolada debaixo do braço. Minha irmã gostava de carregar o cesto de *timbopeva* para colocar os peixes que fossem pescados. Enquanto esperávamos a *repona da maré*, minha mãe estendia a esteira na praia para olharmos o céu estrelado ouvindo belas histórias do Tempo dos Antigos.

Vivi na Juréia até meus 13 anos de idade. Em 1986 fomos expulsos de nosso território por conta da implantação da Estação Ecológica Juréia-Itatins. Saindo da Juréia, fomos morar na comunidade de pescadores artesanais da Vila Nova, distante 15 quilômetros do Centro Histórico de Iguape, que Cavanagh denominou de “pequena comunidade lagunar situada na extremidade norte do Sistema Estuarino-Lagunar Iguape-Cananéia, a sudoeste do Estado de São Paulo” (Cavanagh, 2005, p. 147) “onde retomamos a construção de nossa vida” (Franco, 2015, p.15).

O conto que segue é uma memória do dia que deixamos a Juréia da minha infância. Foi assim: Seo Máximo chegou de manhãzinha com seu trator vermelho e estacionou em frente à nossa casa na Juréia. Meu irmão, Odair, estava com ele. Os dois vieram buscar nossa mudança. A implantação da Estação Ecológica da Juréia estava nos expulsando de nossa casa. Não podíamos mais plantar, pescar e nem viver nossa cultura. A polícia estava sempre nos vigiando e, conseqüentemente, nos expulsando pelo cansaço. Não havia outro jeito senão mudar de lugar e abandonar nossa história.

Aos poucos, as camas, as mesas, as cadeiras, as malas e até minha BMX transferiram-se para a carreta do trator de Seo Máximo. Tudo pronto para a partida! Da cozinha minha mãe avisou que teria um derradeiro café. Enquanto o sol se levantava na linha do

horizonte marinho, o trator puxava nossa mudança em direção à praia. Meus olhos de adolescente não conseguiam se despedir do lugar onde morei por 13 anos. A mata atrás da casa parecia me chamar para caminhar pela trilha da roça da mandioca. A área de nossa casa ia ficando para trás. O campo em frente à nossa casa, ainda em perfeitas condições para uma partida de futebol, também ficava. O porto de casa ia ficando para trás. A praia onde eu jogava, pescava, andava iam ficando para trás. O valo que tanto me “viu” andar de balsa, também ficava distante. O porto de tio Renato, por onde se chegava à minha primeira escola, também se passava. Com o tempo o morro da Juréia foi ficando pequeno e, tomado pelo nevoeiro, desapareceu do cenário. Minha cabeça encostou no braço de minha mãe e meu olhar parou na direção da Juréia. Havia em meu corpo um coração partido e um olhar distante que sem querer passou a observar uma planta que estava na parte traseira da carreta. Suas folhas balançavam com o vento como quem fazia um aceno de despedida.

Na comunidade da Vila Nova passei a pescar manjuba, “uma espécie de peixe que migra do mar para o rio Ribeira” (Carneiro, 2005, p.70), e a me integrar das atividades comunitárias. Fiz parte do time de futebol do bairro, ajudei a construir uma igreja católica e iniciei minha militância nos movimentos populares com foco na Cultura Caiçara. Prossegui meus estudos na E.E. Elvira Silva, bairro vizinho da minha casa, onde me formei no Ensino Fundamental no ano de 1991.

Em 1994 me formei técnico em agropecuária na Escola Agrícola de Iguape e no ano seguinte fui morar na cidade de Araraquara onde ingressei no Seminário do Verbo Divino para ter uma experiência na vida religiosa. Em 1998, quando morava em São Paulo, me formei em Filosofia. Vivendo na capital paulista atuei num projeto que acolhia pessoas em situação de rua, participei do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST, fui professor voluntário no projeto Educafro e atuei como agente educacional remunerado em albergue.

No início de 2003 retornei à cidade de Iguape, meu território de nascença, quando iniciei minha carreira no magistério público paulista indo fazer parte do projeto da Escola Caiçara da Juréia-ECJ que funcionou na comunidade tradicional da Cachoeira do Guilherme, “Coração da Juréia” (Melo, 2000, p.04), entre os anos de 2000 a 2004 tendo como coordenação a Associação dos Jovens da Juréia-AJJ e as parcerias do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras - NUPAUB/USP e a assessoria pedagógica voluntária das professoras Dra. Alik Wunder e da saudosa Luiza Alonso entre outros apoiadores e apoiadoras voluntários.

A AJJ é uma entidade sem fins lucrativos fundada em 1994 na comunidade caiçara da Barra do Ribeira, localidade situada na proximidade da foz do rio Ribeira de Iguape e entrada para a Juréia, por jovens caiçaras que foram expulsos com seus familiares do território da Juréia por conta da implantação da Estação Ecológica que aconteceu em 1986. Na Barra do Ribeira, os jovens caiçaras construíram na AJJ um espaço de formação popular onde aconteciam palestras sobre os direitos das comunidades tradicionais em áreas protegidas, confecção de artesanatos e instrumentos musicais do Fandango tanto para geração de renda local bem como para a manutenção da memória e resistência da identidade caiçara. Da formação e conscientização da resistência caiçara construída na AJJ que surgiu a ideia e o projeto da construção da ECJ que funcionou por quatro anos na comunidade da Cachoeira do Guilherme.

Assim, a ECJ nasceu do trabalho de formação realizado pelos jovens da Juréia e teve como liderança principal, Dauro Marcos do Prado, que promoveu uma ampla mobilização pelo Território com objetivo de obter apoio na construção da Escola Caiçara dentro do território. O objetivo da ECJ foi resistir à expulsão das famílias e garantir que as crianças estudassem na comunidade e aprendessem os valores tradicionais em seus habitats de origem. Obtendo apoio da Prefeitura de Iguape, Ongs, Nupaub/USP, Unicamp e de outras parcerias, Dauro conseguiu criar a ECJ em 2000 com uma demanda de 10 estudantes, todos filhos de famílias caiçaras da Juréia.

Quando entrou em funcionamento, a ECJ foi coordenada pela AJJ na comunidade tradicional da Cachoeira do Guilherme, localidade de difícil acesso, mas sempre teve a participação das famílias caiçaras que ajudaram a construir um currículo escolar que ensinasse os conteúdos obrigatórios e também o conhecimento local. Os professores e estudantes permaneciam na escola por um período de 15 dias, em que também trabalhavam na roça para produzir a farinha, pescavam e produziam horta comunitária para complementar a merenda escolar. As aulas teóricas aconteciam no período da manhã com auxílio de uma TV alimentada por energia solar fornecida pela USP e parcerias da escola. No período da tarde aconteciam os trabalhos práticos junto à comunidade onde todos aprendiam os saberes tradicionais com os anciãos. No período da noite havia um momento comunitário em torno do fogão à lenha onde eram socializadas as experiências comunitárias e apreendidas as histórias caiçaras locais e adjacentes. Por questões políticas, a ECJ fechou no final de 2004, mas a ideia e a força do projeto educacional continuaram de forma itinerante pelo Território Caiçara propagando-se do Estado do Rio de Janeiro até o Estado do Paraná.

Apesar de toda a opressão que o governo paulista vem praticando há décadas contra as comunidades tradicionais da Juréia, por meio de leis ambientais restritivas, a ECJ ressurgiu na educação infantil nas comunidades do rio Verde e Grajaúna. Dessa vez, a persistente e incansável luta de Dauro Marcos do Prado encontrou apoio nos ex-alunos da ECJ da Cachoeira do Guilherme. A família de Edmilson, Ilson e seus pais, Valdir e Nice, continuam acreditando numa Escola Caiçara dentro de seu Território. Junto a eles, também estão lutando a família de Marcos Vinícius do Prado e Heber do Prado. A força feminina chega de Karina, Vanessa e Daiane que são professoras e apoiadoras do projeto. Os futuros caiçaras, a força pulsante da Escola Caiçara de Educação Infantil do Rio Verde e Grajaúna são os felizes estudantes chamados Titim, Joaquim, Antônio e Joana.

A partir de 2005, passei a lecionar Filosofia na E.E. Sebastiana Muniz Paiva (Barra do Ribeira, Iguape/SP) e comecei a conceber junto aos professores um projeto que recebeu o título de “Espaço Caiçara” que nasceu com objetivo de resgatar, valorizar e dar continuidade à Cultura Caiçara por meio do conhecimento da história local e regional. O projeto Espaço Caiçara funcionou com a parceria da AJJ, entidade que coordenou a ECJ, que contribuiu na realização de oficinas de Fandango, com objetivo de ensinar a confecção de instrumentos musicais (violas, rabecas, pandeiros, caixas etc.) e engajar os estudantes da escola Sebastiana, comunidade local e adjacentes. O resultado do projeto, ao longo de uma década, mostrou que as atividades desenvolvidas contribuíram para que os envolvidos conhecessem melhor o Fandango caiçara.

Minha experiência na ECJ, meu envolvimento no projeto Espaço Caiçara, o envolvimento como educador popular nas periferias da zona sul de São Paulo e no Vale do Ribeira me deram suporte e me motivaram a fazer uma Pós-Graduação. Assim, em 2013 me inscrevi e consegui passar no Mestrado em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar-Sorocaba. O Mestrado me possibilitou pesquisar e levar a Cultura Caiçara para dentro da academia e aprender a lidar com as ferramentas acadêmicas que me potencializaram a realizar a “[...] leitura da realidade do mundo e com o mundo” (Freire, 1987, p. 67). A experiência do Mestrado me fez ainda aprender a olhar diferente para a realidade e me motivou a continuar pesquisando sobre a cultura caiçara. Assim, passados alguns anos, decidi prestar exame no Doutorado com o incentivo e apoio da Profa. Dra. Alik Wunder que nunca desistiu de mim, pois me orienta desde a minha docência na ECJ lendo e comentando meus textos bem como devolvendo-os com palavras incentivadoras e potentes. Assim, em 2020 entrei no

Doutorado na área da Educação da FE/Unicamp, grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO, na linha de pesquisa Linguagem e Arte em Educação.

Meu objetivo nesta pesquisa é cartografar a pesca caiçara em Iguape, sobretudo da manjuba, e apresentar como experiências filosóficas por meio das palavras germinantes presentes nas comunidades de pescadores. Palavras estas que germinam como sementes lançadas em terra fértil e também como rio que não se anula ao encontrar com outros rios, mas que se confluem e passam a criar outras palavras germinantes conforme afirma Nego Bispo:

Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência e não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser agente e outra gente, a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Bispo, 2023, p.04).

Na pesca da manjuba emerge a força de confluência que emana da ancestralidade indígena, dos camponeses europeus (não colonialistas) e dos africanos escravizados. A força das palavras germinantes é movimentada por Tapari que é um jovem pescador caiçara que vive as experiências filosóficas entre os pescadores experientes. A curiosidade de Tapari, sua capacidade indagadora, faz dele um jovem pescador que não se cansa de indagar os anciãos sobre a pesca da manjuba. Conversa com João Zito sobre a construção de canoas, de remos, de redes e, com a anciã Nhá Domingas sobre a construção de cercos de taquaras, parto caseiro, Fandango e poesias. Nessas conversas, Tapari vai vivendo experiências filosóficas que o torna conhecedor e articulador de palavras germinantes e potentes imaginações que confluem para adubar a luta pela tradição pesqueira de Iguape.

Para balizar esta cartografia, método de pesquisa fundamentado em Kastrup (2012), lanço algumas perguntas iniciais. O que são as experiências filosóficas e como Tapari as vivencia entre os pescadores caiçaras? Como as experiências filosóficas fortalecem a identidade do pescador? Qual a relação da *repona da maré* com as experiências filosóficas? O que os estudantes da E.E. Elvira Silva, escola situada no bairro do Icapara/Iguape, sabem atualmente sobre a pesca da manjuba? É possível estudar as experiências filosóficas na escola? Qual o futuro das experiências filosóficas produzidas entre os pescadores da manjuba da comunidade da Vila Nova?

A pesquisa tem contribuição da metodologia cartográfica que se propõe a “acompanhar processos” (Kastrup, 2012, p. 52), da “pesquisa participante” (Brandão, 2006) que embasa e reforça o trabalho do pesquisador que vive e, portanto, conhece as comunidades pesqueiras de Iguape, e também é sustentado pela pesquisa de experimentação dos pesquisadores da Unicamp: Amorim, Marques e Wunder que afirmam que:

Pensar a educação como campo problemático, inventando conceitos para dar vazão a forças insensíveis a certos modos de ver, ouvir e pensar, é um desejo que nos persegue. Desafiamo-nos a inventar, com a arte e com a filosofia, modos outros de acessar e capturar forças, reconhecendo a pesquisa e a educação como atos de criação e resistência. Uma criação que se dá na invenção de conceitos, que não representam o mundo, não exprimem verdades ou afirmam opiniões (Lins, 2012), mas que rasgam a língua e o pensamento para expor novos problemas e, com as potências da arte, fazem vaziar forças indizíveis, invisíveis e imprevisíveis (Amorim, Marques & Wunder, 2016, p.110).

A cartografia dessas experiências filosóficas acontece por meio de três personagens fictícios denominados Tapari, João Zito e Nhá Domingas. Tapari constitui o personagem principal da pesquisa e representa a identidade do pesquisador, enquanto os dois últimos representam os anciãos da comunidade da Vila Nova com quem Tapari dialoga tornando-se “o narrador que retira da experiência o que ele conta” (Benjamin, 1994, p. 201).

A participação do pesquisador no território caíçara permite que a cartografia aconteça atrelada à sua experiência de vida que tateia as experiências filosóficas nos “espaços mais indizíveis que a palavra ainda não entrou” (Rilke, 2009, p.23). Assim, a concepção de pesquisa cartográfica e participante tem semelhança com a rede do pescador que é lançada na água. O pesquisador, como o pescador, projeta seu instrumento de trabalho em busca do pescado que embora esteja invisível na água povoa sua imaginação com a pesca abundante.

Outro fundamento teórico que será utilizado nessa pesquisa diz respeito ao pensamento do filósofo espanhol Jorge Larrosa que afirma:

[...] a experiência é algo que (nos) acontece e que, às vezes, treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (Larrosa, 2014, p. 10).

Tapari é um ser em busca deste canto. Um canto em forma de experiências filosóficas que indaga, questiona e que por ser questionador provoca tremores, vibrações, sofrimentos, gozos, lutas e se torna forma específica nas mãos do pescador. O processo

cartográfico capta os gaguejos das experiências filosóficas. Experimentar (viver) o cotidiano da pesca faz de Tapari um sujeito indagador. As questões que coloca tem o objetivo de saber “o que?” “como” e “por que?” das experiências, pois entende que a experiência constrói a filosofia da vida e a filosofia da vida possibilita a existências das experiências filosóficas porque elas nascem dos assombros, das admirações existentes no território pesqueiro.

A opção pelos personagens fictícios tem a ver com a escrita na minha vida. Jorge Larrosa e Walter Kohan, na apresentação do livro de Jacques Rancière, “O mestre ignorante” (2015), escrevem:

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (Larrosa; Kohan, 2015, p.5).

Pensei que o caminho para esta pesquisa pudesse ter uma forte ligação com a minha história enquanto professor caiçara, pois minha experiência com as letras teve início com os primeiros registros que fiz sobre o cotidiano da Escola Caiçara da Juréia. Os registros que comecei em 2003, quando me tornei professor, vieram a se transformar em livro que se intitula “Escola Caiçara da Juréia: Educação Caiçara na Comunidade da Cachoeira do Guilherme, Iguape/SP”, presente nas referências bibliográficas desta pesquisa.

Antes da publicação desse livro, já participava da organização um de jornal denominado “Voz Caiçara” que veiculou durante a vigência do “Ponto de Cultura” sediado na AJJ, entre 2005 e 2010, com conteúdo sobre as comunidades da Juréia e região. A partir dessas experiências com a escrita, desde então, comecei a escrever para coluna do Jornal Tribuna de Iguape, utilizando Tapari como personagem dos meus textos. Os textos publicados no jornal foram inicialmente reproduzidos em forma de fanzines pela promotora cultural, escritora, fanzineira e artista Mara Cristina de Souza Santos pela Fanzineteca Fabiana Menassi em Ilha Comprida/SP e posteriormente compilado em livro que recebeu a intitulação de “Tapari e suas Narrativas Caiçaras”. Também estou organizando um livro intitulado “Juréia da minha infância” onde escrevo minhas poesias e contos sobre a Juréia de outrora e a produção conta com a parceria de vários amigos que ilustraram meus escritos, Deco Miracatu, Mara zine, Renato, Cadu, Tiphany Martins, Dani, Thais, Luciano e outros, entre eles, meu colega de pós-graduação da Unicamp Victor Hugo Iwakami.

Diante das minhas experiências com a escrita, que comparo com as “[...] palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida” (Evaristo, 2016, p. 108),

conforme citou a escritora Conceição Evaristo, entro na pesquisa do Doutorado trazendo Tapari, personagem caiçara, para me ajudar a cartografar as experiências filosóficas dos pescadores caiçaras de manjuba de Iguape, SP.

No ano de 1980, quando conheci as canções do cantor Belchior, dentre elas, a música intitulada “Como nossos pais” que diz “[...] na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais”, chamava-me atenção a reflexão poética e musical sobre os quadros da memória. Aquela experiência musical me suscitou questões e, ainda hoje me sugere perguntas a respeito da minha trajetória de educador. Quais são os quadros da minha memória que causam dores (saudades) ao retomar as lembranças das pescarias com meus pais? Qual o sentido das dores?

As dores que sinto são os quadros de saudades daquelas ondas geladas batendo no meu corpo enquanto puxava o picaré com meu pai. Quadros dos gestos animados que ele fazia quando os peixes malhavam na rede. Quadros de dores saudáveis de ver minha mãe colocando os peixes no *cesto de timbopeva* para *concertar* em casa. Quadros de quando sentávamos em volta do fogão à lenha para jantar o delicioso pirão de peixe que ela nos preparava. Essas experiências do passado foram como “[...] dias mágicos que passam depressa deixando marcas fundas na nossa memória, que alguns chamam também de coração” (Ondjaki, 2007, p. 60).

Neste capítulo intitulado “Abrindo o lanço: da Juréia da minha infância, da adolescência da Vila Nova e da minha docência”, os quadros das memórias que trago na escrita, impulsionam-me a experimentar novos caminhos de pesquisa que possam me libertar de certas verdades que adquiri ao longo da vida. Como um pescador que lança a rede na invisibilidade da água, cartografar as experiências filosóficas de pescadores caiçaras acredito ser um processo que possa me ajudar a estruturar esta pesquisa e apontar respostas aos questionamentos que aqui apresento.

## **PRIMEIRO LANÇO**

**Um de vários: o rio que desce da serra  
para o majestoso Oceano Atlântico**

*Terra, planeta água.*

Guilherme Arantes

Figura 03 – O rio em busca do mar



Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Apesar do nosso planeta ser chamado Terra, mais da metade da superfície terrestre é ocupada por água. Nosso corpo possui aproximadamente 60% de líquido. O primeiro filósofo grego, Tales de Mileto, dizia que o arqué, princípio primordial do mundo, era a água. A água está no nosso alimento, na mata, na pedra e até mesmo na metamorfose poética. Na poesia? Sim.

Como se dá essa relação poética entre o rio, a praia e a terra?

Tapari estava sentado à beira do barranco do rio quando João Zito chegou trazendo um radinho de pilha. Ambos se cumprimentaram e o ancião pescador começou a contar uma história sobre o caudaloso Ribeira. Tocava a música do cantor Guilherme Arantes chamada “Planeta Água” e, naquele momento, todas as canoas estavam varadas e as redes descansavam dentro delas esperando a pescaria do dia seguinte. As garças, os siris e o martim pescador alimentavam-se dos pequenos peixes deixados pelos pescadores ao longo da praia.

Quando terminou o trecho da música que dizia a “água nasce na fonte serena do mundo e abre um profundo grotão”, começou a brotar espontaneamente uma voz rouca do interior do ancião pescador que deu continuidade à música tocada no radinho. João Zito imaginava o rio que passava à frente deles a caminho do mar como uma poesia. Para ele, o Ribeira era um fio de água que brotava no alto e escorria em direção ao mar. Descia das elevadas serras paranaenses e seguia engatinhando pelos vãos das montanhas sulinas por onde buscava o majestoso Oceano Atlântico e que naquele dia pretendia banhar-se nas ondas salgadas e depois tornar-se o grande mar. Umedecia os pequenos vegetais que são seus microclílios iniciais que compõem pequenos ecossistemas dos peixes e de outros viventes da nascente de água cristalina. Escorria entre as pedras e levava delas pequenos farelos de minerais em seu curso acolhendo outros parentes aquosos que fortalecem seu corpo vibrátil. Empoderava-se enquanto cachoeira que se lança do alto da serra chocando-se nas pedras lisas de limos por onde abre fendas para continuar carregando minerais, ao mesmo tempo que cria paisagens cênicas admiráveis serpenteando em busca das planícies.

Desde o primórdio, saciou a fauna, a flora e os hominídeos sul-americanos e na sua descida a caminho do grande mar, tornou-se caudaloso e potente sendo levado pela força da inevitável gravidade. Por onde passa vai recebendo águas dos inúmeros afluentes, pois é um rio de vários. Lembra-se de outrora quando em suas margens habitavam indígenas, sambaquieiros e ribeirinhos canoeiros, e dos homens brancos que escravizaram os negros para obrigá-los a retirar dos seus barrancos o ouro de aluvião. Não esquece os inúmeros povos indígenas que tombaram nas suas margens bem como os negros escravizados que também foram açoitados

onde hoje são cidades, comunidades, aldeias e quilombos. Foi por meio do seu leito que subiram os Bandeirantes para explorar as riquezas do nosso continente e levá-la às outras nações deixando a memória em seu leito enquanto plataforma da colonização que até hoje perpetua na cultura da corrupção.

Nesse movimento de descida o Ribeira chega ao vale. Vale que carrega o seu nome. Passa pelas aldeias, cidades históricas, quilombos e terras de ribeirinhos, vê dragas retirando areia de seu leito, fazendas de gado e portos com iate de onde arrasta para o mar uma infinidade de garrafas pets e metais pesados em seu corpo líquido. Enxerga bandeiras negando seu barramento, seu leito sendo quase impedido por barragens, vê assoreamento, vê desmatamento, recebe defensivos agrícolas em seu corpo quase morto pelo progresso da humanidade. Aproxima-se de Iguape, município que rendeu seu nome.

A pesquisa do professor Lelis Ribeiro, morador do município de Eldorado Paulista, denuncia em tom poético o ímpeto dos capitalistas, que aos poucos estão matando o Ribeira com agrotóxicos e projetos de barramentos das águas em nome do progresso. As palavras poéticas de Ribeiro denunciam o gritante crime ambiental que se propaga silenciosamente ao longo do rio Ribeira de Iguape.

### **Adeus, amigo Ribeira**

Querido Ribeira amigo, que em minha infância se fez menino,  
 companheiro das primeiras aventuras;  
 Cresci pisando em tuas praias,  
 nadando em teus remansos e remando em tuas corredeiras.  
 Os antigos me disseram que, há tempos, foste tu pai e mãe para o nosso povo;  
 Levava o ouro e trazia os sonhos...  
 A fome e a sede aqui não tinham vez pela tua santa bondade.

Mas o homem, meu amigo, com sua irreprimida ambição que chega a lhe cegar a razão,  
 disso tudo se esqueceu.

E, aos poucos, como um câncer maldito, tua vida foi roubando...  
 A mata que te protegia sumiu de seus barrancos;  
 Teus peixes não resistem aos venenos que te mancham o corpo, e temem  
 ao verem o monstro que te engole do leito as pedras, voraz, incansável e barulhento.  
 E como se não bastasse, o golpe de misericórdia:  
 Querem mudar o teu rumo e barrar o teu caminho.  
 Os que dependem para viver, padecerão sob tuas águas.  
 Tu, que sempre foste livre, foste a própria vida, agora, um imenso lago; um cemitério de água  
 podre, com o cheiro do “progresso”.

É querido amigo, que por aqui sempre passaste apressado a caminho do mar,  
 teu destino, tua água é o sangue em minhas veias e, talvez por isso, te tenho tanto amor!  
 Se assim morreres, companheiro, saibas que morrerei contigo.

E lá no céu, quem sabe juntos, possamos brincar novamente, e rir dos que, em nome do egoísmo, à morte nos condenaram (Ribeiro, 2013, p. 101).

Antes de chegar ao mar, o Ribeira passa pela cidade de Iguape e uma boa parte de suas águas é desviada para o Mar Pequeno por meio de um canal artificial. O desvio dessas águas aconteceu por volta de 1848, quando “o canal já havia sido aberto totalmente, desde o Porto Velho da Ribeira até o Mar Pequeno, apesar de ainda não apresentar condições de dar franca passagem às canoas” (Fortes, 2000, p.199). Foi um período em que Iguape se destacava na produção do arroz. Os fazendeiros que traziam suas produções do alto Ribeira tinham que descarregar no porto fluvial, conhecido como porto do Ribeira, e depois transportar toda a produção a cavalo por uma distância de três quilômetros até o porto marítimo de Iguape, que ficava no Mar Pequeno, de onde era escoada toda a produção para Europa. A distância entre ambos os portos foi a justificativa para os fazendeiros mandarem abrir o canal que passou a ser chamado de “Valo Grande”. “Esse canal” registra na história de Iguape o maior desastre ambiental realizado pelo homem no século XIX, época que Iguape destacava-se na produção do arroz em todo o Brasil chegando a ganhar prêmio de melhor qualidade em Turim, na Itália. O cruel dessa história é que o canal quase engoliu a cidade e contribuiu para que a produção arrozeira decaísse consideravelmente no município de Iguape.

Após um longo percurso, o Ribeira passa ao lado de João Zito e de Tapari, que conversam sentados no barranco. O Ribeira de Iguape segue a caminho do mar, mas antes de se tornar mar de ondas salgadas uma benção é dada por dois poetas, Adriano Rosa e João Arruda, na letra da música “Loa de Rio”, do CD Venta Moinho, que assim cantam abençoando a água: “abençoe esse rio que cresce e a cada dia vira mar” (Arruda & Rosa).

O caminho do Ribeira até o mar é descrito pelo ancião num movimento poético permitindo que ele dialogue com a natureza a partir de um olhar animado. Ele vê no rio um princípio de vida que pode ser comparado com a ideia de animismo que Ingold (2013) define como [...] “um sistema de crenças que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inertes” (Ingold, 2013, p.11). João Zito crê que o rio tem vida e que pode dialogar com ele.

Assim, nesse espírito de diálogo animado com o Ribeira, o ancião pescador continua sua prosa com Tapari. Quando chega ao mar, o Ribeira mistura-se com a água salgada e passa a ser salobra. A salinidade do mar faz decantar as partículas de argila que descem com a água turva do Ribeira e a correnteza leva essas partículas do fundo do rio para a praia onde se forma uma camada de lodo, terra bastante argilosa. No interior do lodo brota uma espécie de capim que se alimenta da matéria orgânica decantada e atua como hospedeiro das sementes do

mangue que são trazidas pela correnteza para se fixar na areia da praia. As sementes prendem-se nas folhas do capim evitando que a maré as leve para outro local. Quando a água baixa, as sementes *surucam* no lodo onde lançam as raízes dando início a um pé de mangue. Enquanto as plantas do mangue vão crescendo, o capinzal faz a proteção contra a ventania e as correntezas que ameaçam o crescimento natural do manguezal. Durante o crescimento das plantas do mangue, os capins vão desaparecendo do lodo em consequência do sombreamento causado pelo adensamento das copas. No local onde havia os capins aparecem caranguejos, siris, mariscos e outras espécies que vivem no mangue.

Na praia de rio, em meio ao mangue, os pescadores constroem portos de pesca para realizar os lanços da manjuba de modo seguro e espaçoso, bem como livre de estrepes – madeiras que machucam o pé – e bichos peçonhentos que possam picar ou morder os pés dos pescadores. Nos *portos de pesca* são construídos ranchos para guardar as canoas varadas, as redes de malhas estendidas e os outros apetrechos de pesca que precisam de proteção contra as intempéries. Na areia da praia não dá para plantar e nem fazer casa porque a maré passa toda hora limpando o espaço, mas o mangue pode ser considerado um tipo de roça que produz alimentos, bem como um tipo de moradia que abriga diversas espécies de seres vivos. Embaixo do mangue tem areia branca, que é a praia que ficou soterrada pelo lodo, as partículas que vieram do alto Ribeira e decantaram na presença da salinidade. Pode acontecer de a maré vir tirar o mangue e o lodo, e a praia voltar a existir como estava antes do manguezal formado, pois a praia vive sempre num fluxo de mudanças conforme o movimento das marés que soterram ou retiram sedimentos dela. Um tempo, ela se apresenta limpa devido ao movimento das águas que levam os entulhos para junto do barranco, outro tempo apresenta-se *entulhada* de pedaços de madeira e capins que são trazidos pelos movimentos das águas. Nas tempestades, as ondas batem com força contra o barranco e derrubam árvores grandes que caem dentro do rio passando a servir de esconderijos para os peixes que se abrigam entre as galhadas das árvores.

O pescador costuma jogar a tarrafa próximo da galhada onde tem mais peixes, mas é um tipo de pescaria que exige experiência, pois antes de jogar a tarrafa, ele precisa passar uma corda com chumbeiro pelo fundo do rio para retirar os galhos e outros enrosques que podem rasgar a tarrafa. Depois dessa operação, o pescador deve esperar o dia da maré de lua cheia para realizar a pescaria. Nas galhadas normalmente é pescada a vivóca, peixe excelente para preparar a caldeirada com farinha de mandioca torrada e muito cheiro verde, que alimenta o pescador caiçara.

A pesca nas galhadas possibilita uma experiência filosófica. Se pensarmos a Filosofia do ponto de vista de Krenak (2020) quando diz que “[...] uma árvore já foi pedra e um rio já foi nuvem” (Krenak, 2020, p. 01) podemos dizer que o sentido das galhadas está nessa direção, pois quando as marés jogam as árvores na praia, os habitats dos pássaros transformam-se em habitats dos peixes. Quando as árvores estavam longe da praia, os galhos serviam para construir ninhos, crescer plantas e fornecer alimentos diversos para os pequenos seres vivos da floresta. À medida que as marés se aproximam das árvores e as tombam na praia, seus galhos vão para dentro da água e lá se tornam as galhadas onde passam a viver os peixes como faziam os pássaros quando a árvore ainda produzia fotossíntese.

Essa observação que João Zito aponta da relação entre o rio e a floresta constitui um ato de filosofar que torna a pessoa maravilhada, pois “[...] é uma experiência de evolução, mas não no sentido careta que foi pensado no século XX, como sendo algo que acontece fora de nós” (Krenak, 2020, p. 01). As experiências filosóficas vêm de dentro do pescador, elas nascem como palavras germinantes que dão visibilidade ao modo de vida caiçara. São linguagens de resistências e de fortalecimento da identidade do pescador caiçara. Galhada é exemplo de palavra germinante que faz o pescador filosofar com seu ambiente de pesca, assim como Krenak filosofa com seu saber indígena ancestral.

O rio também está relacionado com a terra onde o pescador habita e constrói as suas coisas, que segundo Ingold (2012) é “um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Ingold, 2012, p. 29). A canoa é uma coisa que ocupa um lugar dentro da árvore que o artesão transfere para a superfície da água para poder se movimentar sobre ela. A transferência acontece por meio da movimentação de um conjunto de palavras germinantes que faz da árvore uma canoa para o pescador se manter sobre a água. A canoa não se coloca para o pescador como um fato consumado, mas ela é uma coisa produzida “entre-dois” (Lapoujade, 2017, p.31) uma vez que o artesão sofre a resistência da madeira na hora de manejá-la. Apesar de o artesão ter o conhecimento, cada produção de canoa (coisa) é única, pois uma nova experiência filosófica, ou seja, um novo movimento de itinerância do advém do construtor de modo que o “[...] artesão – é um itinerante, e seu trabalho comunga com a trajetória de sua vida. Além disso, a criatividade do seu trabalho está no movimento para frente, que traz à tona as “coisas” (Ingold, 2012, p.39). O artesão de canoas é um itinerante porque ele não vive sua experiência filosófica em uma única mata, com uma única madeira. Ele está sempre se movimentando entre territórios, entre construtores de canoas. Aprende a reconhecer cada nó da madeira

experimentando o saber itinerante do território para agregar em seu trabalho, para trazer à tona as coisas por meio das suas experiências de vida.

A rede, enquanto instrumento de pesca, também pode ser considerada uma coisa itinerante que mudou com o tempo. No passado, a pesca da manjuba acontecia com uso de cestos de timbopeva passados na beira do rio. A quantidade de manjuba era tanta que não se fazia necessário o uso de rede uma vez que o consumo do peixe também era apenas doméstico. Com o passar do tempo, foram aparecendo pequenas redes tecidas com fibras de *tocum*, que possibilitavam a captura de cardumes pequenos. O olhar capitalista para a manjuba fez com que a rede fosse ampliada e tecida com fio de algodão, que aumentava a possibilidade da pesca. Mais tarde, quando apareceu a *rede de náilon*, a pescaria da manjuba cresceu consideravelmente no Ribeira possibilitando o aparecimento de atravessadores.

Os atravessadores surgiram como proprietários de canoas, redes e transportes. Eles compravam a produção da manjuba e forneciam os materiais de pesca para comprometer o pescador com sua empresa. Nessa lógica empresarial, o número de pescadores cresceu consideravelmente no município de Iguape tornando a pesca da manjuba um dos principais esteios da economia local. Devido à demanda de pescadores foi reorganizada a Colônia de Pesca em Iguape, que além de lidar com os direitos trabalhistas, também contribuiu com o debate acerca da questão predatória que a pesca da manjuba causava por ser praticada com rede de arrasto. Nesse tempo também foram criadas as cooperativas de pescadores com objetivo de desvincular os pescadores dos atravessadores, de modo que o preço da manjuba fosse mais bem avaliado no mercado e os pescadores adquirissem independência em relação aos atravessadores e pudessem comprar seus próprios materiais de pesca.

Os debates acerca do caráter predatório da rede de arrasto da manjuba surtiram efeito ao longo do tempo possibilitando que fosse adotada na pescaria o *corrico*, que é uma rede leve e estreita que o pescador utiliza na superfície da água passando longe do fundo do rio. A pesca de *corrico* acontece com apenas dois pescadores e essa diminuição de tripulantes facilita a aquisição de materiais de pesca. No entanto, a pesca com *corrico* tem seu inconveniente porque a manjuba é presa na *panagem* do corrico e na hora de desmalhá-la normalmente a cabeça é afetada pela malha cortando uma parte do peixe. Por conta dos ferimentos, as manjubas pescadas pelo *corrico* tendem a ser mais baratas, e exige-se que sejam congeladas rapidamente para não estragarem.

Assim como houve mudanças nos tipos de redes ao longo do tempo, as canoas também sofreram aperfeiçoamentos no que diz respeito ao seu tamanho e material com que

passaram a ser fabricadas. No início da pesca da manjuba eram usadas *canoas de um pau só* construídas pelos artesãos da região. Com a industrialização dos pescados as embarcações ficaram maiores e passaram a ser construídas com materiais à base de fibra, com maior durabilidade. Atualmente, as embarcações estão sendo conduzidas por motores movidos a gasolina para encurtar o tempo de duração de um lanço que tradicionalmente é realizado por meio dos remos conduzidos pelos braços dos pescadores.

O aumento do tamanho das redes de manjuba, do número de pescadores e das horas de pescaria no rio têm causado a diminuição dos cardumes de manjuba em Iguape, de modo que a fiscalização ambiental esteja mais presente nos *postos de pesca* para que se cumpra o período de defeso da manjuba entre os dias 25 de dezembro a 25 de janeiro de cada ano. O defeso é uma garantia da lei para que as manjubas se reproduzam no período de piracema.

Embora os pescadores atualmente tenham assistência dos serviços da Colônia e participem de cooperativas de pesca, ainda permanece a atuação dos atravessadores que fornecem os materiais de pesca e mantêm grande parcela de pescadores atrelados aos seus interesses. Outro estilo de pesca que foi muito utilizado na foz do Ribeira e, que atualmente não se utiliza mais, é a pescaria com cerco de taquara. O cerco é uma armadilha confeccionada de bambu (taquara) que os pescadores instalam da beira do rio até uma distância de aproximadamente 15 metros para dentro do leito. Partindo do barranco, segue uma cerca de bambu até o local onde existe um cercado grande com uma passagem estreita para seu interior por onde entram os peixes. A passagem para dentro do cercado é construída estrategicamente para que os peixes entrem no cerco e não consigam sair. Essa passagem estratégica é chamada de “boca do cerco”. No passado, antes de outubro, mês que inicia oficialmente a pesca da manjuba em Iguape, costumava aparecer cardumes de *miuçalhos* de manjubas, e atraídos por eles chegavam também as tainhas, paratis, robalos, corvinas, prejebebas, cações e os golfinhos. Os peixes seguiam os *miuçalhos* e acabavam sendo pescados pelo cerco que tinham as paredes de bambu construídas com espaços que liberavam os peixes pequenos e mantinham os grandes. Normalmente, pela manhã, os pescadores despescavam o cerco levando para casa os peixes fresquinhos.

A mata, a praia e o rio estão triplamente relacionados. Da mata é obtida a madeira que é a matéria-prima para a construção da canoa e de outros objetos que possibilitam a experiência “[...] que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p. 20). A praia intermedeia a mata com a água constituindo um espaço onde o pescador caíçara constrói o porto de pesca para aguardar a *repona da maré*. Já a água do Mar Pequeno, por sua vez, reserva ao pescador

caixara os cardumes dos peixes. A canoa atua como se fosse uma extensão da praia ou da mata que se movimenta sobre os diversos espaços ocupados pela água parecendo uma espécie de ponte itinerante. A canoa é uma árvore que mudou seu jeito de existir no mundo para distanciar o pescador da mata e da praia para os diferentes espaços aquosos.

Poetizar as características de um rio é uma condição de viver as experiências filosóficas entre pescadores caiçaras. O nomadismo do rio, que desce da montanha para virar mar, possibilita olhar a água descartada da ideia de um produto mercadológico que a contemporaneidade tenta imprimir na natureza aquosa. Por este olhar nômade do rio possibilita-se a fuga da concepção de praia enquanto espaço do banho de sol e da especulação imobiliária. O serpentear do rio também enfraquece o olhar sobre a mata como espaço de privatização das riquezas vegetais e de cobertura dos minérios subterrâneos. Tudo se conecta entre si (o rio, a praia e a mata), e a canoa é uma possibilidade que o pescador toma seu favor para conversar com a totalidade.

Neste capítulo iniciei uma conversa entre João Zito e Tapari sobre o rio Ribeira de Iguape. De uma forma ligeiramente poética, João Zito, o ancião pescador, narra sua experiência do Ribeira para Tapari que é um jovem curioso pelos saberes da pesca. No que descreve a descida do Ribeira para o mar, o ancião pescador conta a história do Vale do Ribeira e apresenta olhares de pesquisadores sobre o rio. Quando chega ao mar, a água do rio se torna salobra e passa a se relacionar com a praia, o mangue, a mata e outros ambientes naturais. Aparecem os *portos de pesca* onde acontecem os lanços da manjuba. Nos *portos de pesca*, João Zito compartilha suas experiências filosóficas com Tapari por meio das palavras germinantes que dão vida às coisas da pescaria.

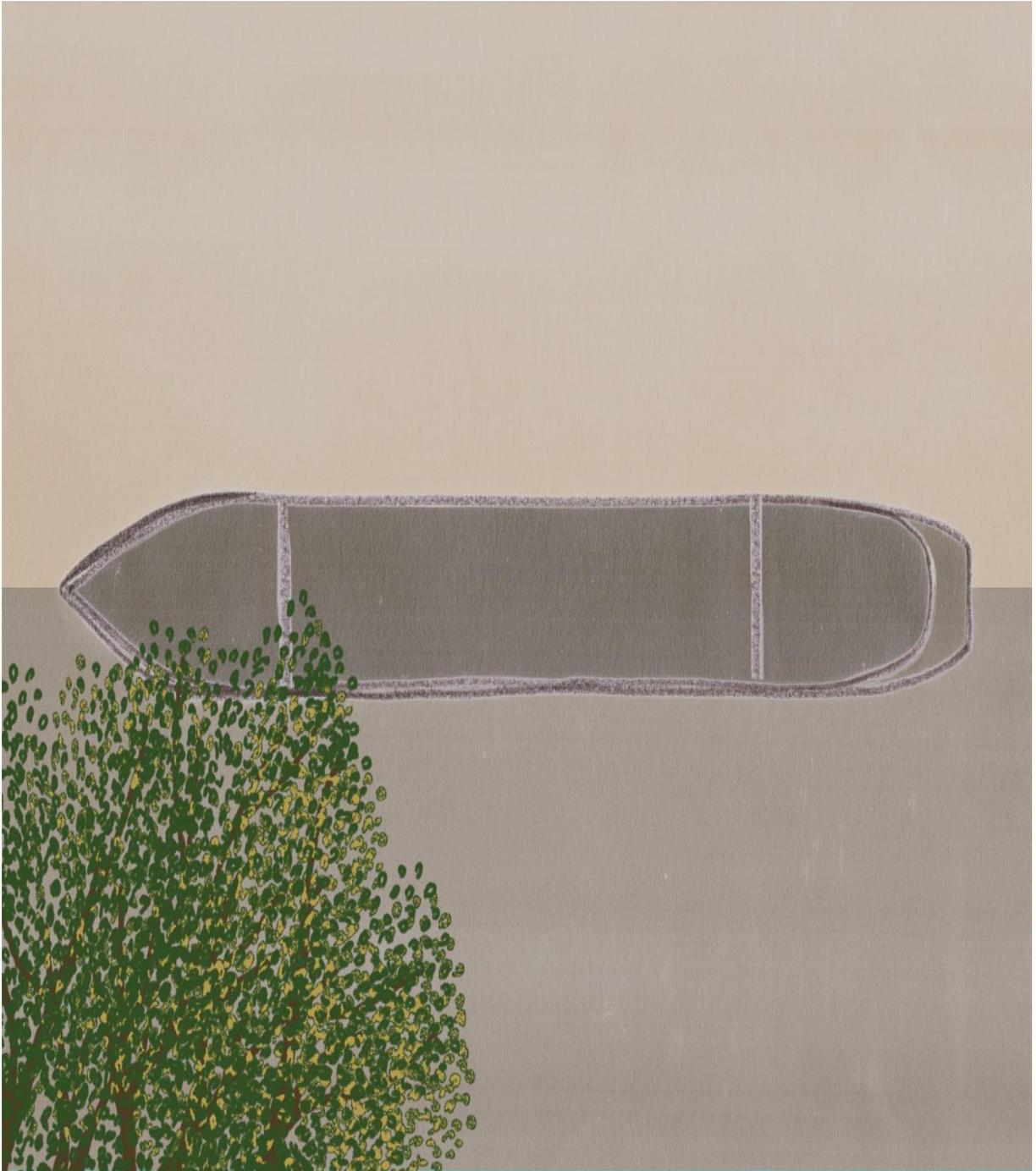
## **SEGUNDO LANÇO**

**A reponta da maré enquanto tempo de  
germinar palavras da pesca da manjuba**

*Escrever é o modo de quem tem a palavra  
como isca: a palavra pescando o que não  
é palavra.*

Clarice Lispector

Figura: 04: Canoa representando a reponta da maré.



Fonte: Karina Ferro Otsuka

### **Na reponta da maré**

Meus amigos pescadores,  
uma história vou contar.  
Sobre a pesca da manjuba,  
na reponta da maré.

A vazante perde força,  
o frenteiro se prepara,  
a enchente se aproxima,  
o rabeiro dá rabada.

Vira a rede bem ligeiro,  
com os olhos na caloadá,  
Se aparecer o malhado,  
O frenteiro joga o cabo.

Lança a rede na esperança,  
de uma boa tabacada,  
joga rápido os chumbeiros,  
vira logo para a praia.

A canoa é largada,  
todos correm para o cabo,  
puxa, puxa pescador,  
não vacila na redada.

A enchente ganha força,  
a rede fica pesada,  
a tripulação amarra,  
o cabo da caloadá.

Dois se aproximam da boia,  
outros dois ficam na chumbada,  
mais dois ajudam no pano,  
e o restante vai por fora.

O lanço vai se fechando,  
o povo fica na praia,  
a manjuba não aparece,  
o grito é de abanada.

A pesca da manjuba em Iguape acontece no rio Ribeira que leva o nome do município. O caudaloso rio nasce no Estado do Paraná e ao chegar ao Estado de São Paulo entra pelo Vale do Ribeira onde recebe os afluentes paulistas. Após percorrer 470 quilômetros de extensão ele deságua no Oceano Atlântico onde está localizada a vila de pescadores caiçaras da Barra do Ribeira.

Passando pelo *Valo Grande*, onde parte das águas é desviada para o Mar Pequeno, o Ribeira segue para a imensidão do mar serpenteando entre serras e vargedos até chegar próximo das ondas salgadas onde se reencontra com as águas escapadas para o Mar Pequeno. Neste ponto final da correnteza, a natureza resolveu unir as duas desembocaduras para que a mesma foz preparasse os dois rios que no mesmo lugar se torna o grande oceano.

O Mar Pequeno, que recebe parte das águas do Ribeira por meio do *Valo Grande*, tem início na foz que compartilha com o Ribeira e dela segue para o Estado do Paraná. Constitui o conhecido Complexo Lagunar Iguape/Paranaguá onde está situado o maior berçário de espécies marinhas da América Latina. A pesca da manjuba acontece em vários pontos do rio Ribeira, nos chamados *portos de pescas* e num trecho considerável do Mar Pequeno, mas a predominância dos pescadores de manjuba de Iguape se dá nas proximidades da foz do Ribeira. Nesses *portos de pescas*, as pescarias tendem a ser mais exitosas, porém a fiscalização pelos órgãos ambientais é mais frequente sobretudo em períodos de defeso da espécie.

Nesse estudo, especialmente neste capítulo, citarei com mais frequência a comunidade de pescadores da Vila Nova, *porto de pesca* onde convivi na minha adolescência e onde resido atualmente. Porém, as reflexões filosóficas que farei a respeito da *repona da maré* e das palavras germinantes não se restringirão à tal comunidade e, sim, tratará de uma visão geral da cultura da pesca no município de Iguape. A *repona da maré* é um tempo fértil para refletir sobre as palavras que germinam nas pescarias. É um tempo em que as águas que descem do Ribeira e do Mar Pequeno diminuem seu fluxo sinalizando que a maré de vazante está perto de seu fim. É nesse intervalo de tempo, quando as águas se acalmam para novamente subirem rio acima com a força da enchente, que o pescador constrói, reconstrói e compartilha suas experiências filosóficas.

A maré de enchente é o movimento das águas em direção à cabeceira do rio, enquanto a maré de vazante é o movimento contrário das águas. Durante a vazante as águas do rio seguem para o oceano, misturam-se nas profundezas, provam das imensidões, perdem-se na aquosidade marinha. Na maré de enchente, as águas marinhas enfrentam a resistência do rio, o peso da água que vem contrário e tocada pela força da gravidade. Nesse momento entra em

cena a força da lua, o movimento da terra fazendo com que o pescador pare um pouco no tempo e em silêncio espie, sinta e ouça o que a *repona da maré* tem a lhe dizer.

Quando a maré de enchente se aproxima do *porto de pesca*, o pescador inicia uma conversa com a água. Ele olha a sua cor que vem do mar procurando enxergar na coloração um tom esverdeado que sinaliza a boa pescaria. Também conversa com a água pelo nariz procurando sentir o cheiro do *pitiu* do cardume seguindo rio adentro. Até o paladar entra em ação quando o pescador prova levemente algumas gotas d'água para testar a salinidade do mar. A salinidade da maré tem duas características: água clara e água turva. A água clara sinaliza que a *repona da maré* vem com a enchente carregada de água pura do mar e com alta salinidade, o que aumenta a chance de trazer o cardume de manjuba para dentro do rio Ribeira e do Mar Pequeno. Já a água turva é um composto de água salgada com a água doce que se transforma numa água salobra afugentando as manjubas temporariamente para o alto mar.

A conversa do pescador com a água revela uma amizade entre o ser humano e a natureza. De vez em quando, o pescador se espanta com essa amizade e passa a filosofar sobre ela. A atitude filosófica acontece quando o pescador está sentado em algum banquinho improvisado no *porto da pesca* esperando a *repona da maré* para pescar. Embora suas indagações sobre a água povoem sua mente, ele acaba dando mais importância para as questões que impactam seu imediato cotidiano pesqueiro. Ele pensa a água a partir da poluição que vem do alto Ribeira, do aumento do comprimento das redes que quase atravessam o rio, das embarcações motorizadas que causam poluição sonora e lançam restos de combustíveis no rio, bem como com a qualidade da água para uso da futura geração.

Algo semelhante ao que acontece com o pescador de manjuba de Iguape também aconteceu na antiguidade com o filósofo Tales de Mileto. Considerado o primeiro cientista da antiga Grécia, um dos sete sábios, Tales filosofava com a água. O filósofo grego via na água o princípio do mundo, pois segundo ele “[...] as coisas nada mais são do que alterações, condensações ou dilatações da água (ou do úmido)” (Japiassú, 2006, p.263). Tales, assim como outros filósofos pré-socráticos ou filósofos da natureza, pesquisava o arquê, ou seja, o princípio das coisas que compunham o mundo natural. Sobre esse princípio, ele achava que estava na água porque se admirava com o Mar Mediterrâneo que banhava as colônias de Mileto onde vivia, e encontrava água em quase todas as coisas que observava no mundo. A água ele via na terra, no ar, nas plantas, nas frutas e no seu próprio respirar. Estas constatações permitiram que Tales concluísse que a água fosse o princípio do mundo.

O pescador de manjuba de Iguape não filosofa com a água do jeito que Tales filosofava no seu tempo, mas produz palavras germinantes que brotam de suas vivências cotidianas na prática pesqueira. Ao reparar a coloração da água, o grau de salinidade, o pescador caiçara conversa com o rio. Na conversa, ele sente a *pitueira* na água. Esta sensibilidade é um conhecimento que se constrói com a idade em que se pesca, pois o ancião, o pescador experiente, chega cedo ao *porto da pesca* e lá se senta movimentando seus olhos por todo o ambiente pesqueiro. Ele observa o movimento da água, a quantidade de aguapés que estão sobre o rio, o canto dos pássaros na mata, o comportamento das garças, os *vanzeiros* dos peixes, a temperatura da água e tantos outros detalhes que compõem o cenário da pescaria. Ao aproximar-se a *repona da maré*, o pescador experiente caminha pela praia do Mar Pequeno em estado de silêncio interior procurando sentir o *pitiu* da manjuba que possa estar passando pelo rio bem próximo ao *porto de pesca*. Quando ele sente o *pitiu* logo comunica os pescadores que, prontamente, se preparam para jogar o lanço.

A conversa que o ancião estabelece com a água, para sentir nela o cheiro da manjuba, advém do conhecimento que ele adquire ao longo da vida de pescador. Quando ele vai ao mangue, por exemplo, entra em contato com cheiro do caranguejo. Da mesma forma acontece quando pesca camarão, passa picaré na costa do mar e em outros momentos de pescaria. Assim, a experiência da *pitueira* vai se estabelecendo no corpo do pescador.

O momento de espera no *porto de pesca* produz muitas imaginações. As imaginações podem ser comparadas às escovações de palavras silenciosas que criam e recriam as experiências filosóficas entres os pescadores. Escovar as palavras da pesca é germinar dizeres que nascem da necessidade de dar nomes às coisas do cotidiano pesqueiro. O pescador ao escovar as palavras da pesca faz igual ao poeta Manuel de Barros que escreveu sobre o trabalho dos arqueólogos. Barros olhava pacientemente o trabalho dos cientistas em busca dos vestígios da antiguidade e comparou o trabalho paciente da arqueologia ao ato de escovar palavras na poesia. Essa comparação do poeta foi eternizada nas linhas do poema que segue abaixo:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas

significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora (Barros, 2008, p. 21).

Assim como a água do Ribeira escorre das altas montanhas paranaenses para o baixo Vale até se tornar oceano, este texto também vem escorrendo, escovando e costurando as palavras para constituir a melhor geografia desta pesquisa. Serpentear, escorrer e escovar palavras são experiências filosóficas que germinam consciências sobre o rio Ribeira de Iguape, que clama por vida para continuar alimentando as manjubas e mantendo os pescadores que esperam a *repona da maré* no *porto de pesca* onde vivem e trabalham.

Nesse embalo de pensar a água enquanto filosofia e espaço de germinar experiências, escovo algumas palavras em forma de perguntas com intuito de costurar e serpentear pelos leitões aquosos dessa pesquisa. Assim, pergunto-me o que é o rio para os pescadores caiçaras de Iguape? Como eles escovam a palavra rio até germinar as experiências filosóficas? De que forma as experiências filosóficas são compartilhadas entre os pescadores experientes e a nova geração? Que palavras são usadas/criadas pelo universo filosófico caiçara? Como pensar essas palavras enquanto palavras germinantes que possibilitam outras relações e modos de ser no mundo? Como as palavras germinantes produzem experiências filosóficas? Qual o lugar da escola na partilha das experiências filosóficas com pescadores caiçaras? Como a escola pode dar visibilidade à estas experiências?

Durante a adolescência e parte da minha juventude me dediquei à pesca da manjuba. Foi por meio dela que consegui obter meus primeiros documentos pessoais, como a carteira de trabalho, RG, CPF, carteira profissional de pescador e meu primeiro salário. Pesquei profissionalmente no *porto de pesca* da Vila Nova onde passa o Mar Pequeno, numa praia que foi relativamente extensa nos anos de 1980 a 1998 e que desapareceu com a mudança do canal na virada do novo milênio. No *porto de pesca*, debaixo das árvores, ficavam as canoas varadas sobre estivas, que são pedaços de madeiras roliças para movimentar as embarcações e mantê-las suspensas do chão evitando a ação direta do intemperismo. No entorno das canoas, além da sombra, formava-se um agradável espaço onde os pescadores esperavam a *repona da maré* para começar a pescaria.

A *repona da maré* é uma realidade que me acompanha desde a Juréia da minha infância. Nesta pesquisa, considero este termo como um pano de fundo de onde nascem as

experiências filosóficas e germinam as palavras do cotidiano dos pescadores. Na Juréia, nos dias de chuva, quando a pescaria ficava comprometida, nós esperávamos o *recarmo da lenha*, para ir à roça buscar lenha para atear o fogo. Naquele tempo, eu ficava imaginando como meus pais identificavam os momentos do dia para fazer as coisas da casa, e passava horas olhando o mar pela porta da sala e também os dias de chuva pela janela de casa.

No *porto de pesca* da Vila Nova eu gostava de me sentar, pois me causava uma enorme satisfação esperar os pescadores com as notícias. Era comum alguém chegar assoviando, saudando os presentes e disparando um assunto qualquer. Risadas, brincadeiras, piadas e inúmeras reflexões aconteciam no lugar que parecia até uma espécie de ágora, pois ali os assuntos da comunidade eram debatidos, resultando em potentes experiências filosóficas. A comparação que faço entre a Ágora grega e a reponta da maré diz respeito ao lugar e ao tempo dedicado às reflexões que ocorriam no tempo de minha adolescência quando pescava manjuba na Vila Nova.

Tanto na Juréia da minha infância quanto na Vila Nova da minha adolescência e docência, os tempos da *repontar da maré* sempre foram momentos férteis de questionamentos. Na Juréia, minha curiosidade era saber como meus pais identificavam esse efêmero tempo; já na Vila Nova entendi que esse tempo era um momento de se reunir, ouvir, sorrir, refletir, falar e produzir as experiências filosóficas. Mas, por que experiências filosóficas? Filosóficas porque geram admirações/indagações sobre a vivência na comunidade e a relação com o território pesqueiro. Os pescadores indagavam, por exemplo, como seria o futuro da pesca na comunidade da Vila Nova e como a força da lei atuaria em benefício deles? Filosofavam também sobre a arte de construir uma canoa, rede, remos e a importância desses saberes no futuro da comunidade. Estes e tantos outros questionamentos que vivenciei na pesca da manjuba me possibilitaram experiências outras na adolescência e que me marcaram como pescador, professor e morador da comunidade da Vila Nova.

As indagações geradas no tempo da *reponta da maré* germinam palavras a partir do que se vive no cotidiano da pesca. As palavras germinantes são nomeações escovadas lentamente até que se tornem literatura sobre a pesca da manjuba e promovam “abertura para o mundo” (Ingold, 2015, p. 21), de modo que o pescador passe a dialogar com as coisas que o cercam. O diálogo com a canoa, o remo, as redes e outros instrumentos constituem a filosofia do pescador, e essa filosofia se faz por meio da experiência que se dá na relação entre palavra e mundo.

A observação dos ventos é um exemplo de experiência filosófica, pois o vento Leste é uma brisa que vem do mar e por ser úmida causa nas pessoas suavidade. Durante o vento leste o tempo permanece de sol e é bom para a pescaria. As pessoas ficam à vontade à beira do rio ou praia olhando os pescadores ou poetizando sobre as águas e o movimento das nuvens que seguem do mar para o continente. No pôr do sol, as nuvens ficam coloridas criando um quadro poético ao longo da linha do oceano, e na sobra das árvores, os pescadores compartilham suas impressões sobre a vida.

Após passar o vento Leste, chega do continente o vento Noroeste. O tempo se torna quente, pois a temperatura do ar aumenta e causa agitação nas pessoas. Os bichos se alvoroçam e os pescadores dizem que “o tempo está se aprontando para chover”. São três dias ventando o Noroeste, e no quarto dia chega do Sul o *rebojo* trazendo chuva e tempestade que paralisa toda a pescaria e leva os pescadores para dentro de suas casas. A chegada do *rebojo* é anunciada pelo aparecimento das nuvens escuras e de vento forte vindo do Sul do país. O tempo esfria e fica chuvoso. As águas se agitam, os peixes se escondem e as canoas são varadas no barranco para não serem arrastadas pelo temporal. Durante o tempo de chuva o pescador permanece em sua casa produzindo algum tipo de instrumento de pesca.

O diálogo com os ventos possibilita a criação das palavras germinantes que descrevem a beleza de um mundo simples e desinteressado de explicação, mas deixa “mudo de beleza” (Galeano, 2002, p. 12) quem experimenta a ventania como fez o menino Diego, que ao chegar à praia pela primeira vez pediu gaguejando ao pai que o ajudasse a olhar o mar.

No tempo que eu era estudante na escola Elvira Silva, as experiências filosóficas seguiam comigo para as aulas. Estavam presentes nas gincanas, discotecas, apresentações de trabalhos e tudo mais que eu fazia na unidade escolar, pois havia um diálogo frequente entre o que se fazia na comunidade e o que se aprendia na escola. Atualmente, esse contato com a comunidade, sobretudo com o território pesqueiro, vem sendo reduzido a ponto de ver minha filha de 10 anos, estudando na mesma escola que estudei, distante do território e conectada intensamente nos computadores que não existiam na minha época. Não pretendo com essa constatação exteriorizar uma visão negativa e desprezível da tecnologia, longe disso, apenas registrar que o aumento do tempo na frente das telas dos computadores avalio que dificulta a interação com a comunidade como acontecia no passado.

Neste capítulo, procurei explorar a fertilidade da *repona da maré* enquanto tempo que os pescadores caiçaras dispõem no *porto de pesca* para viverem as experiências filosóficas

por meio das palavras germinantes que escovam das águas, dos ventos e de outros tantos acontecimentos, que fazem parte do ofício dos pescadores caiçaras.

**TERCEIRO LANÇO**  
**Trajetórias, pesquisas, amizades e**  
**ilustrações**

*O amigo: um ser que a  
vida não explica  
que só se vai ao ver outro  
nascer  
e o espelho de minha  
alma multiplica.*

Vinicius de Moraes

As ilustrações que seguem resultam das contribuições de amigas e amigos que me presentaram ao longo de meu percurso de professor e de pesquisador caiçara. Nas escolas onde lecionei, nos movimentos sociais onde militei, nas comunidades tradicionais nas quais convivi e nas universidades onde estudei, fiz amizades que me permitiram receber voluntariamente as ilustrações que integram esta tese.

Minha atual orientadora, profa. Dra. Alik Wunder, é um exemplo dessa amizade. A partir de 2003, quando comecei a lecionar na Escola Caiçara da Juréia-ECJ, Alik Wunder começou a me orientar quando me indicava textos acadêmicos e lia com atenção os textos que eu produzia. Mais tarde, em 2015, Wunder participou da minha banca de Mestrado e, atualmente, é orientadora da minha tese de Doutorado em Educação. Costumo dizer que a profa. Dra. Alik Wunder não me abandonou pedagogicamente, pois sempre acompanhou, mesmo de longe, meu processo de escrita. As ilustrações que abrem os capítulos são de autoria da professora da Escola Caiçara de Educação infantil da Juréia, Karina Ferro Otsuka. As primeiras duas ilustrações que veremos no capítulo que segue são contribuições da minha ex-aluna da EE Sebastiana Muniz Paiva, Tiphany Martins. Na sequência aparecem as contribuições do pesquisador da Unicamp, professor Victor Hugo da Silva Iwakami, que conheci durante o Doutorado. O restante das ilustrações também foi um presente que ganhei do professor e artista Vanderlei Ribeiro (DECO) e da artista Mara Santos, que é fanzineira do município de Ilha Comprida e coordenadora do projeto “Tapari caminhos da cultura caiçara na Juréia” que deu origem ao livro intitulado “Tapari e suas narrativas caiçaras”. Mara Zine coordenou o projeto do livro de Tapari com muita competência, dedicação e otimismo. Agradeço muito o esforço dessa amiga valente que valoriza e respeita a Cultura Caiçara. Ter amigos é uma benção, pois como disse Vinicius de Moraes, “é um ser que a vida não explica.”

Figura 05 - Juréia e Peruíbe banhando-se nas águas de Acaraí



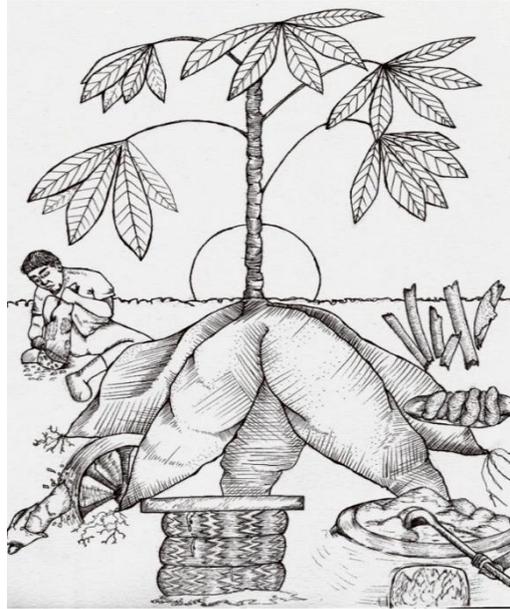
Fonte: Tiphany Martins

Figura 06 - João Zito tecendo rede na sombra do guanandi



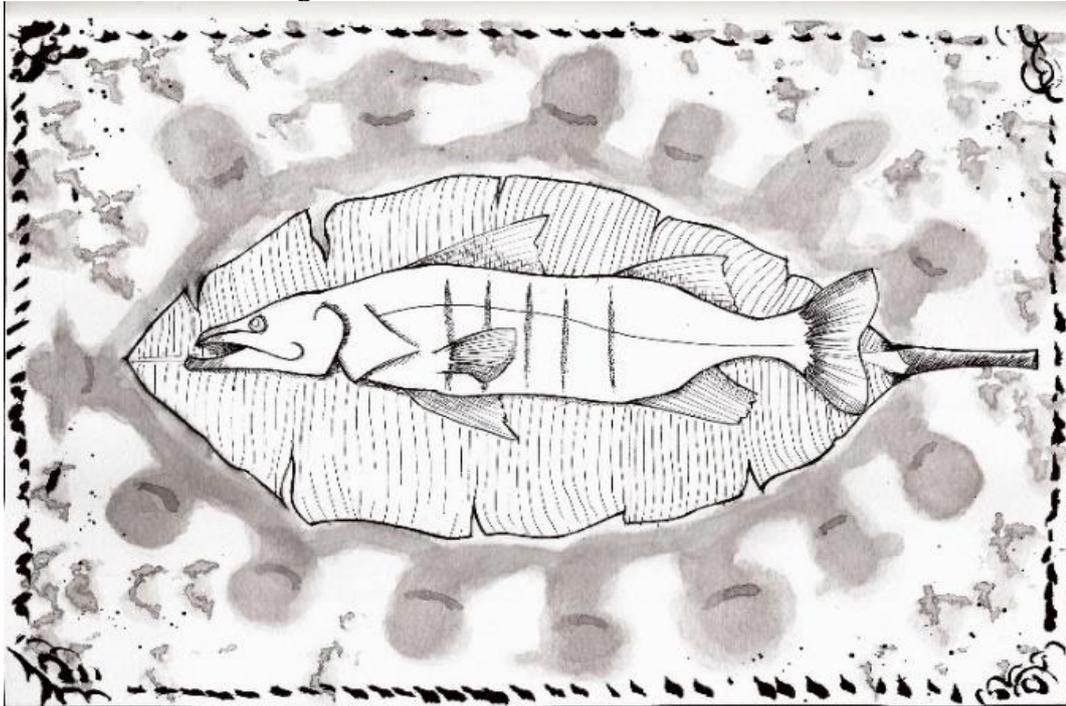
Fonte: Tiphany Martins

Figura 07 - Produção de farinha de mandioca



Fonte: Victor Hugo da Silva Iwakami

Figura 08 - Peixe na folha de bananeira



Fonte: Victor Hugo da Silva Iwakami

Figura 09- Fandango bailado



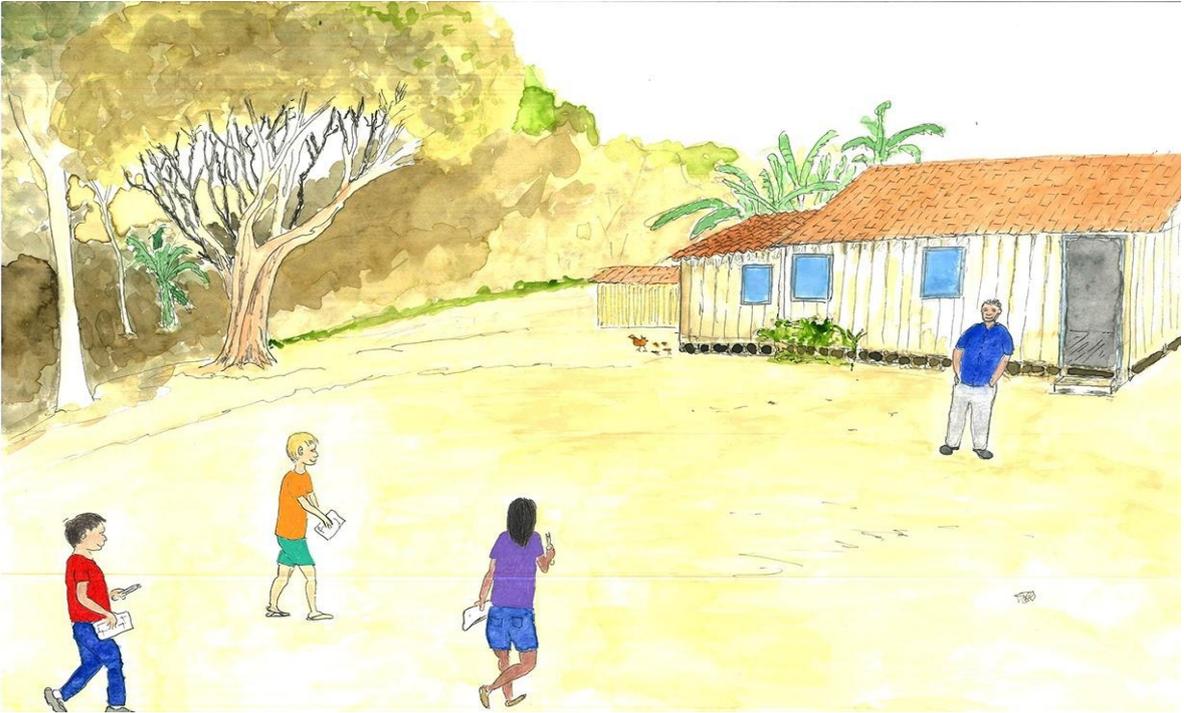
Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Figura 10 – Origem Caiçara



Fonte: Mara Zine

Figura 11 - Escola do tio Renato



Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Figura 12 - Espiando as ondas e escrevendo ao vento



Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Figura 13 – Mão de João Zito cavoucando uma canoa



Fonte: Karina Ferro Otsuka

Figura 14 – Escola Caiçara da Juréia - ECJ



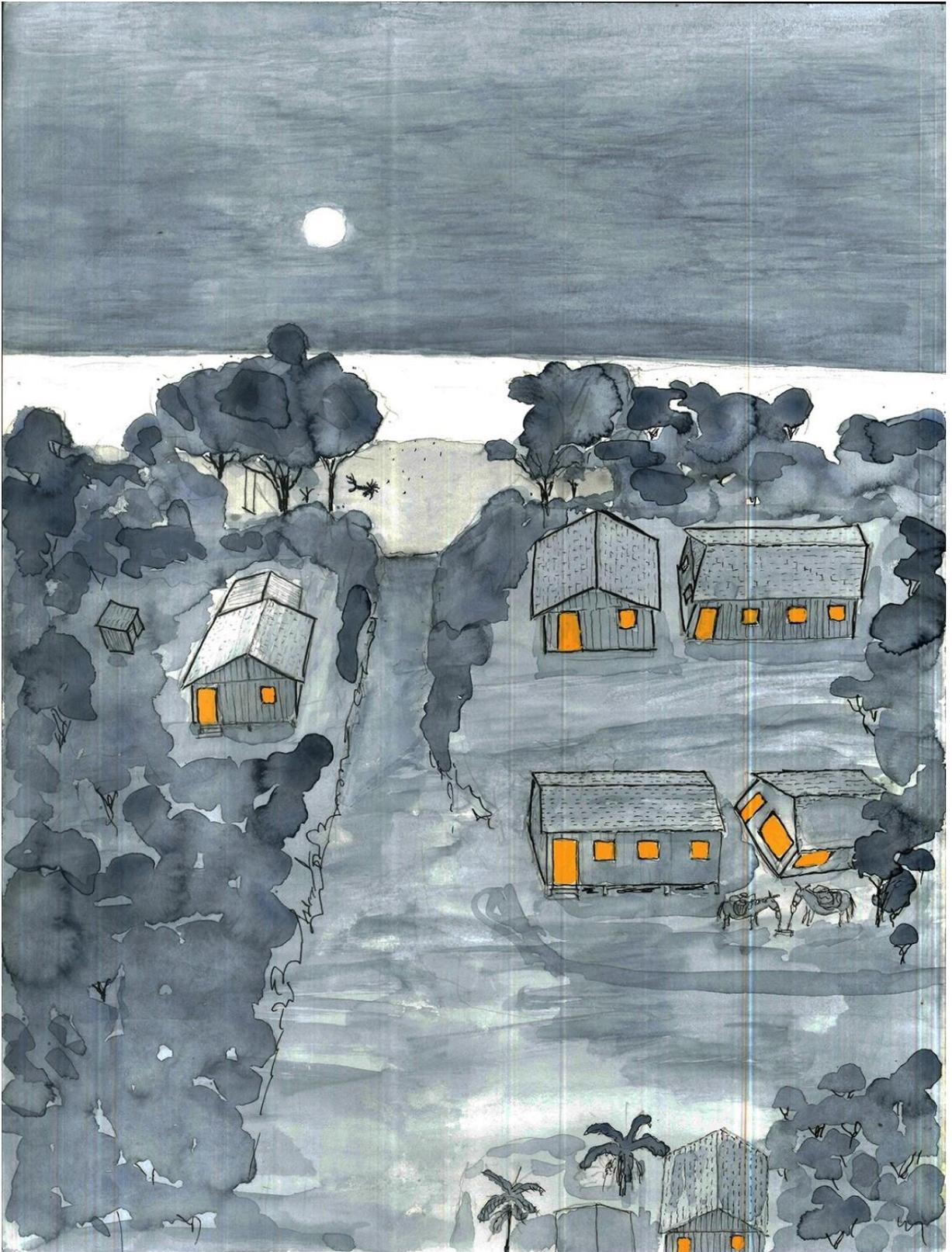
Fonte: Mara Zine

Figura 15 - Cozinha caiçara



Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Figura 16 - Vila do Prelado



Fonte: Mara Zine

Figura 17 – Dança do Passadinho



Fonte: Vanderlei Ribeiro (Deco)

Figura 18: Mão de Nhá Domingas segurando uma erva medicinal



Fonte: Karina Ferro Otsuka

## **QUARTO LANÇO**

### **Uma conversa entre Tapari e João Zito sobre experiências filosóficas**

*O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.*

Jorge Larrosa

Figura 19 - João Zito pedindo licença



Fonte: Karina Ferro Otsuka

O primeiro contato que Tapari teve com a palavra filosofia aconteceu na escola Agrícola de Iguape, no ano de 1992, quando cursava o primeiro ano de Agropecuária, antigo Segundo Grau e atual Ensino Médio. Na ocasião, a professora de filosofia, Eliana Duarte, trouxe para a turma a questão da filosofia do tempo. Para facilitar a compreensão da referida temática, a professora pediu para que a sala de Tapari levasse um relógio para a aula, desenhasse o movimento do sol e da lua, observasse o crescimento dos animais, verduras e outros tantos movimentos que aconteciam no dia a dia da escola e fora dela. Enquanto observavam os objetos e desenhos, a professora apresentou o pensamento do filósofo pré-socrático, Heráclito de Éfeso, pensador grego que viveu na cidade de Éfeso, atual Turquia, no ano de 540 a.C. Ele ficou conhecido como o pai da dialética por afirmar que ninguém consegue tomar banho duas vezes no mesmo rio, isso porque quando a pessoa volta ao rio, o rio já não é mais o mesmo. Ambos estão a todo tempo mudando e continuam a vida toda num movimento de transformação.

A aula sobre a filosofia do tempo e o pensamento de Heráclito rendeu muitas reflexões e debates a ponto de a professora Eliana decidir levar Tapari e sua turma para a margem do rio Ribeira, rio que passa ao lado da Escola Agrícola. Os alunos sentados para observar o fluxo do rio a caminho do mar, enquanto a professora aprofundava a explicação acerca da analogia que iniciou na sala de aula. As águas potencializavam as imaginações e suscitavam novos questionamentos. No embalo da conversa, Tapari perguntou à professora como poderiam identificar ou relacionar a filosofia do tempo com os pescadores de manjuba do rio Ribeira de Iguape. Ela respondeu e explicou a todos que poderia ser por meio da experiência de vida, pois as vivências dos pescadores com o rio constituíam filosofias de vida que passavam de gerações em gerações mantendo presentes os saberes sobre o trabalho da pesca. A professora também disse que o tempo se encarregou de marcar os pescadores com seus saberes de experiências, e que os saberes sobre a pesca são filosofias que nascem das vivências que eles experimentam em contato com a natureza e os anciãos desde o primórdio da pescaria da manjuba em Iguape.

A partir daquela aula, bem como de seus desdobramentos, Tapari passou a refletir sobre as palavras experiência e filosofia. Ocupou-se por dias refletindo sobre a marca que o tempo deixa na vida das pessoas por meio da dialética heraclitiana que se compara ao curso do rio. E passou a questionar como o jeito de remar uma canoa, a maneira de lançar e recolher a rede, a linguagem que se estabelece no tratamento entre pescadores pode dialogar na relação experiência/filosofia. Essas questões o intrigavam no seu cotidiano. Assim, nos finais de semana, quando voltava da Escola Agrícola, Tapari esforçava-se para relacionar a filosofia e as

experiências durante os acontecimentos dos lanços de manjuba, na convivência com os pescadores, nas falas deles, nas construções de canoas, nos tecimentos das redes e nos outros tantos afazeres do cotidiano pesqueiro.

Em 1996, Tapari iniciou o curso de Filosofia na Universidade São Francisco, no bairro do Pari, em São Paulo, quando conheceu e passou a ter aulas com o professor José Cardona, conhecido por “Zé Legal”, apelido que recebera pelo fato de ser um professor com estilo questionador no modo de conduzir suas aulas. Lembra-se que foi bem avaliado na primeira prova porque relatou sua experiência dialética nas aulas de Filosofia do tempo que estudara na Escola Agrícola. No decorrer dos estudos encontrou os escritos da professora Marilena Chauí, filósofa da Universidade de São Paulo e uma das mais prestigiadas intelectuais brasileiras. Aproximando-se dos pensamentos de Chauí (2016), teve conhecimento de quatro definições gerais que a filósofa apresenta sobre a Filosofia. Na primeira delas, Chauí trata a Filosofia como a visão de mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura, mas coloca um problema no que diz respeito à generalização dessa ideia que acaba não especificando o trabalho filosófico e, portanto, deve ser apenas aceita como aspectos da definição de Filosofia. A segunda definição diz respeito à sabedoria de vida que trata a Filosofia como uma atividade da vida moral partindo da contemplação do mundo para encontrar meios de controle dos impulsos e dirigir as ações humanas no caminho da ética. Nesse sentido, a Filosofia seria uma escola para ensinar o bem viver não dizendo o que é e o que faz e sim, incluindo aspectos filosóficos. A terceira definição entende a Filosofia como um esforço racional para conceber o universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido atribuindo à filosofia a tarefa de conhecer a realidade inteira provando que o universo é uma totalidade ordenada de relações de causa e efeitos compreensível pelo pensamento humano. Isso também não se aceita porque a Filosofia não comunga com a ideia de um único sistema de pensamento que ofereça uma única explicação para o todo da realidade. Assim, a autora afirma que essa definição contém apenas aspectos importantes da atividade filosófica. A quarta definição diz respeito à fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas e capta a filosofia como análise, reflexão e crítica conforme define Chauí.

A atividade filosófica é, portanto, uma análise, uma reflexão e uma crítica. Essas três atividades são orientadas pela elaboração filosófica de ideias gerais sobre a realidade e os seres humanos. Portanto, para que estas três atividades se realizem, é preciso que a filosofia se defina como busca do fundamento (princípios, causa e condições) e do sentido (significação e finalidade) da realidade em suas múltiplas formas. Para tanto, ela deve indagar o que essas

formas de realidade são, como são e por que são, e procurar as causas que as fazem existir, permanecer, mudar e desaparecer (Chauí, 2016, p.28).

Para Chauí, a quarta definição é a que mais se aproxima do que a filósofa entende por Filosofia, enquanto as outras são aspectos filosóficos que constituem generalizações acerca do termo Filosofia. O pensar a respeito das quatro definições da filosofia, apresentada por Chauí, foi permitindo que o pensador caçara buscasse estabelecer um diálogo visceral entre a palavra “experiência” e “filosofia”. O movimento de aproximar, relacionar e de costurar palavras, fez com que Tapari percebesse que a “visão de mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura” (Chauí, 2016), apresentada na primeira definição de filosofia, encontrava mais ressonância com os conceitos de experiência e filosofia. Para Tapari, o pescador não faz filosofia conforme apresenta a filósofa em sua quarta definição, onde propõe que haja uma análise, reflexão e crítica, mas ele elabora uma “visão de mundo de seu povo, de sua comunidade pesqueira, de seu território de trabalho mediante ao rio. Essa visão é produzida pela experiência de vida do pescador, que por sua vez faz nascer e permanecer a cultura da pesca e conseqüentemente a sua visão de mundo. Dessa inferência Tapari entende que a primeira definição de filosofia apresentada por Chauí é a que mais dialoga com a sua tentativa de relacionar experiência e filosofia. Assim, entende-se que Tapari está mais voltado para a definição de “aspectos filosóficos” do que diretamente ao conceito de “análise, reflexão e crítica” como propõe Chauí para uma definição mais aceitável de filosofia no mundo acadêmico. Tapari prefere lidar com a ideia de filosofia a partir de uma visão de mundo de um povo ou de uma cultura.

Após concluir o curso de Filosofia e trabalhar por alguns anos como educador popular, Tapari iniciou sua trajetória docente na rede pública estadual paulista. Nas aulas de Filosofia, o pensador caçara sempre procurou integrar a Cultura Caiçara, tema que estuda a mais de duas décadas, com o conhecimento filosófico. Dentre os pensadores que fundamentaram seu trabalho docente, além de Marilena Chauí, destaca-se Renata Lima Aspis e Sílvio Gallo. Renata Aspis é professora de filosofia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Sílvio Gallo é professor da Universidade de Campinas (Unicamp), filósofo e um dos principais expoentes da pedagogia libertária do Brasil. Na leitura do livro da professora Renata Lima Aspis, com a participação do professor Sílvio Gallo, intitulado “Ensinar Filosofia: um livro para professores”, Tapari deparou-se com o termo “Experiência Filosófica” que está definido da seguinte forma:

A experiência filosófica é aquela coisa que, ao acontecer a alguém, transforma essa pessoa, que já não é mais a mesma. É algo que atravessa seu pensamento, suas ideias e faz com que já não possa ser o mesmo. Algo se passa, toca e é apreendido de forma transformadora. A experiência filosófica é a experiência de fazer filosofia (Aspis, 2009, p.16).

O estudo sobre o conceito de experiências filosóficas ajudou a clarear o pensamento que Tapari vinha germinando desde a Escola Agrícola quando problematizou pela primeira vez a relação entre “experiência” e “filosofia” mediante sua professora. Assim, os conceitos de “experiências filosóficas” e “visão de mundo de um povo”, passaram a dialogar com mais frequência nas aulas que Tapari lecionava.

Quando começou a se familiarizar com o conceito de experiência filosófica, o pensador caiçara havia se transferido recentemente da “Escola Caiçara da Juréia” para a EE Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira, e nessa ocasião conheceu o artigo intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” de Jorge Larrosa (2002), professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona com pós-doutorado na Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris. A leitura de Larrosa veio por meio da indicação da profa. Dra. Alik Wunder (Unicamp), sua atual orientadora, que na época desenvolvia seu Mestrado na EE Sebastiana Muniz Paiva, intitulado “Encontro de águas” na Barra do Ribeira: imagens entre experiências e identidades na escola”, em Iguape, local onde Tapari a conheceu e onde, posteriormente, teve a oportunidade de lecionar Filosofia.

No artigo de Larrosa, a definição de experiência é colocada como aquilo que “[...] nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2002, p.21). Mais tarde, quando aprofundava as leituras sobre Filosofia, Tapari conheceu os escritos de Deleuze e Guattari e sua relação com o pensamento de Aspis & Gallo. Assim, tanto Aspis & Gallo (2009) como Larrosa (2002), trabalham a questão da experiência e a filosofia embasada no pensamento de Deleuze e Guattari. No livro “O que é filosofia?”, os teóricos franceses abordam a filosofia do ponto de vista da “[...] arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (Deleuze & Guattari, 1992, p.10).

Trazendo para o diálogo a ideia de aspecto filosófico de Chauí enquanto “visão de mundo de um povo ou cultura”; a concepção deleuziana de filosofia enquanto ideia de “arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”; mais a definição de experiência em Larrosa como “aquilo que acontece”, Tapari passou a ministrar aulas de filosofia seguindo um método de ensino proposto por Aspis & Gallo, que segue uma sequência de quatro etapas começando pela sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

Enquanto foi professor da Escola Estadual Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira, Iguape, Tapari conduziu seus estudantes para o porto de pesca da comunidade com objetivo de realizar aulas de experiências filosóficas. Sentados ou circulando em torno das redes, canoas, remos, esgotes e outros apetrechos da pesca era realizada a sensibilização sobre a pesca da manjuba. A segunda etapa, que é a problematização, normalmente acontecia na sombra de uma árvore onde os estudantes elaboravam as questões acerca do que experimentavam no porto da pesca. Nas aulas seguintes, vinha a etapa da investigação, quando os estudantes pesquisavam os materiais que tratavam da pesca da manjuba. Terminada a investigação, partia-se para a última etapa que consiste no momento da conceituação filosófica.

Na etapa de conceituação, Tapari pedia para os estudantes fábulas, poemas, contos, poesias ou desenhos juntando a palavra “inventar”, presente na definição deleuziana de filosofia, com a palavra “acontece” que se encontra na conceituação de experiência em Larrosa. O resultado final das atividades, tidas como etapa de conceituação, eram expostas no projeto Espaço Caiçara, projeto educacional e cultural realizado todo ano na Escola Estadual Sebastiana Muniz Paiva (Franco, 2023, p.02).

A prática educativa que Tapari adotou com base no livro de Renata Aspis contribuiu para aprofundar os estudos sobre experiências filosóficas relacionadas à cultura caiçara. Assim, quando se aproximava de uma década de docência, decidiu realizar uma pesquisa de Mestrado em Educação para fortalecer seu conhecimento docente e melhor contribuir com a valorização e reconhecimento da Cultura Caiçara local. Dessa forma, em 2015, defendeu sua dissertação de Mestrado com o título “Oficinas de Fandango Caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Juréia-AJJ/Barra do Ribeira Iguape SP: reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras”. A pesquisa de Mestrado possibilitou que Tapari revelasse a potência do saber de experiência presente nas oficinas de fandango caiçara relacionado aos saberes de Larrosa (2009).

A experiência do Mestrado preparou e motivou Tapari a continuar a pesquisa de pós-graduação no âmbito das experiências filosóficas propostas por Renata Aspis e por Larrosa. Assim, em 2020, o pesquisador caiçara definiu seu tema de Doutorado intitulado “As experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape/SP”, no Programa de Pós-Graduação em educação da Unicamp.

As experiências filosóficas que Tapari aborda nesta pesquisa não seguem os mesmos critérios da filosofia clássica, que procura atribuir ao pescador uma profissão de filósofo. O pensador caiçara não tem a pretensão de defender que o pescador de manjuba

filosofe levando em consideração a análise, a reflexão e a crítica conforme concebe a filósofa Chauí e nem nos modos dos filósofos franceses, Deleuze & Guattari, que concebem a filosofia como produção de conceitos. Tapari defende aqui que as experiências filosóficas que acontecem entre os pescadores de manjuba de Iguape/SP encontram sentido no pensamento de Aspis (2009) que diz que “[...] a experiência filosófica é aquela coisa que, ao acontecer a alguém, transforma essa pessoa, que já não é mais a mesma” (Aspis, 2009, p.16) e que tem o embasamento nas palavras “inventar” e “acontecer” nas filosofias Deleuze & Guattari e Larrosa.

A experiência filosófica para Tapari passa a ser uma possibilidade de inventar e de fazer acontecer, pois este movimento de fazer dialogar com a experiência e a filosofia abre portas para o novo pensar. Começando por si mesmo, o pensador caiçara já não se reconhece mais o mesmo após refletir com Deleuze e Guattari que a filosofia é uma invenção de conceitos. Não somente de conceitos produzidos por um raciocínio lógico de análise, reflexão e crítica, mas por palavras que possibilitam inventar por meio do que nos acontece, toca e faz ser outro em nós mesmos com uma visão de mundo ou de cultura sempre em transformação.

Um certo dia, quando preparava suas aulas, Tapari viveu uma experiência filosófica escrevendo um poema sobre a canoa de um pau só. Na sua mente havia a imagem da canoa, mas quando tentava passar para o papel faltavam-lhe palavras que pudessem dar ritmo à escrita. Nisso, surgiu uma palavra que não conhecia o significado, mas que dava sentido ao pensamento. Cavoucar. Ele tinha pensado na palavra cavar que é um ato de cavar a roça. Tapari inventou essa palavra e concluiu seu poema de modo satisfatório. Depois de elaborada a frase, ele foi verificar e descobriu que tinha relação com a ideia que queria transmitir. Este simples acontecimento significou para Tapari uma invenção, uma criação de palavras que caracterizou uma experiência filosófica em sua vida acadêmica de modo que o marcou pedagogicamente. A experiência filosófica que Tapari viveu consigo mesmo, foi aplicada com os estudantes da EE Judith Sant'Ana Diegues, município de Ilha Comprida, num projeto intitulado “Ilha em versos”. O objetivo do projeto foi incentivar a escrita de poemas a partir de experiências filosóficas sobre as paisagens naturais da cidade da Ilha Comprida, relacionando com a filosofia e a poesia. As produções poéticas foram compiladas e publicadas em um livro com o título “Ilha em versos”.

### **Ilha em Versos**

Cidade de Ilha Comprida,  
cidade da minha vida,

entre tantas idas e vindas,  
sinto-me com a missão cumprida.

Cidade de maravilhas,  
ecológica com suas belezas naturais  
e tantas coisas lindas.

Suas flores coloridas,  
suas árvores que balançavam,  
com suas brisas de vento e sol,  
que aquece meu coração.

Me deslizo por tuas dunas,  
caminho pensando,  
e dando Graças a Deus.

Por tantas maravilhas,  
cidade litorânea,  
de paz e amor.

As atividades realizadas por meio das experiências filosóficas fazendo uso de versos e palavras “inventadas” e “acontecidas” potencializam a imaginação de Tapari no sentido de pensar sua trajetória como um pensador caiçara, que teve sua primeira experiência com a palavra filosofia na Escola Agrícola, mais tarde na faculdade e atualmente como educador caiçara. Mas, quais outros pensamentos dialogariam com as experiências filosóficas propostas por Aspis?

Na empreitada das leituras, o pensador caiçara conheceu os escritos de um líder quilombola nordestino do Estado do Piauí, conhecido por Nego Bispo, que utilizava palavras germinantes no sentido de promover a contra-colonização. Contra-colonização é aqui entendido como a resistência cultural das comunidades tradicionais contra a força do capital, do agro, da industrialização, que tenta silenciar as comunidades tradicionais do Nordeste, Estados adjacentes e do Brasil. As palavras germinantes são as ferramentas para que a contracolonização aconteça. No livro “Composto Escola: comunidades de sabenças vivas”, Nego Bispo (2023) disse um dia que as palavras germinantes chegaram nele por meio da ancestralidade do seu povo e o segurou no colo fazendo com que ele se sentisse seguro e amparado para compartilhar as experiências da vida e propor resistência cultural. Parte das experiências da vida de Nego Bispo, que são suas palavras germinantes, estão expressas no referido livro que se originou de uma pesquisa intitulada “Expedição Catástrofe: por uma arqueologia da ignorância”, entre os anos de 2016 a 2019. Em tal pesquisa foi constatado o fechamento de 60.065 escolas rurais no Brasil nos últimos 20 anos. O resultado da pesquisa fez com que o norteamento do trabalho

passasse também a pesquisar escolas que resistem, reinventam e criam experiências alternativas enquanto escolas vivas que contrapõem o capital devastador.

Assim, o livro *Composto Escola* além de mostrar e denunciar o fechamento das milhares de escolas rurais brasileiras também quer mostrar a educação que dá certo e que funciona como movimento de contra-colonização. Para tanto, este livro é um espaço de sabenças, um solo fértil de aprendizagens, um adubo, uma matéria orgânica que nasce da terra e das experiências das comunidades tradicionais bem como dos movimentos sociais aglutinados pelo saudoso quilombola Nego Bispo e seus parceiros e parceiras. Nego Bispo afirmava que:

A educação, na verdade, é um processo permanente de dominação. Educar e adestrar é muito parecido. Para que se adestra? Para trabalhar. Para que se educa? Para trabalhar. Para que se cria? Para viver. Muda tudo. Então, se não fosse a intromissão da sociedade euro-cristã, os quilombos não precisariam de educação, só precisariam de ouvir e viver a criação (Bispo, 2022, p.76).

O quilombola do Piauí ainda defendia que,

[...] as escolas não sabem ensinar a trançar a fibra de caroá, quem sabe ensinar são as mestras e mestres, e trançar fibra de caroá não é educação, é criação. É o poder da criatividade, do pensamento, da racionalidade, da subjetividade. E assim foi também lá onde eu nasci, eu não nasci no Saco Curtume, nasci no Vale do rio Berlengas. Eu nasci, cresci e fui criado criando, fazendo rede de fibra de tucum, peças de argila, pescando. Enfim, criando, botando a minha criatividade até os 18 anos. Eu estou falando isso só pra dizer que há uma diferença entre criar e educar. Todas as outras vidas são criadas, só a vida euro-crista-monoteísta é educada. Nesse sentido, educação é a mesma coisa que adestramento, só serve para o trabalho, a criação serve para a vida (Bispo, 2022, p.77).

A criação que Nego Bispo fala são palavras germinantes, ou seja, “uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p.04). São sementes, adubo fértil que vem da ancestralidade quilombola para denunciar e contrapor a força hegemônica que constroem escolas que ensinam o adestramento e não a criação. Escolas que ensinam apenas a ler e a escrever e não a trançar fibras de caroá, fazer rede de *fibra de tucum*. A criação de Nego Bispo dialoga com a criação de Deluze e Guattari, com o acontecer de Larrosa, com a visão de mundo de Chauí e com as experiências filosóficas de Aspis. São palavras que germinam e confluem por meio de experiências filosóficas para gerar vidas.

As experiências filosóficas entre pescadores de manjuba de Iguape também brotam do seio da ancestralidade caiçara. Assim como Nego Bispo, liderança quilombola nordestina do Piauí, que lutou durante sua vida pelo direito de permanência no território original, que

defendeu a convivência harmoniosa entre povos indígenas e quilombolas, que pregou a contra-colonização por meio das confluências de ideias descolonizadoras, Tapari também busca por meio das experiências filosóficas as palavras germinantes, presentes na pesca da manjuba como meio de captar a potência da filosofia dos pescadores de Iguape.

Na conversa com João Zito, sobre experiências filosóficas, o pensador caiçara viaja por um mutirão de palavras para fabular com o ancião e com os teóricos que embasam a temática desta pesquisa. Assim, partindo do conceito de experiência filosófica apresentada por Aspis, Tapari conecta esse conceito com a ideia de palavra germinante apresentada por Nego Bispo para que ambas expressem o sentido de contracolônização. Dessa conexão surgem alguns questionamentos. O que seriam essas experiências? Que aprendizados filosóficos acontecem na experiência de Tapari como pescador?

O filósofo espanhol Jorge Larrosa (2002) afirma que a palavra experiência vem do latim *experiri*, que significa provar (experimentar) e, é em primeiro lugar, “um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (Larrosa, 2002, p.25). Essa definição de experiência apresentada por Larrosa dialoga com as experiências filosóficas que Tapari experimenta no *porto de pesca*. As palavras que os pescadores exteriorizam no cotidiano pesqueiro representam para Tapari as palavras germinantes que Nego Bispo utilizava na sua comunidade quilombola. São expressões que germinam e confluem em experiências filosóficas vividas na reponta da maré, no jogar da rede, no remar da canoa, nos acenos e gestos que os pescadores reconhecem como hora boa de pescar.

Já o termo filosofia, de acordo com a concepção do filósofo brasileiro, Silvio Gallo,

[...] foi definida de várias maneiras. A palavra, de origem grega, é composta de *philos*, que designa o amigo, amante; e *sophia*, que significa sabedoria. O significado da filosofia, portanto, é o amor ou amizade pela sabedoria. Se a filosofia é um amor pela sabedoria, isso quer dizer que ela não é “a” sabedoria, mas sim uma relação com o saber, que implica um movimento de construção e de busca de sabedoria. (Gallo, 2013, p. 12).

A junção de filosofia enquanto amor ao saber ou o amor à sabedoria com a palavra experiência compõe as experiências filosóficas como marcas de amizade que acontece com o pescador em relação aos afazeres da pescaria, e que tem um caráter contracolônizador porque vai de encontro com a ideia de estar no “colo” da ancestralidade conforme pregou Nego Bispo. Estar no colo da ancestralidade da pesca é estabelecer uma experiência filosófica de resistência contra o silenciamento da vida dos pescadores de manjuba de Iguape. O colo simboliza o espaço de acolhimento, de amizade que potencializa a busca pela ancestralidade. As experiências

filosóficas que Tapari experimenta no *porto de pesca* de manjuba se assemelham à luta que Nego Bispo fazia no seu quilombo no Piauí. As palavras germinantes que Nego Bispo colhia de suas lutas cotidianas são as experiências filosóficas que Tapari recolhe no cotidiano da pesca da manjuba, pois as experiências filosóficas se confluem para atuarem como práticas contra-colonizadoras.

Em seu texto intitulado “A Vida é Selvagem”, Ailton Krenak fala da existência com um aspecto poético muito criativo. Ele diz que,

[...] a vida não busca nossa espécie, ela atravessa nossa espécie. É por isso que uma árvore já foi pedra e um rio já foi nuvem. É tão maravilhoso, você olha uma nuvem e vê um rio. Isso é uma experiência de evolução, mas não no sentido careta que foi pensado no século XX, como sendo algo que acontece fora de nós (Krenak, 2020, p. 01).

Continuando, Krenak fala dos múltiplos processos de formação da vida e do desafio de fazer experiência a partir de nós mesmos. Acho muito importante compreender sobre os múltiplos processos de formação da vida. Precisamos nos implicar com a experiência da vida, para além do experimento intelectual, para além do que somos capazes de conhecer a partir da leitura, da literatura e de outras narrativas. Somos provocados a fazer experiências a partir de nós mesmos (Krenak, 2020, p.07).

Nascido na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, Ailton Krenak é um líder indígena da etnia Krenak, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro e recente Imortal da Academia Brasileira de Letras. Quando Krenak diz que a vida atravessa a espécie humana fazendo experiências de evolução, externa-se na sua fala uma potente demonstração de experiências filosóficas. A afirmação do recente imortal da ABL de que uma árvore já foi uma pedra e que uma pedra já foi um rio mostra que a vida está sempre atravessando a espécie humana por meio de um contínuo diálogo com a natureza e com o mundo onde vivemos.

Em seu outro livro intitulado “A vida não é útil”, Krenak afirma que:

Neste momento estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, também são consumidas por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos (Krenak,2020, p.95).

A filosofia de Krenak instiga Tapari a pensar as experiências filosóficas a partir dele mesmo, distanciando-se momentaneamente do experimento intelectual, para além do que ele é capaz de conhecer somente por meio da leitura, literatura e de outras narrativas. O

pensamento de Krenak conecta o pensamento do pensador caíçara à visão de mundo apresentada por Tim Ingold. Ingold é um antropólogo britânico (Reino Unido) e professor da Universidade de Aberdeen que acredita “[...] sermos todos parte da natureza” (Ingold, 2013, p.20). Assim como Krenak e Ingold que acentuam que a vida está sempre atravessando a humanidade, Tapari também se sente atravessado pelas experiências filosóficas.

Até aqui, neste terceiro lanço, Tapari procurou estabelecer uma conversa conceitual com Marilena Chauí, Renata Aspis, Nego Bispo, Silvio Gallo, Gilles Deleuze & Félix Guattari, Jorge Larrosa, Ailton Krenak e Tim Ingold os quais compartilharam conceitos fundamentais para esclarecer e fundamentar a temática das experiências filosóficas. Tapari vive as experiências filosóficas ao recordar seu tempo de pescador de manjuba e nas conversas que experimenta ao lado João Zito. Nesse universo de palavras ditas e ouvidas vão acontecendo as experiências filosóficas que são as criações, as invenções, as palavras germinantes, os acontecimentos, as *repontas das marés*, as *pitueiras*, as construções das canoas de uma madeira só, e tantos outros acontecimentos que o pensador caíçara experimenta no *porto da pesca*.

Tapari segue conversando com João Zito sobre suas experiências. João Zito é um ancião pescador cuja sola dos pés é consideravelmente grossa, pois não usa calçados e por isso seus pés ficam em contato direto com o chão, de modo que seu corpo esteja sempre ligado ao húmus, território de chão batido onde Nego Bispo dizia que era o lugar onde “[...] as galinhas e os outros animais conviviam com as pessoas” (Bispo, 2023, p.08). O ancião caminha pela areia até o *porto de pesca* onde espera a *reponta da maré*. Lá, puxa a canoa para o Mar Pequeno e a temperatura fria da água é levada junto aos seus pés para dentro do barco de onde se apruma para remar. O olhar de ancião experiente sobre a água estimula sua experiência filosófica com o rio, ao mesmo tempo em que constata no ar uma “força imaginante” de que fala o filósofo francês Gaston Bachelard em seu livro intitulado “A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria” (Bachelard, 1989, p.02). João Zito tem consigo uma “força imaginante” que é seu amigo, sua Filosofia de vida, o amigo da sabedoria que anda ao seu lado ajudando a criar as palavras germinantes e contracolonizadora que resistem ao movimento de silenciamento da pesca da manjuba. A força imaginante, ou seja, o movimento de conversa de João Zito com a natureza perpassa seu corpo. Suas solas grossas evitam que seus pés escorreguem no bojo, fundo da canoa, atuando como antiderrapante, pois são elas que firmam as pernas do pescador para garantir o lançamento da rede.

A canoa faz um rastro no rio por onde passa, que é rapidamente apagado pelo próprio movimento da água. Já o rastro de João Zito é deixado na beira do rio, na praia, dentro

do mangue e nos outros variados lugares do território pesqueiro conforme a sua vivência de pescador, pois “[...] as pessoas são conhecidas e reconhecidas pelos rastros que elas deixam para trás” (Ingold, 2013, p.17). Sendo assim, para Ingold o que João Zito tem em comum com a natureza e vice-versa estão relacionados. Essa relação de interdependência entre humano e não humano pode ser observado nos rastros de João Zito, que ficam registrados quando visita o cerco de taquara, nas construções das canoas de um pau só, nos remos de *guacá*, nas tarrafas, nos *picarés*, nos *jerivás* que servem para pescar camarões. Os instrumentos de pesca também produzem rastros no território pesqueiro, que possibilita a construção de um cosmo anímico “[...] entendido como um sistema de crença que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inerte” (Ingold, 2013, p.11). O remo, as redes a canoa seriam um cosmo anímico? Seriam amigos animistas de João Zito? Sim, pois João Zito é um animista que se comunica com cada artefato como se fosse um ser de sua espécie. João é um filósofo porque ele é amigo da sabedoria. Essa maneira humana de tratar as coisas consideradas inertes é que gera em João Zito a força imaginante de que fala Bachelard (1989). Quando a pesca é feita com o *cerco de taquara*, ele imagina uma parte do seu corpo composta de madeiras e taquaras que sentem o frio por ficar o tempo todo dentro da água, de manter o peixe vivo dentro do cercado até que seja despescado. A despescada do cerco é feita com uma rede apropriada que retira de dentro do instrumento somente os peixes graúdos deixando os filhotes livres para retornarem ao ambiente natural do rio.

A relação de João Zito com o cerco de taquara, bem como com os outros instrumentos de pesca, se dá de uma maneira parecida com a relação que ele tem com os humanos, pois os tratos são de cuidado e amizade. João Zito os imagina como extensão do seu corpo, que fica na água pescando quando ele está em casa descansando durante o período da noite. Da mesma forma, ele imagina o remo que conduz a embarcação como se fosse a sua mão e seu braço entrando na água para empurrar a canoa para frente. Não é diferente com a tarrafa e com a rede de manjuba. Essa imaginação que elabora com os seres não humanos o faz entender que a natureza tem seu direito de existir. Assim, quando faz seus instrumentos de pesca, no caso um remo ou o cerco de taquara, faz de maneira respeitosa extraindo uma parte da natureza que não cause estrago ao meio ambiente.

Após a pesca, retorna ao *porto de pesca* quando já é final *da reponta da maré*. O pé de João Zito toca o solo novamente de onde dá sustentação para varar o barco, organizar os materiais de pesca e fazer o carregamento dos peixes quando a pescaria for exitosa.

João Zito é um sábio pescador, um ancião experiente e um hábil contador de histórias que sabe prender as pessoas com suas palavras germinantes. Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, concebe o termo germinante como uma potência presente nas palavras produzidas dentro das comunidades que se somam por si gerando uma confluência, ou seja, uma “[...] força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p.04).

A confluência de que cita Nego Bispo é resultado das resistências quilombolas da região do Nordeste do Brasil que se une para contrapor o pensamento do colonizador. As palavras germinantes são expressões quilombolas potentes que nascem das experiências das comunidades remanescentes para contradizer a opressão que tenta silenciar a ancestralidade africana. As palavras germinantes são sementes de ancestralidade que os quilombos semeiam para colher a força da resistência pela vida.

De forma semelhante, as palavras germinantes dos pescadores de manjuba de Iguape confluem no cotidiano pesqueiro como forma de resistência, de identidade e reconhecimento da comunidade. São saberes que vêm da tradição, vozes que reivindicam melhores condições de trabalho, facilidade para aquisição de materiais de pesca e outros mecanismos para assegurar a continuidade da tradição pesqueira.

O contato de João Zito com o rio e com os instrumentos da pesca é uma relação potente de imaginação que o faz pensar a relação entre a água, a praia e a mata. A imaginação promove um diálogo com a natureza, e nessa interação João Zito questiona a água, os peixes, as folhas que caem dos manguezais, os caranguejos e tantas outras realidades não humanas. Desse diálogo nascem palavras germinantes como a *pitueira*, que é uma capacidade de reconhecimento do peixe na água por meio do cheiro, *pitiu*.

A constatação da *pitueira*, por exemplo, que é o cheiro da manjuba, é a experiência filosófica que revela um saber peculiar da pescaria e por meio dessa sabedoria são geradas palavras germinantes que confluem entre si produzindo o sentido da identidade local e a resistência da comunidade pesqueira. Quando o pescador experiente chega à praia do rio, no período da reponta da maré, sua experiência olfativa, ou seja, sua capacidade de sentir o cheiro das manjubas na água, o *pitiu* da manjuba, permite que emita uma previsão sobre o que poderá acontecer na pesca do dia. Conforme seu jeito, o pescador entra em sintonia com a água e seu olfato busca identificar o *pitiu* (Diegues, 2005, p. 211) do peixe, cheiro característico da espécie, para elaborar suas hipóteses que podem ajudar a equipe no momento certo de lançar as redes. A constatação da *pitueira* é uma experiência filosófica que foi construída ao longo do tempo de

vivência do pescador com o rio de modo que se consolidou em um saber próprio e ao mesmo tempo, uma palavra germinante que orienta os afazeres dos pescadores.

O tecimento de uma rede de pesca também é uma experiência filosófica, pois assim como a *pitueira*, que é provada pelo nariz, o ato de tecer uma rede é provado pelas mãos. O início de uma rede começa pelo preenchimento de uma agulha com fio de náilon que depois é movimentada pela mão em forma de círculo para se obter a primeira malha. Da primeira malha disparam outras que são delimitadas pelos nós. Os nós são produzidos habilidosamente pelos dedos treinados que apertam e uniformizam as malhas. Esse processo de tecimento da rede é uma experiência filosófica porque provoca questionamentos para quem tece ou observa, pois o tecimento faz pensar sobre a origem da rede, a importância para a vida do pescador e a relação de amizade dele com o instrumento de pesca.

As narrativas dos pescadores são experiências filosóficas vividas, observadas ou contadas por outros, pois, como diz Benjamin, “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1994, p. 205). Em seu texto clássico, “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin, filósofo e ensaísta judeu alemão, um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt, também chama atenção para o desaparecimento da arte de narrar. Assim, para que não se esqueça o narrador, Benjamin enxerga no exercício da narrativa a importância da experiência enquanto lugar de onde se retira a matéria-prima para a invenção das palavras. O ancião, pescador experiente – aquele que narra – cria com sua narrativa a situação indagativa. Narrar uma história, contar um conto sobre naufrágio ou salvamento na boca da Barra, relatar uma grande pescaria, fazer uso de um falar típico da pesca da manjuba é viver uma experiência filosófica. A narrativa tem em si uma filosofia que vem do termo *philos* (amizade). O narrador faz amizade com quem ouve, e passa ao ouvinte a possibilidade de levar adiante o dom de narrar porque é uma experiência que vive e se prolonga em “[...] experiências que se sucedem” (Dewey, 1979, p. 16).

João Zito dificilmente peca no repertório de seus relatos, pois tem uma requintada capacidade de narrar que até o pescador mais atento perde o horário do lanço quando pára para ouvi-lo. Sua fala suave e seus gestos característicos envolvem os que o escutam conduzindo as pessoas para o tempo de infância e fazendo imaginar os antigos anciãos tecendo as redes na sombra das árvores.

As pernas de João Zito estão sempre protegidas por calças arregaçadas até a meia canela e nunca se molham na pescaria. Quando chega em casa com os peixes despeja-os numa

gamela de araribá e os leva para uma fonte de rio. Lá, *concerta* os peixes de *cócoras*, não se senta. Começa cortando as galhas, esporas e depois remove as escamas. No segundo momento, ele abre a barriga para retirar as vísceras. No caso da tainha, separam-se as ovas, coquinhos da guelra e outros miúdos que são aproveitados para preparar uma deliciosa farofa com farinha *manema*. João Zito come a farofa tomando café.

Ao sair de casa veste uma camisa de manga longa, coloca o facão na cintura e procura o chapéu de palha. Seu corpo é magro, e isso lhe dá leveza para seguir pelo caminho da roça com a enxada bem amolada carregada nas costas. Enquanto o sol esquentava o dia, João Zito aproveitava para carpir as ervas daninhas que competem com as ramas da mandioca. Colhe batata doce, aipim, feijão, milho e ainda leva para casa um feixe de lenha para atear o fogo. Após a refeição, enquanto o sol está a pino, segue para baixo de uma árvore aproveitando a sombra para tecer sua rede. Na cabeça sempre se encontra um lenço ou um chapéu de palha. De posse de uma agulha de madeira, *malheiro* e um tubo de fio de nylon, dá início à *panagem* de uma tarrafa. Seu corpo cabe sentadinho num banco de madeira de onde começa a primeira malha da rede que é enroscada no dedão do pé para depois disparar o corpo da tarrafa. Suas mãos calejadas da roça e da pesca movimentam a agulha e o *malheiro* com sabedoria para fazer os nós. Dos nós surgem as malhas e das malhas a composição da *panagem* que constituirá a tarrafa por inteiro.

As solas grossas dos pés de João Zito sustentam seu corpo, que é um território onde acontecem as experiências filosóficas. Suas pernas magras são duras devido a energia que recebe diariamente da terra onde pisa sempre descalço. Seu corpo acima da cintura também é magro por conta dos movimentos que faz cotidianamente. Seus braços e mãos são marcados pelo ofício da pesca e sua cabeça, protegida pelo lenço ou chapéu de palha, esconde parcialmente os fios de cabelos brancos que o tempo lhe reservou.

Assim, prossegue a conversa entre o jovem Tapari e o ancião João Zito. Numa tarde de outono, passando pela praia do Mar Pequeno, Tapari segue por uma trilha que leva ao *porto de pesca* onde João Zito se encontra tecendo uma rede na sombra de uma árvore. O jovem cumprimenta o ancião e senta-se ao seu lado para conversar. A conversa se estabelece no tempo em que os dois entram numa prosa de pescadores.

Próximo a uma canoa varada, Tapari puxa um assunto sobre a filosofia que estudou na escola. Inicia a fala fazendo uma breve contextualização a respeito da mitologia grega, e segue comentando sobre os pré-socráticos e posteriormente relata o que sabia da vida dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Enfatiza a máxima socrática do “Só sei que nada sei”

(Chauí, 2016, p.07) e sobre a Idade Média; comenta a respeito da contribuição de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino no que diz respeito a cristianização respectivamente do pensamento de Platão e Aristóteles no âmbito da história da Igreja Católica. Na Idade Moderna, cita o filósofo René Descartes referindo-se ao método da dúvida cartesiana que se fundamenta no cogito “Penso, logo existo” (Savian Filho, 2016, p.191). Por fim, apresenta uma breve contextualização da Idade Contemporânea citando o existencialismo de Sartre, a luta de classes em Karl Marx e o pós-estruturalismo de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Retornando aos pensadores pré-socráticos, Tapari destaca um pensamento atribuído ao filósofo Heráclito de Éfeso onde diz que “não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois a água se renova a cada instante” (Cotrim, 2002, p.81). A partir dessa filosofia a conversa se estende ao longo da tarde e, embora João Zito não entendesse muito a linguagem da escola, mesmo assim, aprovou a reflexão de Tapari dizendo ao jovem que o apoiava muito no seu estudo, e que estava ali disposto a compartilhar o que sabia sobre a pesca e a cultura caiçara.

### **A caloadá**

Caloeiro pescador,  
Sua posição é na praia.  
Seus olhos contemplam o lanço,  
Suas mãos tracionam o cabo.

Puxa a rede caloeiro,  
Faz logo uma bela sacada.  
Não deixa passar o peixe,  
Encosta a rede na praia.

Quando a força da maré,  
for te puxando da praia.  
palanca o cabo no galho,  
e vai acompanhando a virada.

Enquanto conversavam, João Zito convidou Tapari para caminhar ao seu lado por uma trilha que beirava o Mar Pequeno e levava ao pico do Outeiro do Bacharel. Durante a caminhada o ancião mostrava e falava a Tapari sobre os lugares por onde passavam fazendo o jovem caiçara lembrar das aulas peripatéticas que aconteciam nos Jardins de Epicuro conforme tinha estudado na escola. Chegando ao pico do Outeiro do Bacharel, montanha de onde o “suposto” primitivo fundador da cidade de Iguape olhava os piratas no mar do século XVI, avistaram a imensidão do Oceano Atlântico, a foz do rio Ribeira de Iguape e do Mar Pequeno,

pois ambas desembocam no mesmo local por onde as manjubas chegam do Oceano Atlântico para desovar na água salobra do Mar Pequeno em tempo da piracema.

Sentados numa pedra relativamente grande, existente no pico do Outeiro do Bacharel, de onde eles tinham uma ampla visão do Oceano Atlântico, do Mar Pequeno e da vegetação do entorno, João Zito passou a relatar suas experiências filosóficas sobre a pesca da manjuba.

Lembrando sua juventude, João Zito mergulhou em suas memórias e passou a contar sobre o tempo quando os primeiros raios do sol clareavam a chegada das manjubas no Mar Pequeno e de quando ele se levantava de madrugada de sua tarimba, cama rústica construída com galhos de árvores, e assentava seus pés descalços no chão de terra batida. O sonho e a vontade de ter uma casa própria e comida farta na mesa o impulsionava para o trabalho com a convicção e confiança de encontrar na pesca da manjuba condições para sustentar sua vida e ser feliz. João Zito contava que descia correndo para o *porto de pesca* e pelo caminho ia sentindo uma brisa úmida e fria que vinha com o vento da direção do morro, que se estendia para a banda do rio Ribeira de Iguape. No fim da trilha, chegava ao *porto de pesca*, onde se encontrava com seu avô, ancião e mestre de temperamento amável, que coordenava uma tripulação de pescadores com os quais iniciou seu ofício de pescador.

No embalo da prosa, João Zito contava que a tripulação de pescadores de manjuba é formada por um mestre, geralmente um ancião – pescador experiente – que no caso dele era seu avô, e mais três tripulantes. Um deles era o *caloeiro*, posição que João Zito começou a sua experiência de pescador. O *caloeiro* permanece na praia segurando a corda da *caloadá* que é amarrada no calão da rede, madeira usada para abrir a *panagem* da rede. O cabo da *caloadá* é uma corda bem resistente ligada à rede da manjuba por meio do calão que é levada pelo barco para dentro do Mar Pequeno onde é realizado o lanço. O mestre da tripulação, por sua vez, é o responsável pelo material de pesca (rede e canoa), que geralmente é fornecido pelo atravessador, pequeno empresário da região. Poucos pescadores possuem seus próprios materiais de pesca, condição que os torna sempre dependentes de terceiros. Logo à frente do mestre trabalha o *chumbereiro*, pescador que ajuda no lanço arremessando a rede na água pelo lado dos chumbos. Na proa do barco atua o proeiro, pescador que se ocupa somente com as remadas potentes para manter a direção e a movimentação do barco. O proeiro precisa ser experiente, ter firmeza nos pés e força nos braços para que, em tempo de marolas, tocadas pelo vento sul, não titubeie nas remadas e mantenha sempre a canoa emproada, ou seja, com a proa em direção das ondas para que a embarcação não naufrague. Na popa da canoa pescava o

mestre, avô de João Zito, que dava as ordens aos seus tripulantes. Além de remar a canoa e dar a direção no barco, o mestre também lançava a rede ao Mar Pequeno pela parte das boias que saíam em sincronia com os chumbeiros. O *chumbereiro* e o mestre devem lançar a rede ao mesmo tempo para que o lanço da manjuba aconteça num formato de semicírculo facilitando o fechamento assim que os pescadores retornam à praia.

João Zito foi contando que viveu pela primeira vez a experiência da pesca da manjuba na função de *caloeiro* e, mesmo que tenha se enrolado algumas vezes na rede, seu avô não desfez a confiança nele, pois o mestre da rede precisa acreditar no aprendiz respeitando seu tempo de aprendizado, conforme disse o filósofo francês, Jacques Rancière, em seu livro “O Mestre Ignorante” que “não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas” (Rancière, 2015, p. 11). João Zito relata que o fato de o avô não ter gritado com ele nas primeiras experiências com a pesca, atitude que descartou a questão da ignorância, permitiu que ele vivesse uma experiência filosófica da paciência e da empatia. João Zito conta que todas as vezes que seu avô respeitou seus erros de iniciante fez com a consciência de que nele, o garoto aprendiz da pesca, havia uma infinidade de coisas boas a serem potencializadas. Acreditou que a experiência filosófica contribui para que a pessoa seja amiga da sabedoria (Gallo, 2013), que viva experiências marcantes, transformadoras (Aspis, 2008; Larrosa, 2009).

Após recordar a experiência de *caloeiro*, João Zito passou a relatar um pouco da história do “Tempos dos Antigos” (Sanches, 2004, p.62) quando as redes eram tecidas com *fibras de tucum*, palmeira nativa da Mata Atlântica. Nesse retorno ao passado, contou que após o uso fibra do tucum, apareceu a rede de algodão, material que dava muito trabalho para pescar, pois era muito pesada para puxar e apodrecia com facilidade, precisando ser guardada em local seco todos os dias. Foi só na década de 1950 que apareceu a rede de nylon confeccionada na fábrica com comprimento bem superior àquelas que existiam anteriormente.

Embalados pela conversa, e já próximo à chegada da noite, ambos desceram do Outeiro do Bacharel e retornaram para suas casas. Tapari levou consigo uma série de indagações que povoavam sua mente em relação à conversa que teve com João Zito sobre seus relatos de experiências filosóficas vividas na infância ao lado de seu avô pescador. Em casa, sentado à mesa com seus pais, enquanto compartilhava a conversa, Tapari foi servido por sua mãe de uma saborosa caldeirada de peixe, comida típica dos pescadores caiçaras, preparada com cheiro verde e limão rosa para dar consistência ao pirão de farinha.

À noite, quando o silêncio preenchia a humilde casa de Tapari, o jovem pescador refletia e relacionava o sentido da palavra experiência estudado na escola por meio dos filósofos

Larrosa (2002), Aspis (2009) e Gallo (2013). A relação que fazia entre teoria e prática aumentava em Tapari a curiosidade em conhecer e viver cada vez mais a experiência filosófica por meio da prática pesqueira. Toda vez que o jovem ouvia João Zito lembrava de Sócrates ensinando os jovens na Ágora de Atenas. Sócrates explanava sobre democracia, justiça e outros temas relacionados à moral, e João Zito compartilhava suas experiências filosóficas concretas da vida de pescador.

O canto estridente da araponga contribuiu para o despertar de Tapari. O jovem levanta-se devagar e caminha em direção ao fogão à lenha onde junta os tições de lenha, atea o fogo e põe água para esquentar. Prepara o coador de pano sobre o bule e despeja a água fervendo sobre o pó escuro que exala o aroma da bebida matinal. Assa na brasa algumas bananas e come com café acompanhado de farinha *manema*. Satisfeito, deixa a casa e segue pelo caminho do *porto de pesca* ouvindo as arapongas que continuam com seus cantos estridentes, pois é dia de vento Noroeste e o tempo mostra-se alvoroçado, ou seja, sinalizando possíveis dias de chuva pela frente.

Tapari está novamente no barranco de frente para o Mar Pequeno. A água está de vazante e a *repona da maré* vai demorar algumas horas para chegar. Enquanto isso, o jovem aproveita para olhar os guarás nos mangues, acompanha a descida dos aguapês para o Oceano Atlântico. Aguapê é uma planta aquática que significa “Água redonda” em Guarani, vegetal que deu nome à cidade de Iguape. Lembra-se das vezes que catava caranguejos com os amigos, das vezes que pescava com bicho do lodo e de outras peripécias que aprontava por ali. Em passos lentos, deixa o barranco e segue em direção ao *porto de pesca*. Dessa vez encontra o ancião descalço fazendo um remo de *guacá*. Senta-se de costume ao lado dele e novamente puxa uma prosa. Tapari pede para João Zito continuar o relato sobre pescaria, pois quer saber como foi a primeira vez que entrou numa canoa para lançar a rede.

Fazendo gestos com os braços, João Zito vai contando como foi o dia de pular na canoa para jogar chumbo. Ele diz que chegou bem cedo à praia para pescar, e logo que pisou a areia molhada encontrou seu avô que o acolheu com cordialidade. Enquanto aguardava a *repona da maré*, João Zito lembra que se abancou numa árvore caída rente ao barranco da praia e ali ficou observando o movimento que acontecia à sua frente. Numa disposição de observador e escuta atenta ouviu um grito que dizia: “apague o farol!” O que significava o pedido naquele contexto? Com o passar do tempo, João Zito foi entendendo que o pescador tem um costume de dizer uma frase querendo falar outra. Por exemplo: “Ê, hoje vai esfriar pouco!” Nesse caso, ele quer dizer que vai esquentar bastante! É uma forma de tirar sarro do outro. Enfatiza-se a

primeira palavra para se referir ao seu antônimo. Se o dia está de sol, ele costuma dizer que está chuvoso. Se a pessoa é alta, ele diz que é baixa, e assim por diante.

Apagar o farol significava dizer que o pescador estava chegando tarde na praia, ou seja, estava atrasado para o trabalho. Não chegar na hora do lanço é comprometer a equipe que terá que trabalhar com menos integrantes. A expressão apagar o farol é uma forma de cobrar pontualidade e compromisso do pescador com a equipe. Essa cobrança normalmente se faz em tom de sarro, na brincadeira coletiva. O mestre pescador, aquele que tem responsabilidade pela equipe, chega mais cedo à praia e sempre carrega uma lanterna para iluminar a trilha e o local onde fica a embarcação. Essa atitude do mestre pescador significa compromisso e experiência que são compartilhados com os mais novos. Assim, apagar o farol é uma forma de evidenciar a moral do bom pescador. Em conversa com João Zito, o avô explica para o neto que chegar atrasado à praia ou ser convidado a apagar o farol demonstra uma atitude irresponsável do pescador. A repetição desse comportamento caracteriza uma certa fraqueza do tripulante. O pescador que se comporta assim fica em segundo plano na hora da escolha da tripulação. Portanto, precisa ser pontual, pois a reponta da maré não espera ninguém. Quem pesca precisa acordar cedo e cumprir o trato com os companheiros de rede. Os que cumprem esses requisitos da pesca sempre são convidados para formar tripulação nas safras de pesca, e o mestre não deixa de fora de sua equipe.

Outra vantagem de chegar cedo à praia, afirma o avô de Tapari, era sobre o posicionamento da canoa na *fiada*. Houve uma vez que as canoas estavam todas posicionadas na fiada, então, uma equipe que se localizava no fim dela pediu para dar uma rabada, ou seja, queria jogar o lanço antes da reponta da maré. O *frenteiro* autorizou e, com isso, João Zito passou a estranhar aquela autorização.

Após a conversa com o avô, João Zito entendeu que dar uma rabada significava jogar um lanço antes de quem está de *frenteiro*, ou seja, na primeira posição da fiada. Isso normalmente acontece quando a vazante está no final, aguardando a reponta da maré, e nesse caso, é permitido que uma tripulação faça um experimento para que o *frenteiro* tenha certeza de que seu lanço terá êxito, e que consiga caçar mais peixe (manjuba). Quando a rabada não sinaliza a possibilidade de haver peixe no *cópio* da rede, ou seja, ao longo das oitenta braças que corresponde o comprimento dela, o próprio *frenteiro* pode suspender seu lanço e guardar sua posição para o dia seguinte, mantendo-se na primeira posição. A rabada é uma sinalização, um aviso de como está o fundo do rio naquele momento da maré. Um tipo de olhar a água

antevendo o cardume das manjubas movendo-se pelo invisível do rio. O lanço de rabada é um aviso ao *frenteiro*.

Continuando a entrevista, João Zito fala de outra expressão conhecida por *estar com a pedra*. Essa expressão era muito utilizada quando uma tripulação começava a fracassar na pesca, ou seja, não conseguia realizar lanços com boa quantidade de manjubas. Quando isso acontecia com uma tripulação apontava-se uma causa. Arrumava-se alguém do grupo para ser o bode expiatório e, nesse caso, passava a ser considerada a *pedra* da tripulação. João Zito diz que uma equipe que estivesse com a pedra, além da brincadeira, requeria que a equipe fizesse uma análise da condição da rede que estava utilizando. Assim, era necessário que fosse chamado um pescador experiente para fazer o diagnóstico. Normalmente era constatado um problema no entralho. Mas, o que vem a ser entralho? Entralhar uma rede é juntar a *panagem* (rede) na corda das boias e na corda dos chumbos. Quando o entralho não é caprichado, obedecendo as regras de uma rede de manjuba, por exemplo, a rede começa a apresentar problemas no momento do lanço. A corda do chumbeiro se afasta do fundo do rio no momento em que a rede está sendo puxada para a praia. Essa falha na rede é chamada de alagamento do *cópio*, pois é o espaço da rede por onde os peixes fogem.

Como se sabe que o *cópio* alaga? Ou seja, que os peixes saem por debaixo do chumbeiro? A experiência do pescador, sua filosofia de vida, evidencia essa suspeita. O rito da pesca consiste no lançamento da rede na água e a sua puxada para a praia. O caloeiro, puxa a corda da caloada de terra (uma das extremidades da rede) até próximo à praia e amarra a corda num *palanque*. Enquanto isso, a outra extremidade da rede, caloada de fora, é puxada pelos três tripulantes que lançaram a rede (mestre, chumbereiro e proeiro). Quando as duas extremidades (caloada de fora e de terra) encostam na praia, os quatro pescadores iniciam a puxada da rede pela corda do chumbeiro e da boia em conjunto. Se houver manjubas malhadas nas caloadas, os pescadores ficam alegres e esperam que o lanço seja bom. Se acontecer de não vir peixes em quantidade esperada no *cópio* da rede, local da rede onde os peixes são cercados, os pescadores dizem que houve *abanada* e a equipe está com a pedra! É momento que se constatava o problema no entralho da rede. Nesse caso, a rede está alagando no *cópio* e precisa ser novamente entalhada. Essa linguagem é usada somente no ambiente pesqueiro, portanto restrita ao *porto da pesca*.

Enquanto estava atento às observações da pesca, João Zito conta que foi chamado pelo avô a integrar a equipe da canoa. Ele faria uma experiência na posição de chumbereiro, que se situa entre o mestre e o proeiro. Ao entrar na canoa seu coração acelera, bate forte e a

emoção toma conta do corpo. A canoa se distancia da praia e a corda da caloadá vai se desenrolando da popa da canoa com rapidez. As remadas adquirem ritmo acelerado e o olhar do avô em direção a João Zito mostra que ele está se saindo bem até aquele momento. O interior do aprendiz de chumbereiro era todo uma pulsação de expectativas. Uma constante torcida para que aquele momento fosse breve e que a providência divina atuasse a seu favor. O avô anuncia o momento e solta o calão da rede na água, e pela primeira vez, João Zito gruda numa quantia de chumbeiros e a lança com força do barco. O arremesso sai desproporcional ao movimento da corda das boias causando um rolo na panagem. O avô pede que João Zito diminua a força do lançamento e sincronize com a saída das boias. João Zito se perde entre a prática e a teoria, e a embarcação para no meio do rio levando o aprendiz de chumbereiro ao desespero. O avô o tranquiliza e, pacientemente, vai desenrolando a panagem da rede até que o lanço volte à normalidade. A canoa continua a movimentar-se e o lanço é concluído com sucesso. Com os pés na areia da praia, João Zito volta a respirar aliviado. Havia passado um susto, pois o primeiro lanço de manjuba na condição de chumbereiro foi uma “[...] experiência aprendida do ponto de vista do acontecimento” (Lapoujade, 2017, p. 31). João Zito conclui o relato com um sorriso sincero e saudoso lembrando o passado.

Quando o ancião terminou a narrativa, a tarde anunciava seu fim e a noite chegava trazendo os pernilongos que cantavam no ouvido e davam picadas de coceiras nas pernas. Tapari agradeceu o momento da conversa e despediu-se de João Zito levando consigo uma grande quantidade de informações e experiências filosóficas para refletir e aguçar sua curiosidade de pescador.

Em outro momento, Tapari encontrou João Zito no *porto da pesca* entalhando um *picaré* para pescar na *costa do mar* e Tapari disse a ele que gostaria de continuar ouvindo sua história de pescador. Então, João Zito humildemente continuou o relato sobre sua experiência de pescador na posição de proeiro. O ancião lembra que chegou no porto de pesca e aproximou-se do avô que estava *esgotando* a canoa. A canoa estava levemente inclinada para o lado da popa, de modo que a água que escorria da rede mantinha-se represada na extremidade da embarcação facilitando a sua retirada com o *esgote*. Ambos *desvararam* a canoa até a água levando a embarcação até o ponto de lanço onde foi colocada na posição de *frenteiro*, na primeira da *fiada*.

Depois da colocação da canoa na fiada retornaram os dois para o barranco da praia. O sol mostrava a cara com seus raios brilhantes que refletiam potentes sobre a superfície da água, e a correnteza da maré de vazante perdia força fazendo com que os *aguapês* e outras

plantas aquáticas diminuíssem o movimento em direção ao mar. Algumas garças pousavam na borda da canoa à procura das manjubas esquecidas e um bando de biguás mergulhavam em busca dos peixes mais profundos.

Enquanto aguardavam a *repona da maré* e esperavam a chegada dos companheiros de pesca, João Zito lembra que aproveitou para fazer algumas perguntas a seu avô sobre a relação dele com a água do Mar Pequeno. A resposta chegou num tom filosófico e inesperado, pois, para seu avô, a convivência com a água acontecia desde criança. Disse que havia crescido próximo daquela água e que para ele a água tinha um poder de conversa. Dizia que quando chegava à beira da praia ela o avisava se ia ter peixe ou não, e acrescentava que dependendo do movimento da maré era possível sentir o cheiro da *pitueira*. Nos dias em que a água está escura também é possível sentir uma tristeza nela, pois fica turva devido à grande quantidade de barro que vem lá do alto do rio Ribeira trazido pela enxurrada. Nesses dias não dá para entrar na água, pois tem bananeira, galhos de árvores e outros lixos que descem com o rio. Quando vem o vento sul, as águas ficam agitadas e a pescaria torna-se impossível. Ninguém se habilita a entrar no rio para lançar as redes. Entende-se que a água não quer que os pescadores fiquem ali perto dela. O vento frio, a chuva fina, as ondas reviradas sinalizam que os pescadores devem deixar de pescar por algum tempo. Então, as redes são guardadas, as canoas *varadas* e os pescadores vão para casa por um tempo. A água parece que se cansou dos pescadores. Eles devem respeitá-la, pois talvez seja um tempo que a água necessita para proteger os peixes e outros seres que nela habitam.

Enquanto a canoa pairava tranquila na posição de frenteiro e a *repona da maré* se aproximava, num relance, o avô de João Zito sente o cheiro da *pitueira* e chama a tripulação para jogar o lanço. João Zito sobe na proa da canoa, segura o remo de guacá e começa a executar as remadas potentes junto aos outros pescadores. A canoa segue para dentro do Mar Pequeno e, após lançar a rede, a tripulação retorna à praia. O lanço saiu perfeito e logo as manjubinhas apareceram malhadas nas caloadas, sinalizando um possível lanço caprichado que foi se confirmando à medida que a rede começou a se fechar na praia fazendo com que um grande alvoroço de manjubas no *cópio* da rede causasse gritos e gestos de alegria de todos que estavam ali presentes. Horas mais tarde, quando a pescaria já havia finalizado, João Zito foi parabenizado e notificado pelo seu avô que já podia assumir o remo porque seu corpo estava pronto para pescar na posição de proeiro. João Zito sentiu-se muito feliz com a notícia de seu avô, pois passou a entender que já conseguia pescar ao lado dos pescadores experientes.

A conversa com João Zito continuou na sombra de uma jaqueira. Lá, Tapari encontra o ancião com os pés descalços e bem à vontade sobre a areia solta do quintal. Olhando para Tapari, João Zito disse que, de início, o falecimento de seu avô foi muito difícil para ele porque o falecido foi uma pessoa muito querida. João Zito seguiu sozinho na pescaria e mais tarde resolveu assumir a posição de mestre de uma tripulação que marcou sua vida de pescador. A assunção na mestria da pesca permitiu que João Zito desse continuidade à tradição pesqueira do seu avô, e se tornasse um mestre de popa da canoa e artesão reconhecido na região de Iguape.

A experiência de mestre de tripulação fez de João Zito um pescador artesão, pois, além de pescar, também construía os instrumentos de pesca. Ele lembra que o remo de guacá foi o primeiro que construiu e relata que a madeira deve ser extraída da Mata Atlântica na lua minguante para não adquirir rachaduras e bichos bem como ser cortada na altura de 30 centímetros acima do solo possibilitando que o tronco da madeira rebrote e a árvore continue vivendo. Para reconhecer o guacá é necessário começar olhando a “[...] pele da árvore” (Kopenawa, 2015, p. 456), os galhos, as folhas, a coloração, o formato da copa. A madeira extraída é rachada ao meio para se produzir dois remos. Usa-se o machado, facão e o cepilho para dar formato ao artefato, e o restante que sobra da madeira é dispensada na mata onde é incorporada ao solo.

A arte de construir remo depende da água onde o instrumento será usado. Se o pescador for pescar no mar aberto, o remo precisa ser de madeira resistente, pois a pá, ou seja, a parte que vai dentro da água precisa ser grande e côncava para resistir à remada. Quem pesca somente no rio, como é o caso da pescaria da manjuba, onde a correnteza é menor, não necessariamente precisa usar remo de guacá, pode ser de outras madeiras menos resistentes. O primeiro remo que João Zito construiu não saiu bem acabado, mas ele garantiu que o ajudou a pescar muitas manjubas.

Após o relato sobre a construção do remo, o ancião passa a contar histórias sobre as redes de manjuba. Dentre os relatos, enfatiza que no Tempo dos Antigos as redes eram tecidas com fibra de tucum. Emociona-se ao lembrar do tempo de criança quando se sentava à sombra de uma árvore e lá passava horas extraindo fibras da tal palmeira e ouvindo histórias contadas pelos pais. Estar junto à comunidade, envolvido no processo de tecimento das redes, significa viver experiências filosóficas que fortalecem a identidade do pescador caiçara evitando que o “[...] ouvinte se esqueça de si mesmo” (Benjamin, 1994, p. 205).

Ao comentar sobre o tecimento das redes de *tucum*, João Zito retoma as experiências do “Tempo dos Antigos” e suscita um exercício da imaginação para se pensar a

atualidade e o mundo futuro. Além da importância do tecimento em comunidade, a rede de *tucum* exigia um cuidado especial, pois após seu uso precisava ser enxaguada em água doce e colocada em local seco para evitar a deterioração precoce do material. Mais tarde, no final dos anos de 1960, surgiu a rede de algodão que era adquirida nos armazéns da cidade. Comprava-se a panagem e o *entralhe* era feito na comunidade. A rede de algodão não exigia tanto cuidado com seu manuseio, o que permitia que o pescador mantivesse o instrumento de pesca na canoa dispensando o enxágue diário.

A partir da década de 1970 foi introduzida na pesca da manjuba a rede de *náilon*. Essa inovação chegou por meio dos atravessadores, donos de fábricas, que começaram a investir na pesca da manjuba por ser um dos principais esteios econômicos do município de Iguape. Em meados de 1990, quando a restrição ambiental se intensificou na região de Iguape e em todo o Vale do Ribeira, artesãos e pescadores diminuíram suas atividades artesanais deixando de fazer a canoa de um tronco só; diminuíram a construção de remos de guacá e os jovens deixaram de pescar porque a grande maioria migrou para os grandes centros urbanos acelerando “o fluxo migratório para as favelas” (Diegues, 2005, p. 313).

O tempo de experiência como mestre de tripulação fez de João Zito um pescador – artesão preparado para assumir a construção de uma canoa de um pau só.

### **Canoa de um pau só**

A canoa é uma madeira  
Que da árvore se gerou,  
Vive nas águas diversas,  
Ajuda os pescadores.

A canoa é um solo móvel,  
Que na margem aportou  
Com as redes abarrotadas  
Dos peixes que capturou.

Na casinha de bambu  
O seu corpo é resguardado,  
Evitando chuva forte,  
E o sol escancarado.

Na nova maré de lua  
O seu bojo é virado,  
A estiva alivia  
Seu retorno para a água.

João Zito conta a Tapari que montou uma equipe e juntos decidiram começar a construção de uma canoa de um pau só no período da entressafra da manjuba. Assim, no tempo marcado, a equipe partiu para o local onde “residia” o guapuruvu, árvore frondosa e de crescimento rápido que habita a Mata Atlântica. Diferente de outras árvores, que vivem por séculos, como a canela preta, por exemplo, o guapuruvu morre relativamente cedo e, por isso, deve ser extraído em sua fase de mocidade, pois quando entra na fase adulta, as raízes tendem a apodrecer e o vento pode levá-lo ao chão com facilidade.

A trilha havia sido cuidadosamente planejada para que não houvesse impacto na mata. Diante do guapuruvu, João Zito começou mostrando suas experiências que havia herdado de seu saudoso avô. Colocando-se rente ao pé da árvore olha para cima com intuito de definir o lado para onde ela deve cair. Assim que a derrubada é concluída, o guapuruvu muda de posição, deixando sua verticalidade de árvore para se juntar definitivamente à horizontalidade da terra. Nas proximidades da árvore, entram em germinação milhares de sementes que foram lançadas sobre o solo úmido enquanto a árvore estivera de pé. O guapuruvu vai se moldando no formato de canoa e João Zito conta que ia aplicando as técnicas de alinhamento e nivelamento para esculpir com o auxílio do machado e do encho de forma muito cuidadosa. O corte do instrumento na madeira exala o cheiro do guapuruvu, um aroma que nunca antes o corpo do ancião havia experimentado, e que agora passa a constituir as experiências filosóficas de um mestre e canoieiro em meio à umidade da Mata Atlântica que “[...] atenua o excesso de calor e de frio” (Wohlleben, 2017, p.11).

Durante o processo do cavouco, que é parte do feitiço da canoa, João Zito compartilha com seus amigos os saberes a respeito da canoa de um pau só. Distingue dois tipos de construções explicando que uma delas é a ribeirana, que é usada no rio Ribeira, e a outra o batelão, que navega no mar. O batelão é uma embarcação para enfrentar as ondas e, por isso, exige embordamento e quilhas. O embordamento são tábuas fixadas ao longo da canoa que começa na proa e vai até a popa, com a finalidade de prolongar para o alto a borda original e evitar que as ondas do mar entrem na canoa. A quilha é uma viga colocada no fundo da canoa, pelo lado de fora, para dar maior equilíbrio à embarcação. O batelão antigamente era conduzido por remos de *voga* e, atualmente, possui motor de centro, que é movido a diesel e direcionado por meio de um leme que se situa na popa do barco. Já a canoa ribeirana, que é bem menor que o batelão, não possui embordamento e quilha e é conduzida por meio de remos. A canoa ribeirana é usada no rio para a pesca com *cóvos*, redes pequenas e linhadas. Ela é projetada para navegar por águas mansas, longe das turbulências marinhas.

Continuando o “[...] feitiço da canoa” (Németh, 2011, p.15), João Zito fixa na proa um prego e outro na popa e entre eles amarra um barbante tingido de carvão que serve para alinhar as bordas da canoa. O barbante é tencionado para o alto e depois é solto para marcar uma linha na superfície lisa da madeira onde acontecem os cortes das bordas, da proa e da popa. No tempo certo, João Zito avisa que a canoa em processo deve ser virada de boca para baixo para que o fundo bem como as laterais sejam perfuradas com auxílio de um arco de pua e furadeira, com objetivo de controlar a grossura das bordas. As bordas são as paredes laterais da canoa que devem ser cavoucadas com a mesma espessura para que a embarcação não fique pensa, ou seja, desequilibrada na água.

Os cavacos retirados da canoa ficavam na mata para serem incorporados ao solo, conforme a tradição dos canoeiros caiçara, e quando a canoa atingia a fase de acabamento, estágio em que ela fica mais leve, João Zito marcava o mutirão de varação. Varar a canoa é transportar a embarcação pelo “[...] caminho com folhas pisadas” (Pascalichio, 2006, p. 24) até perto do quintal da casa do canoeiro onde ficava mais fácil fazer os acabamentos finais. O ancião lembra que enquanto se dedicava ao acabamento das canoas, as pessoas paravam no seu quintal para apreciarem o trabalho e também aprenderem sobre as experiências filosóficas obtidas por meio da construção de uma canoa de um pau só. Após colocar os bancos, alisar a madeira com o cepilho, a canoa seguia para a pintura que era a etapa final do trabalho. Quando as demãos de tinta secavam surgia uma canoa de um pau só pronta para navegar e, assim, ela era levada até o Mar Pequeno onde era testada. A canoa não podia ficar pensa e, sim, equilibrada para que sua função na pesca fosse aprovada.

## **QUINTO LANÇO**

# **Nhá Domingas e seu balaio poético de versos filosóficos**

*Se quiser aprender verso vá lá em casa essa semana, pois eu tenho um balaio cheio debaixo da minha cama.*

versos do Fandango Caiçara

Figura 20 – Nhá Domingas pedindo licença à natureza



Fonte: Karina Ferro Otsuka

Nhá Domingas é uma anciã que mora com sua filha adolescente próximo ao *porto de pesca* da Vila Nova, distante 13 quilômetros do Centro Histórico de Iguape, litoral Sul de São Paulo, e pertence à geração das caiçaras do “Tempo dos Antigos” (Sanches, 1997). Nasceu e viveu boa parte de sua vida no território caiçara da Juréia onde participou de inúmeros mutirões de Fandango, bem como de diversas manifestações comunitárias em defesa de seu território e de sua cultura.

Em meados dos anos de 1970, mesmo com toda sua luta pela permanência em seu lugar de origem, foi expulsa da Juréia com sua família pelos empresários grileiros de terras, que queimaram sua casa para transformar o território em balneário para turistas. A dramaticidade da vida foi movimentando Nhá Domingas e sua família pelo território caiçara até encontrarem à comunidade de pescadores de manjuba da Vila Nova, onde se estabeleceram e passaram a ajudar na estruturação do *porto de pesca* da localidade juntamente com a família de João Zito, morador do local que também veio da Juréia.

Mesmo morando longe de seu território de origem, Nhá Domingas acompanhava e promovia resistência contra a opressão do Estado sobre as comunidades caiçaras da Juréia. Dentre as resistências que participou destacam-se as manifestações contra a construção da usina nuclear (Angras 1 e 2), que os militares queriam instalar na Juréia em meados do ano de 1980, e da criação da Estação Ecológica que foi implantada em 1986.

As investidas do Estado contra os caiçaras continuaram acontecendo mesmo depois que Nhá Domingas e sua família foram expulsas da Juréia e passaram morar na comunidade pesqueira da Vila Nova. O pesquisador da Unicamp, Rodrigo Ribeiro de Castro, denominou essa estratégia de opressão como “[...] expulsão por cansaço” (Castro, 2017, p.10), e a professora e moradora da comunidade caiçara do Grajaúna e Rio Verde, Vanessa Muniz Honorato, chamou de “racismo ambiental na Juréia” (Honorato, 2023) em seu Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela Universidade Federal do Paraná, no curso de Educação do Campo.

Querendo conhecer Nhá Domingas, Tapari seguiu por um caminho limpo onde as ramadas das árvores entrelaçaram-se no alto construindo abaixo uma espécie de túnel, por onde as pessoas passavam. Próximo à casa de Nhá Domingas, onde havia um clarão, Tapari bateu palmas. Não demorou para a anciã aparecer na janela e chamar o visitante para se aproximar da casa. No recinto da cozinha com fogão à lenha, Tapari apresentou-se e após expor o motivo da

visita recebeu o aceite carinhoso de Nhá Domingas, que disse ter sido avisada por João Zito daquela conversa.

Após a conversa introdutória e colocando a chaleira para esquentar a água do café, Nhá Domingas deu início ao relato de sua história de vida partindo de sua experiência de parteira. Atiçando o fogo e sorrindo ao mesmo tempo, ela conta que embarcava na canoa a qualquer hora do dia ou da noite para acompanhar sua mãe no ofício do parto. Relata que as experiências que viveu ao lado da mãe foram marcantes e decisivas para seguir com o trabalho de parteira no território da Juréia onde ajudou muitas crianças a virem ao mundo. No tempo que Nhá Domingas atuou nos serviços de parto aprendeu a lidar com remédios caseiros, que eram conhecidos pelo nome de garrafadas e serviam para muitos tratamentos. As garrafadas eram preparadas pelos líderes religiosos que as distribuíam gratuitamente para as comunidades. Um dos últimos líderes religiosos da Juréia foi Sátiro Tavares, que residia na comunidade da Cachoeira do Guilherme conhecida como o “Coração da Juréia” (Melo, 2000). Sátiro Tavares organizava o mutirão de fandango em três etapas. Começava com o plantio da roça da mandioca, seguia com a reza no Centro Espírita São Miguel Arcanjo e terminava com o baile, onde ele mesmo ensinava a *dança do passadinho* para os participantes. Durante o mutirão de Fandango, Sátiro Tavares receitava as garrafadas para as pessoas e orientava as parteiras no uso das ervas medicinais.

Seguindo a conversa, enquanto erguia a chaleira de água fervendo e despejava no coador de pano, Nhá Domingas passou a falar de sua participação nas folias de reis e no Fandango Caiçara. Misturado ao delicioso aroma de café da tarde, com um fundo de saudade do cantar do sabiá laranjeira, ela fala emocionada sobre sua experiência com a folia. A voz que saía de seu interior proferia um relato de vida abundante que dava gosto de se ouvir. Dizia que foi foliã de Reisado e que saía com os fandangueiros pelas noites afora cantando nas casas. Lembrava de cor de cada verso da música que cantava na porta das casas por onde passavam, e descrevia com emoção cada momento da Folia. Depois que era cantado o verso da Folia de Reis “abrir a porta sagrada para nós podermos entrar”, as pessoas da casa vinham abraçá-la e agradecê-la pela alegria de acordar com a cantiga da folia. As pessoas diziam que ser surpreendidas durante a madrugada pelo som inesperado da viola e da rabeca era uma experiência filosófica que não tinha, e continua não tendo, explicação para quem é marcado (tocado) por essa experiência.

Tapari sentia-se comovido pela narrativa que Nhá Domingas compartilhava com ele, pois silenciosamente seu ser tornava-se um território de interrogações. Deixando seu

assento ao lado do fogão, Nhá Domingas vai em direção a um cesto dependurado na parede do lado de fora da cozinha. Era o ninho da galinha. Recolhe alguns ovos amarelados, enquanto a luz do sol poente transpassa as frestas da parede de tábuas, tornando-se réstias que dão um colorido mestiço à fumaça no momento que se espalha pela cozinha.

Nhá Domingas é uma mulher de estatura baixa, usa vestido com pinturas de flores da Mata Atlântica e seus cabelos são ligeiramente enrolados. Uma pessoa de sorriso fácil que apresenta a pele negra, e ela mesma conta que era filha de uma escrava que viveu no território da Juréia. Apesar da aparente idade, surpreende com sua disposição de viver. Cumprimenta os amigos com abraço forte e diz que a experiência é a matéria-prima da filosofia de sua vida.

De volta ao seu assento, a anciã dá início ao preparo de uma farofa de ovos de galinha caiçara. Queria compartilhar com Tapari um típico café das tardes caiçaras. Saboreando o cafezinho quente, Nhá Domingas continua sua história de foliã. Conta como era comandar as Falias de Reis na sua região e de ser respeitada pelos fandangueiros uma vez que poucas mulheres conseguiram tomar a frente da Folia na condição de cantora e tocadora de instrumentos. Ela havia rompido com a visão caiçara de que tocar viola e promover o fandango era coisa somente para homem. Seguiu comentando emocionada que era uma alegria participar da Folia de Reis e depois ficar esperando o dia do baile, pois quando as pessoas chegavam para o baile, em sua casa, era uma festa receber e acolher as famílias na cozinha, onde era servido um reforçado café com muitas comidas típicas. Ela lembra, ainda, que seus versos se transformavam em canções musicadas pelos fandangueiros e cantadas nos bailes falando a respeito do cotidiano caiçara. Nhá Domingas dizia que recebeu muitas homenagens, aplausos e agradecimentos pelos versos que cantavam o território caiçara.

Nhá Domingas deixou bem claro para Tapari que o papel da mulher na realização do Fandango sempre foi uma força igual, ou até superior ao do homem, pois sua presença no Fandango começa na organização da casa, plantio da roça, preparo das comidas, cuidado com as crianças, acolhimento das pessoas e na animação da festa chamando os homens para dançar... No entanto, o fato delas normalmente não tocarem instrumentos parece que atuam menos que os homens na organização do mutirão de Fandango. Apenas parece...

Depois de certo tempo de vivência na comunidade da Vila Nova, Nhá Domingas aprendeu a dar lanços de manjuba manuseando a popa da canoa e também aprendeu a construir cercos de taquaras com seu esposo. Chegando a idade, a anciã havia decidido a concentrar suas forças em atividades mais próximas de sua casa e da sua família, e reduzir sua participação nas atividades de resistência pelo direito ao território caiçara com o povo da Juréia. Enquanto falava

sobre sua experiência de vida, ela foi até o quarto e puxou debaixo da sua cama um balaio poético de versos filosóficos. Apareceu com uma infinidade de escritos sobre temas voltados ao território, pesca, Fandango e construção de cercos de taquara. Ela dizia que passou a escrever após ficar viúva, pois toda vez que sentava para olhar o Mar Pequeno, onde seu esposo havia se afogado, vinha uma inspiração para escrever. A escrita poética fazia com que Nhá Domingas se sentisse bem pertinho do seu saudoso companheiro.

Na *repona da maré*, Nhá Domingas seguia para a beira do *porto de pesca* na companhia de sua filha adolescente. Era um momento em que aconteciam as experiências filosóficas em sua vida, pois quando ela se sentava para compor seus versos percebia que as memórias da Juréia de sua infância “povoavam” sua mente. Produzir poesias olhando o movimento da água é pescar a invisibilidade das palavras. Os versos para Nhá Domingas pescavam essas invisibilidades.

Olhando o cerco de taquara, a anciã percebia que as manjubas e os peixes pequenos se escondiam dentro dele para se livrarem de seus predadores. O cerco é uma armadilha construída de taquaras e é composto por uma cerca e um cercado instalado na beira do Mar Pequeno. A cerca começa do barranco do Mar Pequeno e vai até o cercado que fica aproximadamente 15 a 20 metros de distância do barranco. As manjubas encontram a cerca e seguem para dentro do cercado fugindo dos peixes maiores que são seus predadores. De dentro do cercado as manjubas escapam pelas frestas das taquaras deixando os peixes maiores presos lá dentro para serem posteriormente pescados vivos com uma rede própria. A observação que Nhá Domingas fazia do cerco de taquara possibilitou que ela produzisse poesias que resgatasse e expressasse sua trajetória de vida.

Para a anciã, as poesias que escrevia observando as águas do Mar Pequeno eram palavras germinantes porque rendem. Rendem quando as pessoas leem seus escritos e passam a pensar sobre a Cultura Caiçara, sobre a pesca caiçara, sobre território... As poesias germinam as memórias que impulsionam os caiçaras ao sonho de um povo por vir.

Enquanto Nhá Domingas ia retirando as poesias do balaio poético, Tapari viajava nas composições daquela sábia anciã. Lia escrito por escrito e ia colocando num varal que se estendia na sombra de um pé de uvaia. Encantado com a produção, Tapari combinou com Nhá Domingas a realização de uma oficina para vivência das experiências filosóficas com a pesca caiçara. O encontro, em forma de oficinas, aconteceu numa data definida pelos dois e foi avaliado positivamente, e contou com a presença de várias pessoas da região. Após a avaliação do encontro, Tapari se comprometeu a compilar todos os poemas presentes no balaio poético e

produzir um livro intitulado “Juréia da minha infância”, que caracterizava a produção daquela sábia pescadora caiçara.

Nas linhas que seguem estão dispostos alguns contos, poemas e poesias que compõem o livro de Nhá Domingas organizado por Tapari.

### **Juréia da minha infância**

Jureia da minha infância,  
Infância d’onde aprendi  
A pescar nas redondezas  
Garoupa e parati.

O parati pescava na rede,  
A garoupa no varejão,  
Os dois defumava no tupé  
Para preparar um pirão.

Nas tardes de lua cheia,  
Na roça ia espiar  
Os cabritos na tiguera  
Para uma boa carne saborear.

O tempo passou depressa,  
Tudo aquilo já se foi,  
Meu desejo de infância,  
Ficou na tela de um computador.

Mesmo que eu queira voltar  
Na Jureia de minha infância,  
Lá os peixes não estão mais,  
Nem os tupés das vizinhanças.

O jeito de não esquecer  
A Jureia de minha infância  
É revisitar o meu quadro,  
Que carrego na lembrança.

### **Lavando roupa no Ipiranga**

As roupas eram colocadas numa bacia grande de alumínio. Nos primeiros dias de sol, que sucediam os dias de vento Sul e chuva, minha mãe me convidada para ir com ela ao Ipiranga.

Quando esse convite acontecia eu pulava de alegria, pois sabia que enquanto ela lavaria roupas eu poderia brincar no barranco da praia. Feito o combinado, minha mãe fazia uma rodilha de pano e colocava na cabeça. Depois agachava devagar e, segurando firme as

bordas, erguia rápido a bacia. Em seguida, aprumava bem o corpo e equilibrando a bacia na cabeça esticava a perna pegando com os dedos do pé alguma coisa que havia ficado pelo chão. Às vezes, eu tentava ajudá-la, mas a minha vontade de brincar era tamanha que quase sempre estava longe dela quando precisava da minha ajuda.

Em passos lentos e firmes, ela seguia cantarolando pela praia. Eu corria ao seu lado indo do barranco à beira do mar. Dava aquela carreira gostosa até as ondas e depois subia até o barranco numa baita embalada! Aquela praia era tão larga, limpa e solitária que me permitia viver a liberdade sem saber quem ela era.

De longe, enquanto brincava em meu mundo de imaginação, percebia que minha mãe se aproximava do Ipiranga. Sentado na areia, me entretinha com as coisas que achava no barranco da praia e construía através delas meus questionamentos sobre suas origens. Eram tampinhas de garrafa, madeiras, carrinhos, boias de rede de pescar, pedaços de isopor e outras tantas coisinhas que vinham do mar com a maré. Inventava narrativas partindo do lugar de onde elas saíram até chegarem ali onde eu estava. Narrando a viagem pelo imenso Oceano Atlântico acabava me assustando com a solidão que me envolvia... Levantava rápido meus olhos em busca da minha mãe. Quando a enxergava, meu coração desacelerava! Então, deixava meu mundo imaginário de lado e, por alguns minutos, passava a observá-la de longe junto ao rio lavando as roupas. Ela as ensaboava pacientemente, batia várias vezes numa madeira, tornava a ensaboar, as enxaguava no rio, torcia cada peça e as colocava na bacia. Parecia que ela estava conversando com o rio e com as roupas... Entre eu e minha mãe havia dois mundos diferentes. O dela, da responsabilidade, e o meu, da imaginação, da brincadeira. Estávamos mediados pelo silêncio, pelo vento Leste e pela solidão da praia.

Quando terminava de lavar as roupas, minha mãe improvisava um varal com corda de *indiana* achada na praia, e nele estendia as roupas. Cansada do ofício, sentava ao lado do barranco e acendia um pito de barro para tragar um fumo de corda que trazia no bernal. Terminada a pitada, levantava os braços chamando-me para perto dela. Enquanto as roupas secavam nós tomávamos o cafezinho da tarde embaixo de um pé de caúna que nos proporcionava uma sombra para o descanso. No silêncio da tarde, ouvindo o som do mar e recebendo a suavidade do vento Leste, eu adormecia no colo de minha mãe ouvindo histórias da Juréia.

### Vida Caiçara

Eu nasci lá na Jureia, num ranchinho a beira chão,  
 Pelas mãos de uma parteira, como era a tradição.  
 Jureia foi uma índia, que viveu no litoral,  
 no município de Iguape/SP, distante da capital.

Iguape dos casarios, do ouro e do arroz;  
 Terra do Bom Jesus, por onde Camus passou.  
 Minha infância na Jureia durou até o fim da ditadura;  
 Quando a casa dos meus pais foi ocupada pela ecologia.

A ecologia tirou meu direito de viver  
 No território caiçara, onde aprendi a ler.  
 Eu lia a madrugada, quando saía a pescar;  
 Durante o sol a pino, eu ficava a observar.

À tarde olhava a rede, quando jogava a tarrafa;  
 À noite comia peixe, com farinha e garapa.  
 Quando tinha mutirão, a vizinhança se unia,  
 O povo com o enxadão, logo a roça se abria.

À noite vinha o Fandango, para o povo se animar,  
 Tinha comida de sobra, e baile até o sol raiar.  
 A vida de caiçara era uma escola do povo,  
 O jovem aprendia com o velho, em volta do pé do fogo.

Hoje na cidade grande, o caiçara recorda;  
 Pela voz de um gravador, o que ficou na memória.  
 Caiçaras da Jureia, é necessário se unir;  
 Registrar a nossa história, como comecei aqui.

### Cajueiro da Juréia

Cajueiro da Jureia,  
 Que pelo chão se espalhou,  
 Muita gente no passado,  
 Em sua sombra se sentou.

No quintal de Zé Romão,  
 Uma castanha germinou,  
 Um broto seguiu para o alto,  
 Uma árvore se formou.

Em tempo de ademão,  
 O povo nele encostava,  
 As foices para afiar,

E depois ir para a roçada.

O fandangueiro suado,  
Também ia visitá-lo,  
Procurando uma garrafa,  
Para um gole de cataia.

Quando as frutas amaduravam,  
Para escola nós levávamos,  
Comíamos no intervalo,  
Debaixo do pé da uvaia.

Hoje o cajueiro existe,  
Num quintal abandonado,  
Quem visita tira foto,  
E se lembra do passado.

### **“Menhazinha”**

“Menhazinha”, por que estás tão triste,  
Conte para mim o que te aconteceu,  
Não seja tola, não sofra sozinha,  
Exponha logo o segredo seu.

Se por ventura o seu sentimento,  
For resultado de uma ilusão,  
Não se preocupe, pois tenho um remédio,  
Para curar a dor dessa paixão.

Menhazinha, não sofra calada,  
Venha cá para a sala,  
Venha conosco dançar!

Jovem “menhina” escute o conselho,  
Desse amigo do seu coração,  
Venha pra sala e entre na roda,  
Vamos dançar uma bela canção.

Os violeiros estão afinados,  
Cantando modas do coração,  
Talvez um verso te faça feliz,  
E cicatrize o seu coração.

### Picaré

Nas noites lá da Juréia,  
Nós saíamos para pescar,  
Íamos passar o Picaré,  
Na praia do lagamar.

Meu pai puxava por fora,  
E eu lanceava por terra,  
Mamãe esperava na praia,  
Sobre uma esteira de palha.

Minhas irmãs nela deitavam,  
Para as estrelas contar,  
E minha mãe nos ensinava,  
Sobre o barulho do mar.

Com o cesto dos paratis,  
Em família nós sentávamos,  
Felizes pela fartura,  
E prontos para um ensopado.

### Pão caiçara

A fome causa no corpo  
o dever da saciedade;  
O incômodo da desnutrição,  
Movimenta o ser para o trabalho.

Descobre-se que nas raízes  
existe a possibilidade  
De produzir a boa farinha,  
que é o pão do caiçara.

Da roça vem a mandioca,  
que é raspada e ralada,  
Para o cocho ela segue,  
Depois para o tipiti de palha.

No cesto de timbopeva,  
a massa é enxugada,  
Ausente da mandiquera,  
ela vai ser enfnada.

Torrada no forno à lenha,  
a farinha é levada  
Para a mesa da cozinha,  
Onde vai ser apreciada.

Em forma de biju de goma,  
coruja ou pixé molhado,  
Diferente do mundo urbano,  
Esse é o pão do caiçara.

### **Na folha da bananeira**

Quem um dia me falou  
Foi um velho pescador,  
Que na folha da bananeira  
Um robalo ele assou.

Seu corpo bem recheado,  
Sua carne temperada  
O calor vindo da brasa,  
Dava um cheiro esfomeado.

Uma farinha manema,  
E um caldo bem caprichado,  
Se a boca encheu d'água,  
O pirão está aprovado.

### **Barranco do Ipiranga**

Nas tardes de vento leste,  
Nós seguíamos para o valo,  
Seu nome era Ipiranga,  
E tinha um barranco alto.

Nós pulávamos lá de cima,  
Para na praia cair,  
Na barriga dava um frio,  
Que fazia a gente rir.

A tarde passava rápido,  
Logo o pôr do sol chegava,  
Todos seguíamos para casa,  
Êtá, que grande da saudade!

### Farofa de ovos

Que fome que nós sentíamos  
Depois de brincar no valo,  
Lá para casa do Vadinho  
Uma turma se mandava.

Uma panelinha funda  
Ele logo preparava,  
Depois os ovos da galinha  
Que do cesto ele buscava.

Mexe aqui, mexe acolá,  
Logo os ovos misturavam,  
Uma cuia de manema,  
A farofa preparava.

O café pronto no bule  
Na mesa nós nos juntávamos,  
Era o café da tarde  
Depois de brincar no Valo.

### Água do Mar Pequeno

Água corrente do mar.

Que beleza é contemplar no amanhecer do dia alegre.

Reparar sua descida a caminho do oceano os aguapés do mar acima.

De onde será que viestes? Por onde será que passastes? O que trazes em seu corpo aquoso?

Água parando do mar.

Sinalizando a *repona da maré*, tempo que me sentava ao lado do meu companheiro para filosofar a nossa vida de pescadores.

Na parada da maré, assávamos manjubas para compartilhar entre amigos e olhar os guarás, garças e biguás se alimentando de peixes.

Tempo que sentíamos o cheiro da pitueira fortalecendo nossa esperança por uma pesca de fartura.

Água subindo do mar.

Lá vinha a enchente trazendo esperança na força da água marinha.

Vencia a repona da maré e nos enchia de esperança.

Lançávamos a rede na busca do cardume invisível que a pitueira nos apontava.

Tempo bom quando malhavam as manjubas no calão de fora e se confirmava no calão de terra.

Que saudade de lembrar a grande redada. O barulho do peixe, seu grito alegre companheiro e seu assobio de satisfação. Saudade de ti companheiro e de nossa história de pescadores.

Água barrenta.

Água turva que nos tirava da praia para dar tempo à pescaria. Longe da água nós cuidávamos da roça, remendávamos a rede e cuidávamos da vida.

Dançávamos Fandango e junto recitávamos meus versos que outrora compus quando seguia a

Folia de Reis.

Águas turbulentas.

Noite escura e chuvosa, o vento ergue água da sua calmaria e faz a quilha do barco desalinhar. A proa e a popa balançam e as bordas viram de boca pra baixo. As redes são lançadas ao mar na função inversa a de pescar.

Na hora que o mar não está para a pesca e o cão não conhece o dono. As malhas enroscam nos pés do pescador e o puxam para o fundo. O tempo para. Saudade, meu companheiro, e tristeza por perder a vida nessa água que tanto te conduziu para o mar.

## **FECHANDO O LANÇO**

# **Manifesto por uma educação de pescadores que valorize as experiências filosóficas na pesca da manjuba**

*A única esperança de uma coletividade genuína passa por um devir-outro colaborativo entre artistas e público, que juntos construirão um “povo por vir”, cuja natureza e identidade não podem ser previstas.*

Ronald Bogue

Figura 21: Pescador numa canoa ambientado pelo rio, praia e mata representando o fechamento de um lanço



Fonte: Karina Ferro Otsuka

As experiências filosóficas com a pesca da manjuba em Iguape me fazem pensar a respeito da minha vida e trajetória na Educação. Na minha adolescência, quando morava na Juréia, o contato com a pesca era ininterrupto no meu cotidiano. Logo pela manhã, seguia na companhia dos meus pais para visitar a *rede de espera* na costa do mar. A costa do mar é uma região que existe entre as ondas e a praia, que também é conhecida por lagamar, canal por onde passam os cardumes. Não esqueço os momentos que chegava para visitar a rede e encontrava tainhas, robalos e outros peixes malhados na *rede de espera*. Demorei um tempo para aprender a desmalhar peixes sem estourar as malhas, mas quando aprendi passei a me sentir feliz por saber que estava fazendo as coisas conforme meus pais me ensinavam. Nos dias de maré alta, principalmente no inverno, precisava entrar na água gelada para visitar a rede e aquela experiência com a friagem do mar permanece na minha memória. Sinto saudade daquelas noites frias em que pescava com meu pai e depois voltávamos para casa onde sentávamos ao redor do fogão à lenha para contar e ouvir histórias caixaras, enquanto mamãe preparava o pirão de peixe do mar.

A pesca com *rede de caçaria* acontecia durante a temporada de tempo firme, tempo bom, de sol. Aprendi a pescar nadando e puxando a rede para além da *quebrança das ondas*. Pela praia, nós acompanhávamos o movimento da *rede de caçaria* que acontecia paralelamente à praia. Depois de um certo tempo, geralmente após a *reponta da maré*, nós puxávamos a rede para praia onde desmalhávamos os peixes.

Durante a fase de lua nova, quando a maré baixava bastante, costumava pescar no costão da Juréia com meus amigos. Nós mesmos construíamos os *varejões* para pescar no costão onde era necessário muito cuidado para não escorregar nos limos das pedras, e era preciso saber jogar a linha em pontos estratégicos para não enroscar o anzol nas pedras submersas.

Além da costa do mar, também vivi experiências filosóficas com a pesca no rio. Algo que me causava indagação era a *canoa de um pau só*. Ela ficava varada, ou seja, guardada no *porto de pesca* e normalmente na sombra de uma árvore, e quando eu chegava naquele local, minha atenção se voltava para ela. Ficava horas contemplando o feitio da proa da canoa e me perguntando como eram artesanalmente produzidos os contornos daquela embarcação. As bordas por serem uniformes pareciam um brinquedo que eu queria levar para casa. Depois de algum tempo aprendi a me equilibrar dentro dela e, assim, passei a pescar sozinho no rio, onde armava as redes e *cóvos* que possibilitavam boas pescarias na entrada dos riachos. Além de

pescar de canoa, também gostava de levar meus amigos para pescar com varinhas da beira do barranco, de onde fisgávamos traíras, carás e tjabucús.

Ao entrar na Escola Mista Rural do Bairro da Juréia, escola multisseriada, onde o professor tio Renato lecionava, passei a sentir vergonha da minha escrita e da presença do meu professor, tio Renato. Embora o professor fosse uma pessoa amável, acolhedora e paciente para ensinar, eu não conseguia me concentrar nas aulas e aprender as lições que ele ensinava. Ser avaliado pela escrita, pela fala, pelo comportamento significavam para mim impedimentos de minha liberdade. A escola parecia um lugar onde meu corpo se fazia presente com minha mente ausente. A forma de ensinar no tempo do professor tio Renato era por meio da cartilha “Caminho Suave” e aquele método procurava manter o estudante em sala de aula por muito tempo. Atualmente me pergunto como seria minha relação com a escola se a teoria ensinada por tio Renato fosse dialogada com a prática cotidiana? Como seria se o professor tio Renato levasse nossa sala para pescar de canoa, passar o picaré na costa do mar ou pescar de varinha da beira do barranco do rio? Será que a relação território, identidade e educação seria diferente? Será que eu teria superado minha timidez com mais facilidade e passado a gostar do estudo? Independentemente dos questionamentos, deixo aqui registrado meu enorme agradecimento e respeito pelo professor tio Renato, que contribuiu muito com o meu processo de alfabetização.

Em 2005, após o fechamento da Escola Caiçara da Juréia, escola que, conforme relatei anteriormente, iniciei minha carreira no magistério paulista e que funcionou na comunidade tradicional da Cachoeira do Guilherme entre 2000 e 2004, passei a lecionar na E.E. Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira, onde encontrei Edmilson do Prado, ex-estudante da ECJ que estava matriculado para concluir o Ensino Médio. Naquela ocasião, experimentei uma situação parecida com minha experiência na escola da Juréia. Passado um tempo que estava lecionando na escola Sebastiana, Edmilson veio me perguntar o porquê de eu ter mudado meu estilo de ser professor. Ele me questionou sobre a pressa que eu tinha em sala de aula, meu distanciamento em relação aos estudantes, meu estilo diferente de ser professor em comparação ao meu comportamento na ECJ. Eu entendi e compreendi de imediato o que Edmilson estranhava em mim como professor e expliquei para ele que o sistema da EE Sebastiana Muniz me forçava a ser daquele jeito. Disse a ele que na ECJ nós éramos amigos, estudávamos juntos, trabalhávamos juntos e o estudo estava ligado ao cotidiano da comunidade e da escola. A relação entre professor e estudante na ECJ dava-se de forma respeitosa e mediadora, enquanto na E.E. Sebastiana eu não conseguia ser o mesmo professor porque o sistema é outro. A experiência que tive com Edmilson na E.E. Sebastiana me fez pensar e comparar com minha

experiência de estudante na escola de tio Renato e, a partir de então, passei a refletir sobre a importância de criar mais Escolas Caiçaras da Juréia para que possam acontecer as experiências filosóficas na Educação.

Penso que a Educação que se estabelece em comunidades tradicionais, sobretudo em comunidades pesqueiras, deve ter um foco maior no que diz respeito aos saberes próprios da localidade, buscando realizar movimentos potentes que produzam experiências filosóficas significantes entre pescadores e estudantes. Se o meu primeiro professor tivesse estabelecido uma relação entre o ensino e o meu saber pela pesca, talvez eu tivesse desenvolvido um gosto pela aprendizagem mais prazeroso e superado minha timidez com mais rapidez. O que poderia acontecer se o professor, ao invés de ensinar a partir da cartilha “Caminho Suave”, tivesse adotado uma rede de pesca como um elo entre o aprendizado e o que o estudante faz na vida? Poderia essa ligação incutir no estudante uma conexão entre teoria e prática de modo que o ensino movimentasse o aprender fazendo?

Como possibilitar uma experiência por meio da Educação que marque o estudante de modo que ele se torne outra pessoa? As experiências filosóficas propostas por Renata Aspis são uma possibilidade de resposta para essa questão. Minha experiência de professor na Escola Caiçara da Juréia me ensinou que a matemática podia ser ensinada e aprendida quando a comunidade, professores e estudantes se reuniam para construir uma horta comunitária. Medir o perímetro do terreno, tirar o nível das valas de drenagem, calcular a área das leiras, a distância entre as plantinhas constituía experiências filosóficas porque marcavam, afetavam cada pessoa que se fazia presente. A química também era ensinada e aprendida quando os estudantes produziam a farinha de mandioca junto com a comunidade. Os mais experientes falavam que a *mandiquera* era um líquido tóxico que saía da mandioca ralada e que podia matar os animais caso eles o ingerissem. Os estudantes queriam saber o motivo da *mandiquera* ser um líquido tóxico uma vez que a mandioca era usada para alimentação e dela era obtido o polvilho do qual se faz a tapioca. A resposta que vinha da comunidade e dos professores explicava que a *mandiquera* constituía uma reação química, e essa explicação configurava uma aula de química e uma marcante experiência filosófica. Também aconteciam experiências filosóficas nos momentos quando a escola e a comunidade se reuniam em torno do fogão à lenha e nas oficinas de cestaria para compartilhar as histórias caiçaras que advinham da ancestralidade.

A respeito dessas experiências educativas que experimentei na infância e na minha docência, retomo aqui a conversa com Ailton Krenak e Nego Bispo que me ajudam a pensar sobre experiências filosóficas. Para Krenak “a vida é fruição, é uma dança, só que uma dança

cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (Krenak, 2020, p.108). Leciono atualmente em uma escola rural cujo bairro é predominantemente de pescadores caiçaras. A escola é pequena, com muros altos e toda monitorada com câmeras dentro e fora da sala de aula. É a E.E. Elvira Silva, situada no bairro do Icapara, Iguape/SP, onde estudei o ensino fundamental, fui professor, substituí diretor e agora retomo novamente como professor. No meu tempo de estudante, nos anos de 1986 a 1991, nós dialogávamos com a Cultura Caiçara que ainda predomina no bairro, mas atualmente percebo que a escola se tornou mais informatizada. O currículo está montado para ensinar por meio de plataformas digitais, que ocupam a maior parte do tempo dos estudantes na frente de computadores, habilitando-os a praticarem atividades que se encontram com mais facilidade nas cidades. Estarão estes estudantes formados futuramente a pensar seus bairros ou mais facilmente a se tornarem funcionários de fábrica? Não se trata aqui de ser contra o estudante escolher a cidade como possibilidade de estudo ou para viver, uma vez que o bairro de Icapara, o município de Iguape, bem como o Vale do Ribeira não apresentam perspectivas de emprego para juventude. O que penso aqui junto com Krenak é essa questão utilitarista da vida. A educação está formando uma sociedade que não estimula a dança cósmica da vida. Não estimula pensar na riqueza que está à nossa volta e na responsabilidade que devemos estabelecer com ela. Será que formar um estudante para viver no ambiente urbano é promover a fruição da vida? A educação está formando uma consciência de que o importante nas coisas é sua utilidade. O que é útil presta e o que não é útil não se deve dar importância. Krenak diz que “a vida não é útil”. Será que as experiências filosóficas entre pescadores de manjuba de Iguape têm alguma importância para a Educação e para uma sociedade utilitarista?

A Educação precisa conversar com a sabedoria que pulsa em torno das escolas. Para mim, o estudante da E.E. Elvira Silva, bem como de todas as escolas situadas em bairro ou território tradicional, precisa receber uma formação que o ajude a escolher se permanecerá no bairro ou seguirá para a cidade. No caso de decidir morar na cidade, o estudante nada perderá levando consigo o conhecimento de seu território ou bairro. Se o estudante decidir permanecer no seu habitat de origem, este, por sua vez, terá uma formação que o ajudará a conversar com os saberes locais. No caso de escolher seguir no ofício da pesca, seja de manjuba ou de outros pescados, este futuro pescador terá um princípio de formação que o ajudará a lutar por uma pesca sustentável. Como é possível essa Educação?

Nego Bispo considera que a contracolônização acontece por meio do uso de palavras germinantes, pois para este pensador nordestino a palavra germinante é “uma força

que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p.04). As experiências filosóficas e literárias que acontecem entre pescadores de manjuba de Iguape são palavras que rendem e aumentam. Quando são dados atenção e valor ao modo de vida de um pescador de manjuba, a partir da sua interação com o rio, a praia e a mata, acontece a contracolônização. Contracolônizar é a busca do entendimento, sentido e do significado das palavras como: *reponda da maré, pitueira, rebojo, canoa de um pau só* e tantas outras palavras, por exemplo, que nascem do cotidiano pesqueiro dando visibilidade ao ofício do pescador.

As experiências filosóficas e literárias são contracolônizadoras e denunciadoras da vida útil, pois elas resgatam e produzem palavras germinantes que parecem não ter utilidade para o mundo capitalista. As palavras germinantes procuram juntar, confluir para dar novo sentido à vida. Pensar que a vida não é útil não significa achar que viver perdeu o sentido, pelo contrário, é buscar a libertação do pensamento utilitarista e olhar para um pescador como um ser que tem algo a dizer ao mundo. Um pescador que tem uma história e que por meio dela é possível ter acesso à muitas experiências contracolônizadoras.

As experiências filosóficas e literárias que pesquiso, e que incentivo os estudantes a vivenciarem juntamente aos pescadores de manjuba de Iguape, têm o objetivo de desconstruir a imagem de que o pescador não tem utilidade, que ficou no passado e que seu ofício não tem nada a contribuir com o mundo tecnológico em que vivemos. As experiências filosóficas e literárias significam a contramão desse pensamento colonizador. Em vez de ficar legitimando a ideia de que um estudante que não aprende os conteúdos do currículo vai “virar” pescador, as experiências filosóficas e literárias procuram evidenciar que por meio da pesca há muitas possibilidades que o estudante pode desenvolver no seu cotidiano. Um exemplo disso acontece na E.E. Sebastiana Muniz Paiva, que é uma escola situada no bairro de pescadores caiçaras de Iguape. Lá, os professores e estudantes estão desenvolvendo um equipamento para monitorar as redes dos pescadores em alto mar.

As experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape constituem modos de educar, de fazer aparecer palavras escondidas para possibilitar fabulações sobre experiências caiçaras. Possibilitar a invenção como concebem Deleuze & Guattari (1992). Possibilitar a convocação de um “o povo por vir” (Bogue, 2011), povo este de pescadores novos com ideias sustentáveis que possam dar continuidade à pesca da manjuba em Iguape. Criar possibilidades para que se efetive “um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Ingold, 2012, p. 29) e as experiências filosóficas continuem acontecendo com mais frequências entre pescadores de manjubas.

Minha formação no Ensino Médio se deu na Escola Agrícola de Iguape onde adquiri meu diploma de Técnico em Agropecuária. Considero que o Curso de Agropecuária é uma boa opção de formação para o Vale do Ribeira, mas ainda carece da ampliação do campo de trabalho nessa área e de um projeto ou programa curricular que estude a pesca da manjuba e de outros pescados do município para que essa atividade econômica seja mais valorizada e respeitada.

O Campus Experimental da Universidade Estadual Paulista – UNESP e o Instituto Federal – IF, que estão situados no município de Registro, capital do Vale do Ribeira, também oferecem poucos incentivos para a pesquisa em comunidades tradicionais caiçaras, bem como estudo específico da pesca da manjuba. No caso da UNESP, os cursos de Agronomia e Engenharia da Pesca, os únicos que a instituição estadual oferece, parecem seguir mais a linha do agronegócio, pois apresentam pouca inserção nas comunidades pesqueiras com proposta de pesquisa sobre a realidade local e regional.

Minha experiência inicial como professor da rede pública do Estado de São Paulo foi desafiadora, mas estimulante. Desafiadora porque comecei lecionando num projeto com pouca estrutura e de difícil acesso. Tal projeto foi a Escola Caiçara da Juréia, que já mencionei algumas vezes acima, que funcionou por quase cinco anos na comunidade tradicional da Cachoeira do Guilherme. Embora fosse um desafio chegar até a escola passando por trilhas e rio, a escola lá permanecia, mesmo sem energia elétrica, com reduzida estrutura física e com escassos materiais didáticos para trabalhar. Além desses fatores, também enfrentamos as políticas ambientais que atuavam para expulsar as comunidades caiçaras de seu território original.

Os aspectos estimulantes que experimentei na Escola Caiçara da Juréia foram potentes e estruturantes para minha permanência no magistério. Foi estimulante fazer parte de um projeto cujo ideal era pensar e fazer acontecer uma escola para caiçaras. Pensar junto com a comunidade e parceiros um currículo que representasse o sentimento do povo caiçara. Parte desse ideal aconteceu, e eu pude experimentar na prática. Uma das experiências filosóficas que vivi na escola caiçara e que me entusiasmou bastante foi a experiência de confeccionar um *cóvo* de bambu com a comunidade. O *cóvo* é uma armadilha confeccionada de bambu para pescar peixes do rio, ou seja, da água doce. Após uma aula teórica combinamos de nos reunir na cozinha com fogão à lenha para planejarmos a confecção do *cóvo*. Escrevemos coletivamente o esboço de como fazer na prática descrevendo os objetivos, problemática, cronograma, hipóteses e outros itens que um projeto exige. Em torno do “pé do fogo” ouvimos histórias da pescaria com o *cóvo* e elaboramos alguns questionamentos sobre a relação dele com a

alimentação da comunidade caiçara. Quando chegou a lua minguante fomos ao bambuzal extrair o material do *cóvo*, e o ancião que nos acompanhava ensinou que o bambu adequado é o que tem coloração escura porque é um sinal de que ele está maduro.

Após colher os bambus fomos nos sentar à sombra das palmeiras juçaras em frente à Escola Caiçara e os anciãos que estavam no grupo ensinavam a preparar as palhas do *cóvo* que são as hastes de bambu que compõem a estrutura do instrumento de pesca. Enquanto se preparava as palhas, ou seja, as hastes de bambu, teve início uma conversa sobre os peixes do rio. O questionamento inicial foi sobre as influências dos tipos de pescados na formação da comunidade da Cachoeira do Guilherme. Após um longo debate sobre o assunto pareceu ser consenso que a presença abundante de peixes no rio Comprido, que banha a região, teve muito a ver com a formação da comunidade, mas a fertilidade da terra e a quantidade de água potável das cachoeiras também foram determinantes para a escolha do território. Quando foi finalizada a preparação das hastes de bambu teve início o tecimento do *cóvo* por meio do *cipó Imbé*. Após a finalização do artefato, ele ficou à disposição da comunidade para que fosse levado ao rio onde cumpriria a função de pescar. O *cóvo* foi muito importante para a Escola Caiçara porque uma parte da alimentação dos estudantes era obtida por meio desse artefato. Todo dia pela manhã, uma dupla de alunos visitava o *cóvo* de onde voltava com os peixes que serviam para nos alimentar no almoço e na janta. A construção do *cóvo* com a comunidade da Cachoeira do Guilherme foi uma vivência marcante e ao mesmo tempo uma experiência filosófica que se integrou na minha docência.

Após o encerramento da Escola Caiçara da Juréia, minhas aulas de filosofia continuaram em outras escolas e as atividades com as experiências filosóficas seguiram acontecendo no cumprimento da minha docência. Minha participação no desenvolvimento das oficinas de Fandango realizadas pela Associação dos Jovens da Juréia-AJJ, em parceria com a E.E. Sebastiana Muniz Paiva, por meio do projeto Espaço Caiçara, fortaleceu a cultura e a educação caiçara. Durante uma década que estive atuando no desenvolvimento do projeto Espaço Caiçara procurei relacionar a potencialidade da pesca caiçara com o currículo escolar. Experimentei resistências de educadores que diziam ser perda de tempo trabalhar com a pesca por ser um assunto que em nada ajudava o estudante a se preparar para o vestibular e o trabalho. A ideia que se fazia de uma educação para o vestibular e o trabalho era “preparar” o estudante para deixar a comunidade. Alguns educadores lidavam com o desinteresse dos estudantes dizendo que se eles não estudassem virariam pescadores de manjuba como seus pais. O termo caiçara era desprezado pelos jovens e poucos diziam que pescavam ou andavam com apetrechos

de pesca pela rua do bairro. Os projetos mais valorizados na escola eram os que contemplavam viagens para os shoppings das cidades grandes, do Museu Catavento ou de parques de diversão. Nada contra esses ideais, mas eu sempre acreditei que os estudantes tiveram o direito de conhecer a sua cultura e de escolher se querem ficar no território de origem ou desejam tentar a vida na cidade grande.

Embora não tivesse o conhecimento do termo “linhas de fuga”, proposto por Deleuze, acredito que atuei em certos momentos por estas ideias na Educação. Inventei saídas, procurei fugir. Sair correndo e me lançar “[...] ao deserto, ao não dado das coisas e ao não previsto no pensamento dominante” (Preve, 2011, p. 77). Acreditava que trabalhar com a pesca caiçara na escola fosse um sair correndo das palavras que negavam os saberes da pesca para me lançar num mar de possibilidades outras. Tempo depois, quando estava lecionando em outra escola, um professor me contou que estava desenvolvendo com os estudantes, por meio do Espaço Caiçara, um equipamento com GPS para monitorar as redes no alto mar. O relato desse professor, que já mencionei anteriormente, convenceu-me de que ele estava vivendo uma experiência filosófica com seus estudantes como eu vivi na construção do *cóvo* na Escola Caiçara da Juréia. Minha docência nasceu dessas experiências e continuam se manifestando em sonhos possíveis que podem contribuir para “uma nova consciência, uma nova coletividade genuína, num novo “[...] povo por vir” (Bogue, 2011, p. 25).

Este manifesto é a parte conclusiva da minha tese. Aqui eu retomo os capítulos que denominei de lanços. Nos lanços eu fui procurando pescar palavras da minha infância, juventude, pescador de manjuba, professor e pesquisador caiçara que me tornei. Nos *lanceios* eu criei relatos por meio dos personagens Tapari, João Zito e Nhá Domingas para ajudar na defesa das experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape como marcas, afetos que transformam a pessoa. Eu me considero uma pessoa marcada pela pesca da manjuba. Não só pela pesca da manjuba, mas pela pesca com *picaré*, rede de espera, rede de caceia, varejão e varinhas para pescar traíras e carás. A pesca sempre me colocou em contato com água, a praia, a mata e o território caiçara.

A experiência com a pesca da manjuba me aconteceu durante a juventude. O *porto de pesca* era um lugar gostoso de frequentar. Nele as pessoas sorriam, contavam histórias e compartilhavam o conhecimento sobre a cultura caiçara. A pesca da manjuba não era um trabalho alienante no sentido de cumprir horário estafante, pois mesmo sendo uma atividade pesada, pescar manjuba significou para mim uma experiência filosófica porque fiquei marcado por aquela experiência de pescador.

Quando me tornei professor de filosofia passei a pensar sobre o distanciamento entre os saberes da pesca da manjuba e a escola. Eu queria aproximar os estudantes caiçaras desses saberes, mas não sabia por onde começar. Tentei pela Cultura Caiçara e um certo dia conheci a definição de experiência de Jorge Larrosa que diz ser “a experiência algo que marca e transforma a pessoa” (Larrosa, 2002). Foi a partir dessa leitura que passei a pensar na pesca da manjuba como um assunto que possibilite uma Educação Caiçara, que marque o estudante no sentido de fazê-lo pensar sobre sua identidade e seu pertencimento territorial.

Mais tarde conheci o pensamento de Renata Aspís que vai na mesma linha de Larrosa e faz uma ponte mais pedagógica com a experiência interligando-a com a filosofia. Renata Aspís também acredita que a experiência transforma a pessoa e a faz filosofar. A partir desse conceito de Renata Aspís, Silvio Gallo, Jorge Larrosa, Deleuze & Guattari e de outros pensadores acadêmicos estruturei esta tese de doutoramento.

Abaixo apresento um lança de fechamento manifestando minha vontade de que as experiências filosóficas e literárias aconteçam nos *portos de pescas* de manjuba em Iguape. Para tanto, criei a conversa que segue entre anciãos e acadêmicos.

“Aquela manhã vinha se apresentando ao Mar Pequeno, à praia e à mata por meio de um sol escaldante e de céu azul. Tapari, Nhá Domingas e João Zito encontram-se no *porto de pesca* e aguardam a filósofa Renata Aspís, o indígena Ailton Krenak, o professor Larrosa, o antropólogo Lapoujade e o filósofo francês Deleuze para uma conversa sobre experiências filosóficas. Assim que os filósofos chegam, Nhá Domingas os convida para se aproximarem de uma mesa improvisada com uma canoa varada e virada de *boca para baixo*. Em volta da canoa a conversa tem início.

Nhá Domingas apresentou-se e apresentou seus amigos. Na sequência, cumprimentou e agradeceu a filósofa e os filósofos presentes e passou a palavra para João Zito. O ancião também agradeceu pela oportunidade, cumprimentou os presentes e passou a falar que estavam ali reunidos para conversar sobre Experiências Filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape, relacionando saberes tradicionais e acadêmicos. Em continuidade, João Zito pediu para que Tapari mediasse a conversa fazendo as perguntas. Tapari aceitou o convite, agradeceu aos presentes e deu início aos questionamentos.

Tapari: Nhá Domingas, como falar sobre a pesca da manjuba para os estudantes caiçaras?

Nhá Domingas: Pela *repona da maré*. Porque a *repona da maré* é uma fala da água com os estudantes, mas elas precisam sair da escola e chegar até aqui, bem perto do rio

para experimentar essa fala, sentir a flexibilidade da água viva. Mas não basta só isso, é preciso que tenha alguém para mostrar a vida que está na água. Um pescador ou pescadora experiente pode fazer esse papel. A vida da água está na enchente e na vazante. São estes dois movimentos que fazem a água falar. O pescador experiente diz para a criança que quando a água está enchendo o rio tá dizendo que pode pescar. Ele mostra que a praia vai diminuindo porque a água tenta esconder a areia. A areia da praia também precisa tomar banho e dar de beber aos moluscos e outros seres que vivem em seu interior. O pescador ainda diz para o estudante que a enchente leva os peixes para dentro do mangue, onde eles encontram comidas na lama. Quando a vazante começa a levar a água de volta ao oceano, o pescador aponta o aguapé descendo o rio e diz que a água está vazando. Assim, os estudantes aprendem a conversar com a água. O pescador experiente propicia as experiências filosóficas que se dão por meio das conversas com as palavras enchente e vazante. Essas palavras são germinantes porque por meio delas os estudantes vão se aproximando da pesca e aprendendo a dialogar com a água. Eis aí um exemplo de experiência filosófica por meio das palavras germinantes enchente e vazante.

Terminada a fala de Nhá Domingas, Krenak levantou a mão e pediu para comentar. Ele disse que “alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a Terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres” (Krenak, 2020, p.45). Continuando sua fala, Krenak acrescentou que entende as experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba como uma oportunidade de mostrar aos estudantes a relação que existe entre a vida humana e a natureza. Assim, as experiências filosóficas devem ser um momento em que os estudantes podem dialogar com a natureza possibilitando que aconteça uma compreensão de que o ser humano precisa viver integrado no mundo.

Tapari pergunta a João Zito: Mostrar o processo da construção de uma canoa de um pau só promove uma experiência filosófica?

João Zito: Sim, pois a canoa pode ser vista como uma forma do pescador levar o chão firme para dentro da água. Aqui onde estamos, o artesão e o pescador trabalham em chão firme que possibilita pisar despreocupadamente. Lá dentro da água não é assim, pois o pescador precisa respeitar a regra da canoa. Ele não pode pisar de qualquer jeito porque a canoa vira e ele vai para o fundo do mar. Por isso, o artesão, o construtor de canoa de um pau só, precisa saber das técnicas da construção, da sabedoria que vem da sua ancestralidade. Trabalhar com os estudantes a ideia de que a canoa é uma transferência do chão firme para dentro da água é

uma experiência filosófica que ajuda o estudante a criar, inventar, fabular sobre o pescador de manjuba.

Enquanto João Zito ia respondendo à pergunta de Tapari, Deleuze entrou na conversa e afirmou que a filosofia é uma “[...] arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (Deleuze & Guattari, 1992, p.10) e que João Zito estava ali apresentando uma invenção sobre a canoa, e que para o filósofo francês podia ser visto como uma produção de conceito filosófico.

Tapari seguiu nos questionamentos e olhando para Nhá Domingas, que se encontrava ao lado de Lapoujade, perguntou qual seria a função da rede da manjuba na explicação das experiências filosóficas. A anciã disse que a rede significava para ela uma conversa, um acontecimento entre-dois antes de começar um tecimento. O pescador conversa com a rede antes de fazê-la ou de usá-la. Uma conversa que acontece tanto no momento de produzir a *panagem*, no trabalho de entralhar e na hora de pescar. As malhas de uma rede são produzidas conforme o tamanho do peixe que o pescador necessita capturar. Tecer uma rede é um acontecimento entre dois seres, que por meio das mãos produzem os nós e as malhas. Como disse Lapoujade que estava ao seu lado: “no entre- dois, mas antes que eles estejam ali” (Lapoujade, 2017, p.31).

Seguindo para a finalização da conversa, Tapari convidou Renata Aspis e Jorge Larrosa para fazerem as considerações finais acerca das experiências filosóficas. Larrosa começou falando que o “homem é um vivente com palavra e que o homem é palavra, pois para ele todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra” (Larrosa 2002), e nesse embalo da fala afirmou ainda que experiência é o que nos acontece, o que nos toca.

Fazendo um gesto de afirmação e concordando com tudo que ali havia sido conversado, Renata Aspis (2009) disse que a “experiência filosófica é a experiência de fazer filosofia”.

As experiências filosóficas e literárias entre pescadores de manjuba de Iguape têm essa pretensão: fazer filosofia. Fazer filosofia pelo contato com os pescadores e pescadoras, com sua história, com seus dizeres sobre a água, praia a mata. Fazer filosofia com suas preocupações sobre a continuidade da pesca e seus sucessores. Fazer filosofia buscando conhecer e valorizar as coisas simples que um pescador concebe como seu amigo. Fazer filosofia para que aconteçam as experiências filosóficas que nos ajudem a “encontrar razões e acreditar nesse mundo” (Lapoujade, 2017, p.16).

Descendo todos para perto do Mar Pequeno e posicionando-se ao lado de uma canoa disposta na fiada do lanço, Nhá Domingas empunhou um remo de *guacá* e sinalizou que Deleuze embarcasse na proa da canoa para atuar como proeiro. João Zito o ajudou a embarcar e entregou o remo em suas mãos. Vendo que Deleuze já se afirmava na proa, Nhá Domingas chamou Krenak para atuar como chumbereiro do lanço. Emproando a canoa para o lanço, entregou o cabo da *caloada* nas mãos de Lapoujade e Larrosa para que ficaram na praia sustentando a rede. Renata Aspís pediu para registrar o momento e torcer para que lanço acontecesse com sucesso. Tapari e João Zito auxiliavam os filósofos na pescaria.

Enquanto caía a tarde, tocada pelo vento Leste e assistida pelo pôr do sol, Nhá Domingas partia para dentro do Mar Pequeno para lançar a rede de manjuba. Pacientemente, a anciã remava a canoa e ensinava os filósofos a remarem e a lançarem a rede ao mar. Os guarás vermelhos e as garças brancas pareciam assistir ao lanço com aquelas pessoas diferentes.

Já anoitecido, estavam todos satisfeitos com as experiências filosófica que haviam vivido no *porto de pesca* de Iguape prontos para saborearem as manjubinhas na companhia do limão rosa e de um bom gole de cataia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Guilherme. **Planeta água**. Disponível em: <<https://guilherme-arantes.lyrics.com.br/letras/46315/>>. Acesso em 24 de jan. de 2024.

ARRUDA, João. ROSA, Adriano. **Loa de rio**. Venta Moinho. CD-ROM.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. p. 305-320. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS DA JUREIA - Disponível em: <https://ajjureia.wordpress.com>. Acesso em 14 de jun. de 2022.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BENAZERA, Clara; CAVANAGH, Julie. Burocracia, ciclo econômico e espaço familiar no Vale do Ribeira. *In*: Org. Diegues. **Enciclopédia Caiçara: o olhar estrangeiro**. São Paulo: Hucitec: Nupaub, 2005. v. 3.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo. Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas, v1).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Caixa de correio - Poesia reunida 1966-2013**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARNEIRO, Rafaelle Rocha Souza. **A pesca da Manjuba (*Anchoviella lepidostotole*) e o canal do Valo Grande: Uma relação de (dês) continuidade em Iguape/SP**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em geografia humana na faculdade de filosofia, letra e ciências humanas da Universidade São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O chocalho do xamã é um acelerador de partículas?** Por Renato Silvana Nascimento e Sztutman Stelio Marra. Publicado originalmente na revista Sexta-feira, número 4 - Corpo, em 1999. Disponível em: <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2013/01/viv-de-castro0-chocalho-do-xamc3a3.pdf>. Acesso em: 08 de dez. de 2022.

CASTRO, Rodrigo Ribeiro de. **Expulsão por cansaço e resistência: etnografia das relações de poder no conflito territorial da Juréia (SP)**, Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**; Volume único, ensino médio. 3ª. Edição. São Paulo, Ática, 2016.

COMENTÁRIOS A RESPEITO DE JOHN. BELCHIOR. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/1448417/>. Acesso em: 20 de jun. de 2024.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. 3. reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a. v. 3.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 15 ed. reformada e ampliada. São Paulo, Saraiva, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3 Ed. São Paulo, Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonzo Munoz. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992. P 288. (Coleção TRANS).

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). Enciclopédia Caiçara, V2. São Paulo: HUCITEC, CEC/USP, 2005.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1.ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FORTES, Roberto. **Iguape... Nossa História**. Obra em 2 volumes. (Volume I). Iguape/SP, Gráfica Somet ind. e com. Ltda, 2000.

FRANCO, Paulo Cesar. **Oficina de fandango caiçara como vivência de educação popular na Associação dos Jovens da Juréia-AJJ/Barra do Ribeira, Iguape/SP**: reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras. Dissertação de Mestrado em Educação defendida no PPGED-UFSCar-so, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2815>>. Acesso em: 20 de nov. de 2022.

FRANCO, Paulo Cesar. **Escola Caiçara da Juréia**. Educação Caiçara na comunidade da Cachoeira do Guilherme, Iguape/SP. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/escola-caicara-da-jureia/>>. Acesso em 19 de set. de 2022.

FRANCO, Paulo Cesar. **Tapari e suas narrativas caiçaras**. Ilustradores: Mara C. Santos (Mara Zine), Vanderlei Ribeiro (Deco). Peruíbe, SP. Editora Inteligência, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. Volume único. 1 ed. São Paulo, Scipione, 2013.

HONORATO, Vanessa Muniz. **Racismo ambiental na Juréia**: o impacto da Estação Ecológica (ESEC) na medicina tradicional caiçara. Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, da

Universidade Federal do Paraná, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/86391>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

INGOLD, T. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10, 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.43552. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/43552>. Acesso em: 14 out. 2023.

INGOLD, Tim. trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. University of Aberdeen – Escócia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ed.atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami**: Trad. Beatriz Perrone-Moisés; Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1ª. Ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem**. Cadernos SELVAGEM publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2020. Disponível em: <https://selvagemiclo.com.br/2023/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO12-AILTON.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização de Rita Carelli. 1ª. Ed. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 20 de set. de 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**, 5.ed. revista – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MELO, Teresa Mary Pires de Castro. **A Floresta, a Mesa e as Leis: espaços, comunicação e mudança cultural em comunidades tradicionais da Estação Ecológica Jureia-Itatins**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Saudades de amanhã**. Ilustrações: Laerte Silvino. 1. ed. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2015.

NÉMETH, Peter Santos. **Feitio da canoa caiçara de um só tronco: A cultura imaterial de uma nação**, em 25 linhas. Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN. Colaboração: Luiz Bargmann Netto. São Paulo, 2011. Disponível

em:<https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/DOSSI%C3%8A%20IPHAN%20V14.pdf>. Acesso em: 10 de abr. de 2023.

NUNES, Márcia. **Do passado ao futuro dos moradores tradicionais da Estação Ecológica Juréia-Itatins/SP**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/D.8.2004.tde-12082004-153758. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

NUPAUB - Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br>. Acesso em 14 de junho de 2022.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007 – (Coleção Ponta de lança).

OTSUKA, Karina Ferro. **De Caiçara em Caiçara - Pela manutenção dos afazeres do dia a dia e da Cultura Tradicional**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Escultura) - Universidade Cidade de São Paulo.

PASCALICCHIO, Daniel. **Dias de Caiçara**. Fotografia de Vito D'Alessio. São Paulo: Dialetto Latin American Documentary, 2006.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa – intervenção e produção de subjetividade** - Porto Alegre: Sulina, 2012.

RACIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**; Tradução de Lilian do Valle- 3.ed. 5ª. reimpressões. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIBEIRO, Lélis. **Ribeira: um rio em nós**. Eldorado, (SP): SK Editora, 2013.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Pedro Süsskind. - Porto Alegre: L&PM, 2009. (Coleção L&PM Pocket Plus).

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ética, estética, política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em 23 de set. de 2021.

SANCHES, Rosely Alvim. **Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins (litoral sul-São Paulo)**: uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem-meio ambiente. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41134/tde-17112021-165546/>. Acesso em: 08 out. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ed. Piseagrama-UBU, 2023.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias**: existência e sentidos. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**: O que é, como se faz. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002, p.23.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

WUNDER, Alik. **"Encontro de águas" na Barra do Ribeira**: imagens entre experiências e identidades na escola. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

WUNDER, A.; MARQUES, D.; RODRIGUES DE AMORIM, A. C. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43043>. Acesso em: 23 ago. 2023.

## APÊNDICE

**Abanar o arroz:** Após o soque do pilão, utiliza-se a “pá”, uma espécie de peneira para abanar o arroz, ou seja, separar o grão da casca.

**Abanada:** Lanço de manjuba que não captura peixe.

**Aguapê:** De origem Guarani, significando “água redonda”, Planta aquática que habita no rio Ribeira e que dá nome ao município de Iguape.

**Agulha de madeira:** Objeto onde é recolhido o fio de náilon, é utilizado para tecer as malhas da rede.

**Alvorocado:** Mexido, desorganizado, turbulento.

**Apagar o farol:** Diz para o pescador que chega atrasado na praia para pescar.

**Arco de pua:** Ferramenta para furar a madeira.

**Atiçando:** Mexendo nos tições para atear o fogo.

**Bacacarê:** Molusco que vive na areia da praia e se alimenta de pegoava. O caiçara faz farofa de babacarês para compor o café caiçara.

**Boca da barra:** Foz do rio Ribeira de Iguape e do Mar Pequeno. Local perigoso para a prática da pesca da manjuba bem como de outros tipos de pesca.

**Boca para baixo:** Quando o lanço da manjuba é realizado de modo contrário.

**Bojo:** Fundo da canoa, local onde os pés são firmados com segurança.

**Caceia:** Um tipo de rede que é usada para pescar no lagamar da praia. Caceiar é lançar a rede ao mar, normalmente nadando, para que ela seja levada pela corrente marítima até um ponto que o pescador verifique que tem peixe malhado e puxa a rede para fora do mar para o desmalhe do peixe na praia.

**Calão da rede:** Madeiras que são amarradas nas extremidades da rede para abrí-la na água e dar suporte para amarrar o cabo das caloadas de fora e de terra, que servem para puxar a rede para a praia.

**Caldeirada de peixe:** Comida típica da cultura caiçara que consiste no cozimento de peixes com muitos temperos e caldo, que normalmente é consumida com farinha de mandioca.

**Caloeiro:** Pescador que puxa o cabo da caloada pela praia não precisando entrar na canoa para realizar o lanço da manjuba.

**Canoa de um pau só:** Canoa construída com uma única madeira. A canoa de um pau só pode ser ribeirana, que é usada para pescar no rio ou batelão, usada para pescar no mar.

**Canoa varada:** Canoa que fica fora do rio, em local seguro e protegido do intemperismo.

**Casadinho de manjuba:** Faz parte da culinária caiçara e é preparado com filé da manjuba, farinha de mandioca e temperos à vontade. Muito apreciado por turistas que degustam a iguaria bebendo cerveja ou caipirinha.

**Catar malhado:** Pegar a manjuba que malha na rede.

**Catas de pegoavas:** São espaços na praia onde as pegoavas se reúnem. Pegoava é uma qualidade de marisco que vive em colônia submersa na areia da praia. Elas surgem quando a maré começa a reportar, ou melhor, encher na praia.

**Caúna:** Árvore da Mata Atlântica abundante no litoral que o caiçara usa para fazer lenha.

**Cavacos:** Pedacos de madeira que são produzidos no processo de cavouco da canoa.

**Cavouco:** Processo de construção da canoa de um pau só. Esculpir a madeira para construir a borda da canoa.

**Caxeta:** Árvore utilizada pelo caiçara para confeccionar artesanato. A viola fandagueira e a rabeça são instrumentos confeccionados com caxeta. A caxeta além de permitir um excelente acabamento no instrumento e ótima qualidade do som, também é uma madeira sustentável porque tem a capacidade de rebrotar e permitir que a árvore se regenere com facilidade.

**Cerco de taquara:** Armadilha de bambu (taquara) que captura os peixes selecionando os maiores e mantendo-os vivos dentro do cerco.

**Cestos de peixes:** Os cestos geralmente são confeccionados com timbopeva e usados para carregar os peixes da praia para casa quando se vai passar picaré na costa do mar.

**Cevadeira:** Pessoa que ceva a mandioca, ou seja, rala a mandioca na roda de ralar ou bolandeira para produzir a massa da mandioca, que ao ser torrada obterá a farinha.

**Cevar:** Trabalho da cevadeira que rala a mandioca para obtenção da massa que será utilizada para a fabricação da farinha de mandioca e seus derivados.

**Chumbereiro:** Pescador que lança da canoa o chumbo da rede no rio durante a realização do lanço da manjuba.

**Ciscal:** Local onde são depositados os ciscos da casa, tais como cascas de mariscos e outros lixos orgânicos.

**Cócoras:** Forma de sentar sem usar bancos. Ex. “João Zito gostava de ficar de cócoras”.

**Concertar:** O concerto escrito com a palavra “C” é usado pelos caiçara para limpar um peixe, por exemplo. Assim, como um concerto de música exige treino e organização para acontecer de forma harmônica, o “concerto” de um peixe também precisa ser bem “orquestrado, preparado” para não estragar. O “concerto” de um peixe segue as etapas das retiradas de esporas, escamas, vísceras e cortes onde são colocados sal para conservar e depois defumar.

**Cópio da rede:** A metade da rede onde as manjubas ficam concentradas (cercadas) no momento em que os lanços vão se fechando.

**Corda da caloadá:** Cordas ou cabos que são amarrados nos calões e que servem para puxar a rede toda para a praia.

**Corte da janta:** Pescaria de uma certa quantidade de peixes que garanta o jantar e, às vezes, a mistura do café da manhã do dia seguinte.

**Corrico:** Rede tecida com náilon para pescar manjuba. O corrico é um tipo de rede para pesca na superfície da água, diferente da rede de arrastão que é considerada predatória.

**Costa do mar:** Região do mar onde o caiçara pesca com o picaré.

**Cópio:** Parte da rede de manjuba onde se concentra o cardume de peixe capturado pelo lanço.

**Cóvo:** Instrumento de pesca confeccionado com bambu e tecido com cipó para pescar no rio.

**Deixa da maré:** Região da praia onde a maré (onda) perde a força e volta para o mar.

**Desvarar:** Levar a canoa do barranco para a água onde ela vai se manter na fiada até chegar à reponta da maré.

**Entralhar:** Fixar, por meio de uma agulha e malheiro, a panagem nos cabos que contêm as boias e os chumbos.

**Entulhar:** Encher, impedir a passagem de. Fala-se entulhar para o rio que está com muitas madeiras trazida pelas ondas do mar. Ex. “O rio do valo está entulhado de madeiras do mar”.

**Esgote:** Vasilha que retira a água da canoa.

**Esgotar a canoa:** Retirar a água da canoa para a mesma não afundar.

**Espaço Caiçara:** Projeto cultural desenvolvido na EE Sebastiana Muniz Paiva, Barra do Ribeira, Iguape, com o objetivo de resgatar, valorizar e dar continuidade à cultura caiçara.

**Estar com a pedra:** Diz-se para quem não tem sorte de realizar uma boa pescaria.

**Estivas:** Madeira roliças que são colocadas debaixo da canoa para varar (guardar no porto de pesca) e desvarar (levar para o rio).

**Estrepe:** pedaço de pau que as pessoas machucam os pés quando caminham pela trilha. Ex. “Tapari estrepeou o pé numa ponta de pau”

**Farinha manema:** A farinha manema difere da farinha branca pelo fato de que no seu preparo uma parte da mandioca é colocada na água até entrar no estágio de decomposição, que é chamado de mandipuva. A mandipuva é misturada na massa da mandioca e depois peneirada para adquirir grãos maiores que a farinha branca e, na sequência, levada ao forno onde é torrada.

**Feito nas coxas:** Diz-se para alguma coisa que é feita sem muito trato no acabamento. Essa expressão vem da fabricação das telhas de barro que eram feitas na coxa, uma parte da perna. Portanto, sem muito acabamento.

**Fiada:** Fila de canoas com redes para soltar o lanço. Ex. “João Zito chegava bem cedo na praia do rio para colocar a canoa na primeira posição da fiada”.

**Fibras de tucum:** Cordão que no “Tempo dos Antigos” era utilizado para fazer redes de pesca e redes para balançar crianças.

**Fio de náilon:** Foi comprado na loja que serve para fazer a rede ou reparar a própria rede.

**Fonte de rio:** Parte de um rio onde os caiçaras “concertam” os peixes e realizam outros afazeres.

**Frenteiro:** Canoa da equipe de um ancião que coloca a canoa na primeira posição da fiada.

**Galhada:** Árvore que cai na margem do rio e passa a servir como esconderijo de peixes. Ex. “Nhá Domingas jogava a tarrafa próximo da galhada”.

**Gamela de araribá:** Artefato bem resistente que serve para armazenar frutas, farinha e peixes “concertados”.

**Gamelada de pererecas:** Perereca é o nome dado a uma espécie de beiju preparado com polvilho, ovos e açúcar e torrado no forno após o preparo da farinha de mandioca.

**Garrafadas:** Remédios produzidos com plantas medicinais da Mata Atlântica. Ex. “João Zito fazia garrafadas para curar machucados”.

**Guacá:** Madeira típica da Mata Atlântica que o caiçara utiliza para construir remos e outros artefatos da pesca.

**Indiana:** Fio extraído de cabos que se desprendem de embarcações marítimas e acostam na praia. O fio de indiana parece com o náilon e era usado pelos caiçaras para tecerem redes de espera e picaré.

**Jerivás:** Rede pequena entalhada em estrutura semicircular que é arrastada pelo fundo do rio para capturar camarão.

**Lagamar:** Região profunda do mar paralela à praia. No lagamar move-se a corrente marítima.

**Lanço da manjuba:** O lançamento da rede de manjuba no rio para capturar o cardume de peixe.

**Limão rosa:** Limão caiçara que nasce na mata e adquire uma coloração avermelhada quando amadurece. Fruta cítrica muito utilizada pelo caiçara para temperar peixe e outros alimentos, bem como para preparar as caldeiradas.

**Linhadas:** Linha de pesca que é enrolada numa madeira para ser lançada ao rio ou mar para fisgar peixes grandes e médios. Antes do aparecimento das varas com molinetes, os caiçaras pescavam com linhadas.

**Lombada:** Para o caiçara, lombada é um terreno alto onde é bom para plantar roça de mandioca.

**Malheiro:** Objeto de madeira que é utilizado para tecer a rede dando segurança e uniformidade às malhas.

**Mandiquera:** Líquido extraído da mandioca que após decantar produz a fécula, ou seja, o polvilho para ser utilizado na produção do beiju ou tapioca caiçara.

**Mar Pequeno:** Braço de mar conhecido como Complexo Lagunar Iguape/Paranaguá, local onde acontece a pesca da manjuba em Iguape e berçário de variadas espécies marinhas. O Mar Pequeno começa no município de Iguape, Estado de São Paulo, e vai até o município de Paranaguá, no Estado do Paraná.

**Marisco branco:** O marisco branco tem a concha branca e habita na areia da praia igual a pegoava, mas não vive em colônia. O marisco da pedra tem o concha escura.

**Mestre da canoa:** Pescador experiente que representa a equipe e realiza os lanços de manjuba.

**Misturas:** As misturas caiçaras provenientes do rio e do mar são compostas por peixes e crustáceos sendo que esses últimos são representados por tatuíras, babacarês, pegoavas, mariscos brancos e siris tingas.

**Miuçalhos:** Cardumes de filhotes de manjubas que adentram o Mar Pequeno no início da safra da pesca da manjuba. Os miuçalhos atraem outros peixes que são capturados pelos cercos de taquaras instalados na beira do Mar Pequeno.

**Mutirão de Fandango:** Atividade coletiva realizada pelas comunidades tradicionais caiçaras da Juréia, que envolvia trabalho braçal para plantio de roça de mandioca ou outro serviço coletivo, reza coordenada por líder comunitário que curava com ervas medicinais e o Fandango caiçara que finaliza o evento com baile de confraternização entre os envolvidos.

**Mutirão de varação:** Trabalho coletivo para transportar a canoa de dentro da mata para o terreiro (quintal caiçara) do canoeiro local onde facilita o acabamento da embarcação.

**Náilon:** Linha flexível e resistente que é utilizada para tecer redes de pesca e também é muito utilizada para pesca em carretilhas, molinetes e varas de mão. Substituiu os fios de tucum e algodão que teciam as redes antigamente.

**Palanque:** Qualquer troco de madeira ou objeto onde é palanqueada, ou seja, amarrada a rede de manjuba para facilitar o fechamento do lanço.

**Panagem:** Panagem é o tecimento da rede sem estar entalhada na corda da boia e na corta do chumbeiro.

**Panagem de tarrafa:** É diferente de uma panagem rede comum porque na tarrafa há acréscimos e seu formato é parecido com um cone.

**Passanguva:** Nome atribuído à uma madeira onde são pregadas as paredes que dividem os cômodos da casa. As passanguvas funcionam como uma espécie de prateleira onde são colocadas lamparinas e outros objetos.

**Pedra:** Na pesca da manjuba, a expressão “estar com a pedra” significa pescar pouco peixe durante a safra de manjuba.

**Pegoava:** Pegoava é um molusco que habita na areia da praia e vive em colônia chamada cata.

**Pesca de cerco:** Pesca feita pelo cerco de taquara e normalmente utilizando-se uma rede pequena com cabos para capturar os peixes que estão dentro do cerco.

**Picaré:** Rede com aproximadamente 15 metros de comprimento para pescar tainhas e paratis na costa do mar. O picaré tem calções para os pescadores realizarem os lanços.

**Pinchar:** Jogar no monturo, lançar fora.

**Pirão:** Prato típico caiçara preparado com molho de peixe e farinha de mandioca. Coloca-se primeiro a farinha no prato e depois despeja o molho quente para cozinhar a farinha produzindo o pirão. Acompanha limão rosa e pimenta a gosto.

**Pitueira:** É o cheiro característico da manjuba e de outros peixes. Normalmente, o pescador experiente sente o cheiro (pitiu) da manjuba na hora da reponta da maré. A pitueira indica que o cardume de manjuba está vindo do mar para dentro do rio e alerta os pescadores para uma boa pescaria.

**Portos de pesca:** Locais onde são guardadas as embarcações e locais onde também acontecem a pesca da manjuba e de outros pescados.

**Produzidas na coxa:** Telhas de barro produzidas artesanalmente na coxa do artesão.

**Proeiro:** Pescador de manjuba que rema a canoa na proa da embarcação.

**Rabeiros:** Pescadores que chegam por último à praia e posicionam suas canoas com redes no final da fiada.

**Rabada:** A realização de um lanço de manjuba antes do freiteiro, ou seja, a primeira equipe que tenha colocado a canoa na fiada.

**Rebojo:** Virada do tempo que sinaliza a chegada do vento sul trazendo tempestade.

**Recarmo da lenha:** Momento no final do dia quando a chuva dá uma trégua permitindo que o caiçara vá até a roça buscar lenha e manter o fogo aceso para preparar o jantar.

**Rede de espera:** Tipo de pescaria que a rede permanece fixa no mar esperando o peixe malhar na panagem.

**Rede de caceia:** Tipo de pescaria que a rede se movimentava no mar pela correnteza e é controlada por um cabo seguro na praia pelo pescador.

**Reponda da maré:** Momento do dia em que a maré começa a encher. Na reponda da maré a zoadada do mar avisa o caiçara da hora boa de pescar.

**Remo de guacá:** Guacá é uma árvore resistente e típica da Mata Atlântica da qual o pescador caiçara utiliza sua madeira para confeccionar o remo de guacá que é o instrumento para conduzir a canoa.

**Remo de voga:** Dupla de remos que o pescador utilizava para conduzir a canoa pelo Mar Pequeno no “Tempo dos Antigos.”

**Restolho:** Pedacos pequenos de mandioca que são dispensados do processo de ralar para serem utilizados na alimentação das galinhas caiçaras.

**Roça de coivara:** É o espaço agrícola do caiçara onde ele planta a mandioca para fazer a farinha. A coivara consiste no corte da mata, pousio para secagem da madeira, queima das folhas e galhos e depois a retirada das madeiras para o plantio da mandioca e de outros cultivos.

**Sapecar-se:** Receber a fumaça do fogão à lenha no corpo na hora de visitar um recém-nascido.

**Siri tinga:** É um crustáceo que vive no mar, alimenta-se da pegoava e é facilmente capturado pelo picaré.

**Sola do pé:** A parte inferior do pé que fica em contato com a terra e vai engrossando à medida que a pessoa não usa calçados. Ex. “A sola dos pés de João Zito era grossa de tanto andar descalço”.

**Soque do pilão:** Uso do pilão por uma ou mais pessoas. O soque é o barulho que a mão do pilão faz no momento que moe a semente do arroz, do milho e de outros cereais. O caiçara realiza o soque do pilão para fazer paçoca ou descascar o arroz para produzir cuscuz.

**Surucar no lodo:** Cair em local lamacento, escorregar da ponte.

**Tapari:** Palavra de origem Guarani que significa peixes do Brasil ou emaranhado de cipós.

**Tatuíra:** Espécie de crustáceo que vive na praia e tem características de um tatu e, por essa razão, é chamada de tatuíra. A tatuíra é muito procurada pelos pescadores para usá-la como isca na pesca dos robalos, por exemplo.

**Tarimba:** Cama construída com madeira do mato, pouco confortável.

**Tempo dos Antigos:** Diz-se para o modo de vida caiçara até 1960.

**Terreiro:** Quintal caiçara.

**Timbopeva:** Cipó nativo da Mata Atlântica usado para confeccionar cestos. Dentre os cestos confeccionados por timbopeva está o tipiti que é utilizado para secar a massa da mandioca para ser usada na fabricação da farinha de mandioca torrada.

**Tipiti:** É um cesto de origem guarani que o caiçara usa para secar a massa da mandioca e depois torrar no forno para produção da farinha. O tipiti é diferente de outros cestos porque o trançado suporta mais pressão no momento de secar a massa de mandioca.

**Tráfico de farinha:** Casa de fazer farinha de mandioca artesanal. No tráfico de farinha tem roda de ralar ou bolandeira, forno de metal, coxo, pilão, tipiti e outros artefatos da Cultura Caiçara.

**Tucum:** Palmeira típica da Mata Atlântica de onde os antigos retiravam as fibras para tecer as redes.

**Tupé:** Estrutura montada sobre o fogão à lenha para receber a calor e fumaça que atuam na defumação dos peixes e outros tipos de carnes.

**Varejões:** São varas de bambus que o caiçara usa para pescar no costão da Juréia onde captura sargos e garoupas, peixes que vivem nas tocas das pedras.

**Valo Grande:** Canal artificial aberto em 1852 para interligar o rio Ribeira de Iguape ao Mar Pequeno. O Valo Grande é considerado um dos maiores desastres ambientais do Vale do Ribeira e da costa brasileira.

**Vanzeiros:** Pequenas ondas causadas pelo movimento do cardume de peixes.

**Zoad do mar:** Barulho do mar, das ondas. O caiçara se orienta pela zoad do mar para pescar, para saber se o tempo vai chover ou fazer sol. Quando o zoad do mar é ouvido para o lado do sul significa que o tempo vai virar e ter tempestade. Quando é ouvido do lado do leste, significa tempo bom. O zoad do mar também sinaliza a reponta da maré, que é o período bom para pescar.

## ANEXOS

Desenho de Sophia sobre sua avó, Nhá Domingas, lavando roupa no Ipiranga





## Parte 02

PALAVRAS DE SOPHIA (Julia)



EM PERUIBE EU NASCI, EM PERUIBE QUERO MORAR, MAS ENQUANTO CONTINUO EM IGUAPE, TENHO DE APROVEITAR:  
TANTAS HISTÓRIAS, QUE CONHECI, NEM TENHO DEDOS PARA CONTAR, E DE SUAS HISTÓRIAS NA SUREIA "ADORO" ESCUTAR, SINTO LA' A BRISA LEVE DO MAR, OS SONS DOS PASSARINHOS É UM PRIVILEGIO ESCUTAR, INCLUSIVE NO VALO AMO ME BANHAR

PAPAI QUERIDO, TENHO COISAS A TE FALAR

VOE COM O VENTO, O VENTO LEVE DO MAR, MERGULHE NA IMAGINAÇÃO COMO SE FOSSE SE BANHAR, E NUNCA SE ESQUEÇA DE SONHAR.

MEU CORAÇÃO É DA SUREIA, E NA SUREIA VAI MORAR, GUARDANDO RECORDAÇÕES DE IMAGENS DO MAR, PARA SE UM DIA ME MUDAR CONTINUAR ~~VIVENDO LA'~~ LEMBRANDO DE LA'

AMU  
TE PAI

# MEU DOCTOR  
FAVORITO 10107  
2024

Rio Ribeira de Iguape

